

Introdução

O presente trabalho destina-se a abordar paratextos de Walter Scott que acompanharam a publicação das suas obras, segundo uma perspetiva programática ou até mesmo panfletária. Os paratextos funcionam como sinalizadores de significação, como informação paralela, mas indispensável, no contrato de leitura entre o leitor e o apresentador da obra, entre o leitor e o autor, entre o leitor e o narrador. Deste modo as obras narrativas selecionadas (apesar de haver outros modos literários) de Walter Scott não suscitam apenas a análise literária dos enredos, personagens, tempo e espaço e periodização literária. Os paratextos em Scott não têm sido alvo privilegiado de análise, como os enredos das suas narrativas e os *apports* histórico-políticos associados, daí serem menos explorados pelos críticos literários; o que os torna apelativos é a natureza didática e irónica com que o autor se relaciona com os leitores, pela forma inovadora de um jogo de identidades e de estratégias editoriais, que desafiam a leitura e a visão dos contextos vivenciados pelos leitores, quer tratando-se de paratextos que acompanharam as primeiras edições, quer paratextos que Scott escreveu para a sua edição *Magnum Opus*¹, conhecida por edição Cadell 1829-33, ou apenas edição Cadell.

A localização desses textos no tempo e no espaço fornece informação programática, demonstrando os propósitos de Scott em inovar através do romance histórico elevando, ocupando a mente com histórias com gente dentro, e não histórias fantásticas que desviem as mentes jovens do mundo: “If ingratitude comprehendeth every vice, surely so foul a stain worst of all beseemeth him whose life has been devoted to instructing youth in virtue and in humane letters” (Jedediah Cleishbotham in *The Heart of Midlothian, Tales of my Landlord*, Paris, 1831, p. xiii). Scott apela à imaginação e ao envolvimento pessoal do leitor, ajuizando ou valorando, sob o ponto de vista abalizado do narrador, sobre as mais diversas e complexas questões da natureza humana. Os paratextos de Walter Scott promovem a criação ficcional histórica de retorno ao passado (ou reinvenção deste) feito à luz do presente com todas as contradições inerentes, e suscitando o envolvimento do leitor nesse contrato de leitura, propositadamente irónica e programática. Para além da relação entre o editor e o público, temos o estabelecimento da relação entre o narrador e o editor, entre o narrador

¹ A *Magnum Opus*, ou *Magnum* ou edição Cadell são as designações mais comuns para a edição completa das obras de Walter Scott revistas, quase na totalidade, em vida do autor a partir de 1829 até 33.

e o leitor, entre o editor e o leitor. O jogo autoral envolve um editor, geralmente uma persona ou autor putativo de Walter Scott; o leitor aceita a regra do jogo, mas frequentemente vê-se confrontado com um “I” que não encaixa com qualquer dos autores escolhidos ficticiamente para lhe proporcionarem o texto narrativo, a ficção histórica que têm à sua frente.

Uma das limitações impostas ao trabalho é o espaço exíguo, perante a extensão da obra e prolixa produção intelectual de Sir Walter Scott. Selecionaram-se [para]textos das seguintes obras: *Waverley* (1814), *The Antiquary* (1816), *The Heart of Midlothian* (1818), *Ivanhoe* (1819), *The Fortunes of Nigel* (1822), *Peveril of the Peak* (1823), *Quentin Durward* (1823), *Tales of The Crusaders* (1825), *Chronicles of the Canongate* (1st Series 1827; 2nd Series 1828). Foram utilizadas diferentes edições de modo a obter os prefácios, epístolas introdutórias, dedicatórias, introduções, quer pelo autor quer pelos *personae*, autores putativos dos seus textos. A análise será feita para cinco tipos de paratextos: o autor, a epígrafe ou moto, a dedicatória, o prefácio e notas, feitas aquando da primeira edição (quando possível) e posteriormente na edição *Magnum Opus* (e reedições a partir desta), que acrescenta exponencialmente o jogo autoral de Walter Scott.

Esta selecção de obras primárias não exclui a possibilidade de referência a outras, ilustrativas das estratégias utilizadas pelo escritor Walter Scott para melhor chegar aos leitores, destacando-se as seguintes: *Marnion* (1808), *Warverley* (1814), *Ivanhoe* (1819), *The Monastery* (1820), *The Abbott* (1820), *Tales of a Grandfather* (1828-31), *Castle Dangerous*, *Tales of my Landlord* (fourth series) (1831). Pontualmente serão feitas referências a discursos ou notícias alusivas a Walter Scott em publicações da época, notícias da publicação dos novos livros, enquanto autor, ou advogado, ou “reviewer”, ou editor, ou intelectual. Walter Scott no seu melhor, multifacetado e eclético, completo: enquanto compilador de documentos antigos, enquanto descobridor de relíquias do passado, enquanto editor de textos reunidos por *personae*, seus colaboradores ficcionais, enquanto crítico literário em revistas como a *Quarterly Review*, que ajudou a fundar, enquanto homem de letras e estudioso a contribuir com um artigo para a Enciclopédia Britânica, a escrever discursos para os jantares e tertúlias em que participava, a escrever elogios fúnebres em memória de grandes escritores e intelectuais do seu tempo, uma parafernália de escritos, muitos completamente fora do âmbito dos prefácios, introduções, dedicatórias, epígrafes e

notas. A estas, acresce uma múltipla atividade editorial²: variadas edições, com notas acrescentadas e aumentadas em sucessivas edições, em edições de séries conjuntas e posteriormente separadas³; na edição Cadell de 1828 de *The Antiquary* [1^a edição 1816], a “entidade” residente em Abbotsford apresenta, sem assinar, o “Advertisement” e logo a seguir acrescenta “[To the above advertisement (...)] a few words transferred from *The Chronicles of the Canongate* [1827] respecting the character of Jonathan Oldbuck”⁴; como acontece em *Tales of the Crusaders* [1^a edição, 1825], com apresentação de personae de outras obras, cuja Introdução reúne em conselho todos os colaboradores autorais secretos das diversas obras...; onde chega ao ponto de anunciar a publicação de uma obra que só sairá em 1827-28, pelo “autor de *Waverley*”, intitulada *The Life of Napoleon Buonaparte*. Acresce ao acima exposto a publicação de edições especiais para bibliotecas, edições de luxo com ilustrações, económicas, em volumes diferentes e edições mais baratas, &C^a. Por exemplo, relativamente à publicação de *The Tales of my Landlord*, Scott explica nestes termos:

It was mine earnest wish, most courteous Reader, that the “Tales of my Landlord” should have reached thine hands in one entire succession of tomes, or volumes. [Because] (...) my publisher (...) did not approve of novels (as he injuriously called these real histories) extending beyond four volumes. (“Peroration”)⁵

² Veja-se o Anexo 1

³ Por exemplo, na “INTRODUCTION” [by the editor, 1836?] de *CHRONICLES OF THE CANONGATE* (1827), pode ler-se: “THE preceding volume of this Collection concluded the last of the pieces originally published under the *nominis umbra* of The Author of *Waverley*; and the circumstances which rendered it impossible for the writer to continue longer in the possession of his *incognito*, were communicated in 1827, in the Introduction to the first series of *Chronicles of the Canongate*,—consisting (besides a biographical sketch of the imaginary chronicler) of three tales, entitled “The Highland Widow”, “The Two Drovers”, and “The Surgeon’s Daughter.” In the present volume the two first named of these pieces are included, together with three detached stories, which appeared the year after in the elegant compilation called the “Keepsake.” The “Surgeon’s Daughter” it is thought better to defer until a succeeding volume”, ed. Parker: Philadelphia.” – Havia sempre possibilidade de juntar obras e separá-las por questões editoriais; a “Introduction (de 1827)” à obra está identificada e assinada pelo autor: “Walter Scott, Abbotsford, October 1, 1827”.

⁴ Personagem de *The Antiquary*, Jonathan Oldbuck, Laird of Monkbarne, antiquário, metuculoso e incorrespondido no amor.

⁵ *Tales of my Landlord* (2nd series): *The Hearth of Mid-Lothian* (1818), ed. Baudry: Paris 1831, de books.google.com.

Paratextos: formas e funções.

A obra de Gérard Genette *Paratexts: Thresholds of Interpretation* (1997)⁶ é um incontornável estudo nesta matéria e foi ponto de partida para abordar de forma sistemática a questão da função e da forma dos paratextos em Walter Scott (o qual, de resto, Genette utiliza frequentemente para ilustrar muitos aspectos).

[...] the paratext is what enables a text to become a book and to be offered as such to its readers and, more generally to the public. More than a boundary or a sealed border, the paratext is, rather, a threshold⁷, or [...] a vestibule that offers the world at large the possibility of either stepping inside or turning back. It is an “undefined zone” between the inside and the outside, a zone without any hard and fast boundary on either inward side (turned toward the text) or the outward side (turned toward the world’s discourse about the text), an edge [...] (1997:1-2)

Estes elementos permitem e aprofundam a ligação entre o leitor e o texto. São mediadores materiais entre o leitor e o texto que se quer ler (narrativo, lírico ou dramático). A sua localização determina o alcance e a eficácia da sua mensagem ou simbologia e da sua receção,

A paratextual element, at least if it consists of a message that has taken on material form, necessarily has a *location* that can be situated in relation to the location of the text itself: around the text and either within the same volume or at a more respectful (or more prudent) distance. Within the same volume are such elements as the title or the preface and sometimes elements inserted into the interstices of the text, such as chapter titles or certain notes. (Genette 1997:4-5)

O estatuto que estes paratextos assumem, quer no texto, quer na(s) obra(s) publicada(s), reveste-se de uma importância essencial para compreender o esforço contínuo de Walter Scott em ocultar e ao mesmo tempo revelar a sua parte activa na obra (autoria, dedicatória, prefácio, introdução, epístola ou carta, moto, epígrafe, notas e em alguns casos gravuras no frontespício ou página de rosto do livro...) acentuando o seu jogo autoral. A “paratextualidade”, i.e., “Paratextuality”, é um termo usado por Genette que é citado por Richard Macksey introdutoriamente ao livro, e que se reporta aos diversos níveis de abstração que Genette descreve na obra *Palimpsestes*.⁸ E a nós importa

⁶ Obra traduzida do Francês, cujo título original é *Seuils*, Editions du Seuil, 1987.

⁷ “Threshold” concebido como um limiar, uma soleira [da porta], o espaço antes/depois da entrada ou depois/antes da saída.

⁸ Apud Richard Macksey, “Introduction” [*Palimpsestes*, Paris, 1982, 8-12]

destacar a distinção feita entre os textos que encontramos fora do texto (epitexto) e os que encontramos dentro (peritextos):

(2.) Paratextuality: The subject of the present book, comprising those liminal devices and conventions, **both within the book (peritext)** and **outside it (epitext)**, that mediate the book to the reader: titles and subtitles, pseudonyms, forewords, dedications, epigraphs, prefaces, intertitles, notes, epilogues, and afterwords – all those framing elements in the public and private history of the book, its ‘epitext’, that are analysed in the latter part of this volume: ‘**public epitexts**’ (from author or publisher) as well as ‘**private epitexts**’ (authorial correspondence, oral confidences, diaries, and pretexts).⁹[sublinhado meu]

Os epitextos consultados sobre Scott estão relacionados com críticas em publicações periódicas ou textos de outros autores, como por exemplo o texto de Byron, “English Bards and Scotch Reviewers”; e a referência a estes textos, na maioria dos casos, parte das introduções que foram escritas para a edição Magnum, e escritas com algum distanciamento temporal [e ideológico]. Os peritextos dizem respeito sobretudo ao acompanhamento que se faz do texto por epígrafes e subtítulos, notas, adendas ou anexos, nas introduções, nos prefácios, nas epístolas introdutórias, em capítulos e conclusões. Têm a função de remeter a atenção do leitor para o texto que vai ler, fazendo-o aceitar as condições desse contrato de leitura,

There can be but little amusement in winnowing out the few grains of truth which are contained in this mass of empty fiction. I may, however, before dismissing the subject, allude to the various localities which have been affixed to some of the scenery introduced into these Novels, by which, for example, Wolfs-Hope is identified with Fast-Castle in Berwickshire,—Tillietudlem with Draphane in Clydesdale,—and the Valley in the Monastery, called Glendearg, with the dale of the river Allan, above Lord Somerville's villa, near Melrose. I can only say, that, in these and other instances, I had no purpose of describing any particular local spot; and the resemblance must therefore be of that general kind which necessarily exists between scenes of the same character. (*Chronicles of the Canongate*, p.xiv-xv) [sublinhado meu]

E citando Genette (1997:15) “enough of the excuses and precautions, the unavoidable themes or clichés, of every preface: no more dawdling on the threshold of the threshold.”

⁹ Genette, 1997, p.xviii; em nota de rodapé Macksey ainda cita Genette (1982) acerca da assimilação de um texto original ou expressão recorrente cunhada por alguém, que pelo uso desta cria a situação de estarmos na presença de um “hypotext”, como expressão ou texto convencionalizado e não plágio. O termo “paratexto” será no futuro um hipotexto, o qual será usado naturalmente.

1. Nome do autor

O nome do autor é como o registo de paternidade, só que não tem que ser o próprio pai “biológico”. E quando não se quer que se saiba quem é, deixa-se o registo em branco para poder ser revelado mais tarde, quando for oportuno, quando o filho estiver crescido e a sua educação revelar maturidade. A metáfora encaixa na explicação da autoria com a qual Sir Walter Scott joga durante muitos anos.

The name of the author can in fact appear in three main conditions... Either the author ‘signs’ with his legal name: we can plausibly surmise that is the most common case; or he signs with a false name, borrowed or invented: this is *pseudonymity*; or he does not sign at all, and this is *anonymity*. For referring to the first edition, it is fairly tempting to follow the model of the other two and coin the term *onymity*.[...] *Onymity* is sometimes motivated by something stronger or less neutral than the absence of desire to give oneself a pseudonym, as is evident when someone who is already famous produces a book that will perhaps be successful precisely because of his previously established fame. (Genette 1997:39-40) [sublinhado meu]

Se por um lado em 1814 Walter Scott já era reconhecido publicamente pela sua obra poética, por outro estava a experimentar um estilo novo, o romance histórico, e os leitores poderiam não corresponder às suas expectativas; por outro lado, e em caso de sucesso, não poderia assumir um nome autoral ou pseudonímia, porque poderia querer reclamar os louros para si mais tarde, avançando com a confissão de paternidade.¹⁰ Assim, correspondendo às indicações expressas pelo próprio Scott e “Author of Waverley”, “under the rules of **onymity**, the name of the author is the name of whoever is putatively responsible for the work, whatever his real role in producing it” (Genette 1997:40).

Como veremos (cfr. a Parte I capítulo 2) são vários os autores imaginados dos sucessivos romances publicados por Scott desde Waverley (1814) até à publicação da edição Magnum.

¹⁰ Veja-se como em *The Monastery*, o “author of *Waverley*” se dirige ao Capt. Clutterbuck, numa carta de resposta à Dedicatory Epistle deste: “I cannot gratify your literary ambition, by suffering your name to appear on the title page, (...) The editors of your country are of soft and passive disposition (...) and suffering their names to be used by those quacks and impostors who live upon ideas of others”, “(...) I am sorry to observe my old acquaintance Jedediah Cleishbotham has misbehaved himself so far as to desert his original patron, (...) my dear friend, your name should hereafter appear in any title-page without mine, readers will know what to think of you”[ed.1853:46-47]. Com esta observação nós ficamos a saber que o capitão Clutterbuck não é mais do que uma *persona* de Scott e que os seus dias estão contados como autor putativo.

O anonimato de Walter Scott foi estrategicamente calculado: o primeiro romance, *Waverley* (1814), não apresenta autor na folha de **rosto**, e o narrador está na 1^a pessoa; a partir daí seria “The Author of *Waverley*”, e ele permanece sob um manto invisível que o deixa incógnito¹¹, como uma personagem dos seus romances sob uma armadura que mantinha o anonimato nos torneios: “Scott, great literary strategist that he was, had discovered that his incognito, by arousing curiosity, was contributing to the success of his books”, comenta Genette, que caracteriza esta estratégia como “the Austen-Scott formula” (1997:43; 45), segundo a qual se atribui a autoria de uma obra ao autor da obra anterior, e assim sucessivamente. Muitas foram as tentativas de desmascarar a autoria, de estabelecer proximidade entre o autor de *Waverley* e o poeta, e mesmo havendo quem desconfiasse ou adivinhasse quem o verdadeiro autor era, Scott esquivava-se sempre e alimentava o jogo do “agora escondo e depois revelo”. Mas só em 1827 é que a revelação é feita publicamente.¹²

A confirmação do autor na edição Cadell (1829-33) vem na sequência da sua confissão pública de autoria das *Waverley Novels*, muito atempadamente, diria, já que a sua situação financeira lhe exigia a rentabilização e maximização da sua criação literária¹³: sim, trata-se do vil metal, mas ganho honestamente como qualquer artesão na manufatura livreira (in “Introductory Epistle”, de *The Fortunes of Nigel* (1822) ed. Adam and Charles Black; 1863, p.xv)¹⁴. Na edição Magnum, em cuja folha de rosto não consta o nome do autor, podemos encontrar “the advertisement and preface, which are very autobiographical, leav[ing] no doubt about the identity of the author, who dates them from his very well known residence of Abbotsford”¹⁵ – o que, como refere Genette, é suficientemente transparente. Na minha opinião isto já era muito óbvio em 1819, na recensão crítica à publicação de *Ivanhoe* – atribuído ao “mighty wizard of Abbotsford (for we have no doubt of the Scot)” – publicada em *The London Literary*

¹¹ Ian Duncan (2007:281-3) faz referência a “the bust behind the veil”, em que o leitor atento identificaria essa figura semi-velada de uma gravura impressa como frontespício de *Illustrations of the Autor de Waverley*, de Robert Chambers, de 1825; foi feito uso do retrato que Raeburn em 1808 tinha desenhado de Scott, colocando-lhe um véu cobrindo-o parcialmente.

¹² *Chronicles of the Canongate*, edição (1836) de Philadelphia transcreve a confissão de Scott como autor de *Waverley*, e por acréscimo todas as outras obras. Contudo, já a partir de 1818, segundo Genette, o seu tradutor francês Defauconpret indicava “Sir Walter Scott” nas suas edições (1997:44).

¹³ Scott teve dois reveses financeiros e todos associados à indústria livreira: Em 1813, com a falência de John Ballantyne and Co., e mais tarde, em 1825-26, com a declaração de insolvência de Archibald Constable and Co., que levou Scott a penhorar a sua mão criativa, tudo o que ganhasse com obras, a publicar ou já publicadas, para pagar as dívidas.

¹⁴ Acedido através de books.google.com

¹⁵ Genette, 1997: 44, nota 9.

Gazette, Journal of Belles Lettres, Arts, Sciences, etc., no. 153, Saturday, December 25, 1819, p. 817 [1^a página “Review of New Books”].

2. Epígrafe ou moto

A epígrafe ou moto fornece uma pista ao leitor para prever o conteúdo do texto que se segue; sente o conforto da familiaridade que lhe permite reconhecer uma citação famosa, popular ou simbólica; a epígrafe permite ainda alargar o seu saber enciclopédico por comparação com o do autor que, no caso de Scott, parece inesgotável. Pode aparecer no início de capítulos, de secções ou partes, ou mesmo surgir no final de um capítulo, como últimas palavras para reflexão, e é fixada na primeira edição, podendo tratar-se de um excerto, um texto verbal ou não verbal – uma gravura ou um trecho musical (Genette 1997:150)

A memória e erudição de Scott permitiram-lhe citar e utilizar inúmeras citações como epígrafes ou motos. Contudo, é o próprio a afirmar que por vezes eram da sua criação muitas das citações que se pensava serem de alfarrábios velhos encontrados nas diferentes localidades remotas que visitara em jovem e depois no exercício da sua profissão, procurando junto de “antiquaries” qualquer folha solta amarelecida pelo tempo – o seu fundo documental existente em Abbotsford é disso prova, pela quantidade de Fólhos com folhas soltas recolhidas aqui e ali:

The scraps of poetry that have been in most cases tacked to the beginning of chapters in these novels are sometimes quoted from reading or from memory, but, in the general case, are pure invention. I found it too troublesome to turn to the collection of the British poets to discover apposite mottoes, and, in the situation of the theatrical mechanist, who, when the white paper which represented his shower of snow was exhausted, continued the storm by snowing brown, I drew on my memory as long as I could, and, when that failed, eked it out with invention. I believe that, in some cases, where actual names are affixed to the supposed quotations, it would be to little purpose to seek them in the works of the authors referred to.¹⁶

E confessa o prazer que lhe dava inventar aquilo de que se não lembrava ou inventar algum autor para um texto ou excerto que não existia senão na sua cabeça. É o seu jogo autoral, e este prossegue até ao ponto em que se escreve pelo prazer de escrever e se deixar surpreender pelo percurso que as palavras autonomamente tomam:

¹⁶ Retirada da “Introduction” (1827), *Chronicles of the Canongate*, de Walter Scott, de edição de Philadelphia de 1836, p.xv.e que Gerard Genette também cita (1997, p.147).

In some cases, I have been entertained when Dr. Watts and other graver authors, have been ransacked in vain for stanzas for which the novelist alone was responsible. And now the reader may expect me, while in the confessional, to explain the motives why I have so long persisted in disclaiming the works of which I am now writing.¹⁷

(...) by amusing myself with composition, which I felt a delightful occupation, I could also give pleasure to others, and became aware that literary pursuits were likely to engage in future a considerable portion of my time (...)¹⁸

3. Dedicatória(s)

Dedicar algo a alguém apresenta dois propósitos: o de atribuir e o de merecer. O ser humano precisa de tempo e dedicação necessárias para a criação, de quem acredite nas suas capacidades, e assim financie a sua obra. Segundo Genette, a origem da dedicatória é remota, e a sua explicitação é irregular. Não obedecendo a nenhuma regra em concreto, é usada principalmente quando é necessário agradecer a quem paga o pão que se come ou a roupa que se veste, de preferência alguém como um monarca, ou algum nobre a quem se queira distinguir no campo das artes,

So the dedication was generally a tribute that was remunerated, either by protection of the feudal type or by the more bourgeois (or proletarian) coin of the realm [...] The dedicatory epistle is, as a matter of fact, *de rigueur* until the end of the eighteenth century (...); and the proof of this is that the two terms *dedication* and *dedicatory epistle* are at that time wholly synonymous. (Genette 1997:118-9)

No século XVIII a dedicatória também foi alvo de sátiras, de recusas por parte de autores de dedicarem a sua obra fosse a quem fosse, pois não achavam “any worthy recepient”. Veja-se, por exemplo, a curiosíssima “No-Dedication” de William Hogarth, um artista que se destacou pelo seu empenhamento em conseguir sobreviver como artista no exercício da sua arte, apesar da dificuldade em arranjar patronos para algumas das suas obras:

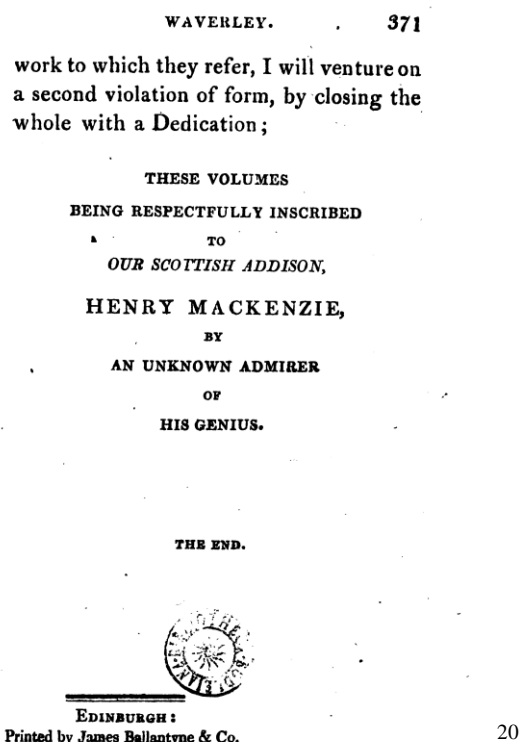
Not dedicated to any prince in Christendom for fear it might be thought an idle piece of Arrogance.
 Not dedicated to any man of quality for fear it might be thought too Affecting
 Not dedicated to any learned body of men, or either of the universities, or the Royal Society, for fear
 it might be thought an uncommon piece of vanity
 Not dedicated to any one particular friend for fear of offending another
 Therefore dedicated to nobody
 But if for once we may suppose nobody to be everybody, as everybody is often said to be nobody,
 then is this work dedicated to everybody

¹⁷ *Ibidem*, p.xv

¹⁸ *Ibidem*, p.xvi; este assunto será posteriormente desenvolvido na Parte II.

by their most humble and devoted
William Hogarth¹⁹

Pode ocorrer, e Genette chama a atenção para este facto, “a dedication at the end of the book [which] is infinitely rarer, but it does have its letters patent of nobility” (1997:127). No caso de Walter Scott, em *Waverley* a dedicatória vem no fim desde a 1^a edição, sob a forma de capítulo – “Chapter XXIV. A Postscript, which should have been a Preface”.



Contudo, na edição Magnum de *Waverley* surge uma dedicatória nova, desta vez ao rei Jorge IV:

To
The King's Most Gracious Majesty.
Sire,
The Author of this collection of Works of Fiction would not have presumed to solicit for them your Majesty's august patronage, were it not that the perusal has been supposed in some instances to have succeeded in amusing hours of relaxation (...).
They are therefore humbly dedicated to your Majesty, agreeably to your gracious permission, by Your Majesty's Dutiful Subject,
Walter Scott.
ABBOTSFORD, 1st January, 1829.²¹

¹⁹ “The No-Dedication” (William Hogarth, 1753(?), que Hogarth pretendia publicar na sua autobiografia, que nunca chegou a acabar) <<http://www.andrewgrahamdixon.com/archive/readArticle/849>>, acedido a 5.outubro de 2011.

²⁰ *Waverley*, Vol 3, 1814 acedido em 18-Agosto-2011 de <<http://books.google.com>>

A dedicatória de 1814 destaca um autor escocês – Henry Mackenzie-, que Walter Scott admirava. Sendo o primeiro romance de Scott, a dedicatória enaltece a cultura escocesa. Na edição *Magnum*, a dedicatória ao rei Jorge IV reconhece-o como patrono das artes, sabendo Scott o quanto o rei admirava os primeiros romances desse autor de Waverley. Assim encontramos nesta obra duas dedicatórias, em locais diferentes, de épocas diferentes e por motivos necessariamente diferentes.²²

Por outro lado, esta fórmula de dedicar um trabalho também pode assumir a forma de um texto mais longo: “the dedication becomes an autonomous statement, either in the short form of a simple mention of the dedicatee or in the more expanded form of a discourse addressed to him and generally called *dedicatory epistle* – or both forms together, with the simple mention appearing on the title page” (Genette, 118-9) [sublinhado meu]. São muitos os exemplos quando se trata de Walter Scott. Veja-se na obra *Tales of my Landlord, The Heart of Mid-Lothian (1818)*²³,

TO THE BEST OF PATRONS,
A PLEASED AND INDULGENT READER,
JEDEDIAH CLEISHBOTHAM
WISHES HEALTH, AND INCREASE, AND CONTENTMENT.

COURTEOUS READER,
If ingratitude comprehendeth every vice, surely so foul a stain worst of all besemeth him whose life has been devoted to instructing youth in virtue and in humane letters. Therefore have I chosen, in this prolegomenon, to unload my burden of thanks at thy feet, for the favour with which thou hast kindly entertained the Tales of my Landlord. Certes, if thou

²¹ Andrew Lang (ed.) eBooks@Adelaide, 2008, acedido em dezembro de 2009.

²² Em 1830 Scott “declines the offer of a Civil List pension and the rank of Privy Councillor”, encontra-se agraciado pelo rei, contudo não pretende pesar no erário público, nem fazer parte do círculo restrito dos Conselheiros do Rei, “The Privy Council”. Por orgulho ou por opção política, não queria fazer parte dessa lista de sinecuristas frequentemente criticada pela imprensa e por radicais, como por exemplo John Wade, que em 1819 publicou *The Black Book*; Scott não queria nem caridade [devido ao colapso financeiro que vivia], nem ser alvo de crítica pública ou de invasão de privacidade/propriedade; (acedido em 11 de Março de 2011 de <<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/chronology.html>>) (Cfr parte I p. 37)

²³ *Tales of my Landlord, The Heart of Mid-Lothian*, (1818), second series, Paris: Baudry’s Foreign Library, 1831, acedido em 28-Set-2010 de <<http://books.google.com>>

Antes desta dedicatória, há uma série de textos que se sobrepõem, como em palimpsesto:

1. Página de rosto: Título e “The author’s last notes and additions and glossary”
2. Epígrafe de Burns
3. “Peroration”, escrita por Jedediah Cleishbotham em Gandercleugh, Nov. 15, 1816
4. “Introduction to the Heart of Mid-Lothian”, de Abbotsford, April 1, 1830
5. “Postscript” não assinado, com informação adicional sobre as personagens
6. Dedicatória e linha separadora: “To the best of Patrons, A pleased and indulgent reader, Jedediah Cleishbotham wishes health, and increase, and contentement.”
7. “Prolegomenon” é o nome que dá à carta ao leitor que começa com “Courteous reader, ...”
8. Notas: três extensas páginas de notas que não são assinadas por J.C.

Escrito por Jedediah Cleishbotham “school Master and Parish clerk of Gandercleugh”, autor putativo, identifica o leitor como seu mecenas e seu patrono, por isso lhe dedica o livro, mostra gratidão e reconhecimento a quem lhe serve de inspiração e de estímulo para a escrita – escrita essa que, por seu lado, serve para elevar e educar quem a ler – enfim, o jogo sofisticado da reciprocidade que Sir Walter Scott explorará até ao fim.

As notas,²⁴ que nesta obra e edição ocupam três páginas, pretendem limpar o bom nome de alguém muito próximo de Walter Scott, um seu antepassado, e para tal Scott recorre a documentos jurídicos ou anais do século XVII, que esclarecem as situações no sentido da reposição da verdade. Para tal acontecer, possuindo referências explícitas a parentes de Scott, [a família Swinton], não é J.C. que tem de limpar o bom nome, reabilitando a memória destes, mas **o próprio Scott**, na edição Magnum: “Jean Swinton, grandmother of Sir John Swinton, son of Judge Swinton, as the Quaker was usually termed, was mother of Anne Rutherford, **the author’s mother**. And thus, as in the **play of the Anti-Jacobin**: the ghost of the author’s grandmother having arisen to speak the Epilogue, it is full time to conclude, lest the reader should remonstrate that **his**

²⁴ Estas notas merecem uma menção particular, ainda que o ponto 5 desta Introdução se ocupe de “Notas e Apêndices”.

desire to know the author of Waverley never included a wish to be acquainted with his whole ancestry.” (p.xviii) [sublinhado meu]

4.Prefácio e Introdução

A “introdução” é entendida genericamente como instrumento de entrada num texto, sobretudo em textos de teor científico ou académico. A função de introdução é entendível por todos. A sua existência em obras ficcionais é escassa e reveste-se de particular importância na compreensão da obra de Walter Scott, como se vai ver. O uso que Walter Scott faz deste meio editorial é inesperadamente inovador, serve-lhe de fator aglutinador de uma extensa obra: a *Magnum Opus*.

“Introdução: Todo o texto que apresenta as primeiras ideias ou argumentos sobre a matéria que há-de ser desenvolvida num texto mais amplo. Reservam-se para a introdução a descrição geral do assunto ou do tema a tratar, a sua contextualização, os principais fundamentos ou argumentos e, em certos casos, uma apresentação da(s) personalidade(s) literária(s) do(s) autor(es).”²⁵

Então espera-se encontrar o assunto do livro, informação acessória que nos introduz no texto, que nos revela um (ou mais) ponto de vista através do qual vamos embarcar nessa viagem.

O “prefácio” geralmente aponta a génese da obra, as suas limitações, o seu âmbito ou alcance do texto. Inclui também formas de reconhecimento, pontos fortes e limitações, pode surgir sob formas textuais diversas consoante autores, estilos literários ou objectivos do autor. Segundo Carlos Ceia, “o **prefácio**, **exórdio** (designação própria da oratória clássica) ou **proémio** (designação menos usada) encerra a história e as incidências da elaboração do texto principal, a motivação do autor para o trabalho realizado, as condições em que tal trabalho foi desenvolvido e as etapas mais relevantes para a sua consecução”; o prefácio pode ostentar as palavras de uma terceira pessoa referindo-se ao autor e à sua escrita, apreciar criticamente a obra prefaciada:

Sendo de autoria variável, o prefácio assume sobretudo uma função de apresentação/comentário da obra, mantendo-se, tradicionalmente, à parte da estrutura interna desse texto. Quanto ao destinatário do prefácio, ele é também o leitor do texto principal. O prefácio postula uma leitura iminente da obra sequente, pelo que inclui com

²⁵ Carlos Ceia “Introdução” in *E-Dicionário de Termos Literários*, <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=444&Itemid=2>, acedido a 26 de junho de 2011.

alguma frequência comentários preparatórios da leitura que ajudam a determinar, à partida, o seu leitor ideal. Este é, em suma, o horizonte de expectativa do prefácio: um discurso explicativo/justificativo de autoria variável que envolve o seu locutor e que se constitui, na maioria dos casos, como metatexto. (Carlos Ceia, *E-Dicionário...*)

Gerard Genette explora mais profundamente as particularidades dos prefácios, as formas que assumem (1997: 171-8), realçando, no caso de Scott, a profusão de técnicas que melhor se adequam aos seus objetivos. Como mostrei no Ponto 3 a propósito da edição Magnum de *The Heart of Mid-Lothian*, o autor apresenta as introduções mais recentes seguidas de prólogo, prefácio, “foreword” ou “prolegómenos” das primeiras edições ou de edições anteriores. As Introduções da edição Magnum estão primeiro para expressar o estado de espírito mais recente do seu autor e remetem os prefácios e afins para junto das narrativas que os absorvem, tornam-se paratextos textualmente incorporados na obra (Genette, 1997:178).

Há ainda para distinguir pelo menos três tipos de prefácios de que Scott faz uso e que Genette classifica, dos quais três se destacam para o presente trabalho:

Assumptive authorial prefaces and authentic allographic and actorial prefaces are serious in the sense they say (or imply) the truth about the relation between their author and the text that comes after. The other prefaces – all the others – are either authentic, fictive, or apocryphal, but they are all fictional (a category that thus extends beyond that of fictive) in the sense that they all – each in their own way – offer manifestly false attribution of the text.²⁶

Assim, o prefácio ficcional é aquele que demonstra uma atribuição ficcional, como a que é exemplificada por Genette relativamente à posição autoral fictícia de Laurence Templeton, narrador de *Ivanhoe* – em cujo prefácio Scott pretende simular um prefácio autoral sério, “with all the paraphernalia of discourses and messages (i.e., functions) which such a simulation entails”. Assim, não se trata apenas de dizer “I, Templeton, am the author of the novel that follows”, mas antes tornar claro que “I, Templeton, dedicate this narrative to Mr. Dryasdust, antiquarian, and I justify to him my new subject matter of a novel set in medieval England” – simulação fictícia e ficcional, pois o Rev.Dr. Dryasdust é uma personagem referida noutra obra (1997: 279).

O prefácio de tipo editorial é aquele em que o autor se demarca do texto ou da obra prepositadamente, em que interfere por razões meramente editoriais, acusando a

²⁶ Genette, 1997, pp. 279 e segs.: “Allographic” no sentido de ser atribuído a um autor diferente do autor da obra, quando se trata do próprio autor será “autographic”. Este conceito aplica-se igualmente às Epígrafes (Genette 1997:151-2)

recepção do texto por entreposta pessoa, fornecendo dados biográficos do autor putativo, realçando o valor do texto ou da obra perante o público.²⁷

O prefácio fictício, ou “fictive authorial preface”, é aquele que é mais frequentemente utilizado por Sir Walter Scott a partir de 1816, como afirma Genette, e constitui uma fonte de interesse paratextual e de fascínio pelo valor novelístico que patenteiam prefácios como os de *Tales of the Landlord*, *Ivanhoe*, *The Fortunes of Nigel*, e *Pevekil Peak* (1997:284). *The Fortunes of Nigel* ilustra o poder imaginativo de Scott em criar uma situação de quase alteridade criativa, em que o autor putativo, ficcional, deste romance, encontra pessoalmente e dialoga com o “pai” de todos - o autor de *Waverley* – ambos autores putativos de Walter Scott:

I at length reached a vaulted room, dedicated to secrecy and silence, and beheld seated by the lamp, and employed in reading a blotted *revise*, the person that perhaps I should rather say the eidolon, or representative vision, of the AUTHOR OF WAVERLEY! You will not be surprised at the filial instinct which enabled me at once to acknowledge the features borne by this venerable apparition, and that I once bended the knee, with the classical salutation of, *Salve, magne parens!* The vision, however, cut me short by pointing to a seat, intimating at the same time that my presence was not unexpected, and that he had something to say to me.²⁸

O que segue é, como comenta Genette, “the imagined authour’s imaginary interview with the real author” (1997:285).

5. Notas e apêndices

A questão das notas ou dos apêndices responde a uma necessidade prática e imediata de esclarecer dúvidas ou de ilustrar o contexto apresentado. Sob diversas formas uma página de texto pode apresentar asteriscos remissivos, notas de rodapé ou de final de capítulo, ou notas com referência remissiva para final de livro, documentos transcritos, cartas ou outros. Os apêndices são acrescentos que repetem, ilustram ou certificam o que foi afirmado. Walter Scott fez das notas um elemento integrante da página, do capítulo, do volume e da edição que tinha entre mãos. Por outro lado, nas diversas edições publicadas, as notas aparecem como apêndices acrescentados e tão pormenorizados que chegam a ter um volume de páginas consideráveis... quase uma

²⁷ Vide Genette, 1997, p. 280-3.

²⁸ Vide Genette, 1997, p285; citação retirada a partir de Walter Scott, *Fortunes of Nigel*, “Introductory Epistle” p. ix, 1863, de <<http://google.books.com>>, acessado a 5 de Outubro de 2009.

obra nova.²⁹ No caso dos romances não se pode garantir que as notas sejam do autor, ou do narrador, ou do editor:

Some types, such as later or delayed authorial notes, do indeed fulfill a paratextual function, that of providing defensive commentary or autocriticism. Other types, such as original notes to discursive texts, instead constitute modulations of the text and are scarcely more distinct from it than a phrase within parentheses or between dashes would be. (Genette, 1997:342-3) [sublinhado meu]

Dentro de todas estas hipóteses não podemos esquecer como Scott resolve aparecer nos seus escritos, podendo fazer o autor putativo assumir a responsabilidade das notas, e vamos encontrar vários casos - Laurence Templeton, Captain Clutterbuck, Jeddediah Cleishbotham (- T; CC - ; - JC, *, etc), mantendo o leitor curioso e na incerteza acerca da sua identidade, descartando qualquer responsabilidade sobre a informação veiculada, e mais importante, mantendo neles também uma indeterminação acerca do verdadeiro autor por detrás do *autor de Waverley*:

The fictive authorial note, as Walter Scott uses it under cover of his imaginary authors, presents no distinctive functional characteristic, for the disguised author merely attributes to his loaner name, Cleishbotham and other Templetons, a documentary apparatus exactly like the one he takes responsibility for elsewhere as ‘The author of Waverley’ (Genette, 1997:340-1) [sublinhado meu]

Noutros casos, como leitores, a incerteza em determinar a autoria não impede a leitura, pois a nota parece ser do narrador ou do editor, do narrador autodiegético, dando-se-lhe o nome de “fictional note”, pois qualquer autor putativo de Scott é tão fictício e ficcional como qualquer personagem na obra:

By fictional, we should remember, I mean not the serious authentic notes that may accompany a work of fiction but, for a text that may not be fictional, notes whose sender himself is, on some ground, fictional: disavowing, fictive, or apocryphical.(...) As in fictional prefaces, in fictional notes the author presents himself as an editor, responsible in detail for establishing and managing the text he claims to have taken or been given the custody of. (1997:340) [sublinhado meu]

Assim a nota ficcional insere-se na narrativa e faz parte da intervenção do narrador heterodiegético no texto, com esclarecimentos ou à partes ou com questões para

²⁹ Apenas um exemplo: Em *Marnion* (ed. Cadell 1835, da <<http://books.google.com>>) os apêndices ocupam 62 páginas das 317, em muitos casos ultrapassam as letras do alfabeto, recomeçando no A – 2A, 2B, 2C, etc. até ao infinito se fosse necessário – e neste começa na “Note A” e vai até “Note 3 S”; em *Castle Dangerous* (1831) ed.1834, a introdução tem 10 páginas de notas ou apêndices.

reflexão³⁰; a nota fictícia, tal como Scott utiliza nos seus autores imaginados, é inventada apenas para contextualizar ou dar credibilidade ou verosimilhança ao texto onde é apresentada, e pode ser anónima ou reportar-se a alguém ou a um lugar que não existe. Scott faz referências nas suas obras a lugares e pessoas criadas por si, inspirado em lugares e pessoas reais.

Scott tem plena consciência das partes editoriais e respectivas funções, fez questão de manipulá-las e usá-las a seu bel-prazer, expressando-o, ainda que veladamente, sem denunciar o seu próprio nome. Refiro-me a *Waverley* (1814) - vol 3, cap.XXIV, “A Postscript which should have been a Preface” e que mais parece uma longa nota sob a forma de capítulo:

I still linger near you, and make, with becoming diffidence, a trifling additional claim upon your bounty and good nature. You are as free, however, to shut the volume of the one petitioner as to close your door in the face of the other.

This should have been a prefatory chapter, but for two reasons: First, that most novel readers, as my own conscience reminds me, are apt to be guilty of the sin of omission³¹ respecting that same matter of prefaces; Secondly, that it is a general custom with that class of students to begin with the last chapter of a work³²; so that, after all, these remarks, being introduced last in order, have still the best chance to be read in their proper place³³ (p. 364-5)[sublinhado meu]

Walter Scott tirava partido de todos os termos editoriais. Ao apresentar e transcrever documentos, atas, provas factuais, que consolidam os casos apresentados, Scott não precisa de opinar sobre eles, i.e., o comentário de Scott é omissivo, o leitor é colocado perante os factos. Por outro lado, na gestão do texto, Scott segue as regras do seu tabuleiro de xadrez, e só Scott sabe onde quer chegar, seja por documentos reais transcritos, seja por cartas reais ou fictícias, para construir um paratexto.

A questão do título das obras de Walter Scott é objeto de análise e classificação por parte de Gérard Genette, mas também Scott nos seus prefácios e introduções o faz, e para que fique apenas o apontamento para posterior referência, um exemplo dado é

³⁰ Carlos Reis e Ana C.M.Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 1987.

³¹ A existência de autores que não escrevem prefácios pode ter criado o hábito nos leitores de saltar para a narrativa; por outro lado, *Waverley* só teve prefácio na 3ª edição ainda em 1814, e passou a ser publicado desde então.

³² Scott refere-se ironicamente aos estudantes que em vez de se inteirarem de uma obra lendo-a, saltam para o final para através da conclusão perceberem o seu desenvolvimento.

³³ Esta expressão revela o domínio editorial que possui Scott, cada parte no seu lugar e com a sua função.

Ivanhoe, A Romance, título breve e com indicação do gênero, que Genette designa por "**rhematic** by definition because its purpose is to announce the genre status" (1997: 94), e que é alvo de explicação por parte de Scott:

(...) two material respects, - for, first, it had an ancient English sound; and, secondly, it conveyed no indication whatever of the nature of the story.(...) what is called a taking title serves the direct interest of the bookseller (Introduction, ed.1860, p.13)

Walter Scott tece grandes considerações em relação ao título para *Waverley*. Na primeira edição o capítulo I é "Introductory" e o leitor é realmente "introduzido" no contexto da obra: "The title of this work has not been chosen without the grave and solid deliberation which matters of importance demand from the prudent" (*Waverley*, Vol. I, 3^aed., 1814: p.3). Prudência e decisão coerentes são o mote para orientar o leitor. A denominação da obra requer especial cuidado, escolhendo, como os seus predecessores, "to seize upon the most sounding and euphonic surname that English history or topography affords" (*Waverley*, CapI, p.3). O herói terá o mesmo nome, "*Waverley*, an uncontaminated name, bearing with its sound little of good or evil, excepting what the reader shall be hereafter pleased to affix to it" (*Waverley*, Cap.I, p4). A definição do gênero é que se oferece mais complexa: "I am too diffident of my own merit to place it in unnecessary opposition to preconceived associations [...] excepting what the reader shall be hereafter pleased to affix to it" (*Waverley*, p.4). Neste caso em particular há plena consciência que um simples título de obra ("title page") pode deitar a perder o sucesso futuro do romance. Scott sabe bem o que quer e ao enumerar as diversas possibilidades, ironiza e caricatura os títulos e romances da época: romances góticos, de cavalaria, pastoris, de escândalos e segredos, de viagens ou peregrinações, entre outros. O autor utiliza um tom de ironia ao referir-se aos romances da época, bem como aos gostos dos leitores e suas expectativas. Das diferentes possibilidades que apresenta, por exclusão de partes, indutivamente, o leitor concordará com o título que ele propõe, sem deixar espaço para questões³⁴:

- *Waverley, a Tale of others Days* – demasiado conotado com castelos parcialmente desabitados, com mordomos ou criados menos escrupulosos, com referências agoirentas a animais, espaços, acções e traições e sangue;

³⁴ Esquema meu do processo de seleção que o autor expõe na introdução de *Waverley*, 1814 (3^aed.) "Chap. I, Introductory" p.5-11.

- *Waverley, a Romance from the German* – teria de incluir um abade, um duque opressivo, um segredo e uma associação a organizações secretas, espaços adequadamente estranhos e misteriosos;
- *Waverley, a Sentimental Tale* – impunha a mudança do castelo para uma “cottage”, um clima idílico-bucólico, uma harpa e momentos solitários de reflexão, em vez de princesas ou “damsels” deveria ter uma moça do campo a falar com regionalismos que ninguém entenderia;
- *Waverley, a Tale of the Times* – obrigaria à ilustração da feira de vaidades da época, com episódios de escândalos privados superficialmente velados, de espaços contemporâneos aos leitores, com heróis e heroínas que o leitor identificaria imediatamente; para quê, se tudo isso pode ser lido na imprensa da época – “a lively display of a modern fête, such as we have daily recorded in that part of a newspaper entitled ‘the Mirror of Fashion’”;
- *Waverley; or ‘Tis Sixty Years Since* – localiza no tempo a personagem principal, sessenta anos antes de 1 de novembro de 1805; terá de ser suficientemente antigo para ser venerável, e suficientemente próximo para incluir uma ilustração vívida das cenas relatadas; como um pintor, os modos ancestrais serão “splendid” em comparação com o desprezo com que são olhados os modos da última geração; a força da narrativa encontra-se nas personagens e nas suas paixões, de amores e ódios, como qualquer ser humano de todas as épocas, de todas as sociedades, com o coração à flor da pele.

Onde é que Scott quer chegar, interrogamo-nos nós, leitores; e a resposta surge pronta e inequívoca:

Some favourable opportunities of contrast have been afforded me, by the state of society in the northern part of **the island** at the period of my history, and may serve at once to vary and to **illustrate the moral lessons** which I would willingly consider the most important part of **my plan**[...](*Waverley*, p.11)[sublinhado meu]

Scott tem um plano: avisar o leitor que se vai à história da Escócia e que será esta a opção que ele faz, expondo o leitor a factos narrados e a personagens que agem como pessoas reais, entretendo-os e formando-os para que a história não seja esquecida, porque o passado é o que nós somos e o futuro a cada um pertence, com as escolhas que fizer no presente:

By what you decide to do every day you will be a good man or not! *Hospitaller*³⁵

Nos capítulos que se seguem, começaremos pela contextualização histórica, realçando aspetos político-culturais da época de formação de Walter Scott. Segue-se a identificação de metas ou objetivos de trabalho de Scott, os instrumentos e mecanismos utilizados para melhor cativar o público leitor, o alcance historiográfico do seu trabalho. Finalmente a conclusão, salientando a sofisticação do intuito programático e do legado inovador de Scott, que sob a forma de jogo ainda hoje nos cativa.

³⁵ Uma epígrafe, ao estilo de Scott, retirada do filme “The Kingdom of Heaven”, de Ridley Scott, de 2005.

Parte I. Walter Scott e o seu tempo

A contextualização proposta não se baliza num século definido, mas reporta-se a um período de rápidas transformações, de movimentos opostos gerados, que atravessaram a passagem de um século para o outro: entre 1780 e 1830. Tendo em conta o período em que viveu Walter Scott (1771-1832), a nossa abordagem terá de referir a época conturbada em busca de afirmação de uma identidade ancestral escocesa e uma identidade supra nacional que se expande pelo Império Britânico. No trono encontramos Jorge III, depois o príncipe regente que será Jorge IV, sem esquecer aqueles que os precederam e moldaram o contexto sociopolítico destes cento e vinte e cinco anos.³⁶

1 - A Grã-Bretanha unida desde o Act of Union (na sequência da Revolução de 1688)

William de Orange e Mary chegam da Holanda para assegurar a manutenção do Protestantismo e da sua permanência com uma série de documentos que o rei foi obrigado a assinar reconhecendo o parlamento e constituição: “Coronation Oath Act” de 1688, “Bill of Rights” de 1689, “Act of Settlement” de 1701, depois o “Act of Union” com a Escócia em 1707; em 1714 é assegurado o poder de decisão do parlamento sobre a sucessão da Rainha Anne, que morre sem descendente direto, e foi decisão do parlamento escolher o seu primo George Lewis de Hanover, futuro Jorge I (1714-1727). Mais tarde, com Jorge II (1727-1760)³⁷, em 1747, é assinada a “Heritable Jurisdictions Act”, confirmando a impossibilidade de jurisdição privada dos “Lairds” escoceses, juramento de fidelidade explícita e publicamente à família real de Hanover.³⁸

O parlamento, enquanto entidade reguladora que assegura a manutenção das leis e da liberdade cívica, sofre uma transformação que deixará marcas na forma de fazer política e de ser deputado. Este respeito pelo parlamento por parte das elites não pode ser interpretado para além da necessidade de defender interesses de particulares e promover a aprovação de leis à sua medida (Colley, 2009:50); a representação dos

³⁶ Se contarmos com o Acto de União que ocorre em 1707, *‘T is 125 years since...’*, como começaria Sir Walter Scott [in *Waverley*], até ao ano da sua morte.

³⁷ Reinados da casa de Hanover: Jorge I e Jorge II; Jorge III 1760-1820; Jorge IV 1821-1831; Guilherme IV 1831-1837; Victoria 1837-1901.

³⁸ Linda Colley, 2009, p.120.

interesses da população estava longe de ser uma realidade e a participação junto de órgãos de decisão era privilégio das classes abastadas, sobre nobres e alta burguesia;

But the cult of the parliament was not confined to the landed classes who manned it, though it does seem to have been restricted for much of the early 1700s to the English (Colley, 2009:51)

A Inglaterra viveu uma Revolução Gloriosa (1688)³⁹ e quase cem anos depois uma não tão gloriosa revolução que conduziu à independência de treze estados no continente americano (1775, e a guerra termina em 1783). Nos períodos de crise exacerbam-se em geral as questões da identidade nacional, do sentimento de patriotismo. O carácter Britânico começa a ganhar forma: primeiro em 1707 e depois em 1800-1, o Reino Unido ganha contornos políticos e administrativos diferentes. O Império não é Inglês, é Britânico, e o povo que o constitui é Inglês, Escocês, Galês e Irlandês.⁴⁰

O Ato de União de 1707 trouxe oportunidades aos escoceses como não tivera sido possível antes: por questões políticas e religiosas, as contrapartidas da aquiescência da sucessão da rainha Anne, irmã da rainha Mary, para a Casa de Hanover trouxe aos escoceses uma porta aberta a uma infinidade de possibilidades comerciais, inclusive nas colónias⁴¹. Colocando a tónica em assuntos como a lealdade, muitas vezes associada à coragem e valentia, os escoceses tiveram várias ocasiões para prová-la: Scott não se priva de aludir à lealdade dos escoceses: quando davam a sua palavra e se comprometiam em defender alguém, era com a sua lealdade e honra que o faziam e até à morte, se fosse caso disso, defendiam as cores da bandeira pela qual davam a sua vida: “Kenneth of Scotland stood upon his watch on Saint George’s Mount, beside the Banner of England, a solitary sentinel, to protect the emblem of that nation against the insults which might be meditated among the thousands whom Richard’s pride had made his enemies” (*The Talisman: Tales of the Crusaders*, 1825 (1st edition), p.291).

Entre as várias tentativas de reposição da linhagem Stuart, houve duas grandes sublevações jacobitas – 1715 e 1745. Em 1715, aproveitando a morte da rainha Anne,

³⁹ Steve Pincus, “The Glorious Revolution”: “England’s Revolution of 1688-89 has long been described as Glorious because it was not a Revolution. Edmund Burke set the tone for over two centuries of historiographical analysis when he proclaimed that ‘The Revolution was made to preserve our ancient indisputable laws and liberties, and that ancient constitution of government which is our only security for law and liberty.’ <http://www.blackwell-compass.com/subject/history/article_view?article_id=hico_articles_bsl003>

⁴⁰ “They [the English] bitterly disapproved of ‘English’ or ‘England’ giving way to ‘British’ and ‘Great Britain’ as they were in official and sometimes everyday vocabulary” (Colley *Britons*, 2009, p.13).

⁴¹ George Macaulay Trevelyan, “Scottish society”, *A shortened History of England*, 1980 [1943], p. 358.

houve uma tentativa de reunir os clãs, e os contactos com França, para impedir uma sucessão inglesa diferente, da linha Stuart. Contudo, em 1707 já tinha ficado bem claro que a sucessão da Rainha Anne⁴² seria Protestante e da Casa de Hanover, e que a sua aplicação era irrevogável. Em 1745, uma nova e séria tentativa foi levada a cabo, mas a derrota foi definitiva, fruto das próprias divisões internas dentro da Escócia, as Lowlands sempre pro-união e as Highlands a tentar manter o que restava do seu poder feudal.⁴³ No sentido de prevenir problemas futuros o governo proibiu o uso ou exibição de símbolos de pertença a clãs: “Tenures Abolition Act” (1746) e “Heritable Juridictions Act” (1746) são as leis mais importantes, que determinam a proscrição do uso do tartan e do kilt, de armas, de ostentar símbolos identificativos de clã ou filiação, de prestar vassalagem através da prestação de serviço militar a um nobre escocês; mais, as propriedades dos nobres envolvidos na sublevação foram confiscadas, bem como qualquer vínculo das populações; finalmente destituídos de poder, os nobres ou chefes de clã deixaram de poder julgar nas suas terras, passando todo o poder jurídico para os tribunais e “sherifs” competentes nomeados pelo rei e parlamento.

Com o “Heritable Juridictions Act”, o poder de julgar foi retirado das mãos dos “Lairds”, bem como a liberdade política – quanto mais lutassem contra o poder central, menos possibilidades políticas, sociais e económicas teriam. A incorporação dos “Highlanders” nas milícias deu-lhes a oportunidade de estarem noutras partes do Império Britânico, mantendo-os afastados de qualquer tentativa de sublevação Jacobita, por um lado, e protegendo os interesses Britânicos de forma económica, pois saíam mais baratos do que pagar ao exército regular; por outro, os seus atributos eram reconhecidos onde quer que estivessem – lealdade, coragem, firmeza de carácter e orgulho em mostrarem a sua origem trajando o seu *Kilt*, com as cores da sua milícia, tal como estariam honrando o seu clã.

Começaram a ser instruídos na língua inglesa, ensinados para um ofício, ou, muito inteligentemente, absorvidos pelas suas qualidades de “obediência e bravura” no serviço militar britânico (Colley, 2009:121). Segundo Devine, “their values were also said to be intrinsic values of clanship: courage, loyalty, endurance and, above all, an

⁴² Veja-se Walter Scott, *Tales of a Grandfather, 2nd series* [1828-1831] cap.XII, “English Act of Succession”, “The Union”, Boston: Parker edition, 1834, pp.188-223. A ascensão e queda da aliança Tory inicial com os Jacobitas constituem uma parte importante do pano de fundo que Sir Walter Scott utilizou em *Bride of Lammermoor*.

⁴³ Veja-se <<http://www.legislation.gov.uk/apgb/Geo2/20/43>> e <<http://www.rls.org.uk/database/record.php?usi=000-000-001-459-L>>.

innate capacity for making war” (Devine, 2004:315-6). Mas a incorporação militar não se aplica a todos, ou por pertencerem às “low ranks”, por privação de ligação ao seu chefe ou por traição deste, por infortúnios de fome, vem-se sem passado nem futuro. E citando da obra de Scott, capítulo XXIV de *Waverley* (1814), com o título “A Poscript that should have been a Preface”: “This race has now almost entirely vanished from the land, and with it, doubtless, much absurd political prejudice; but also many living examples of singular and disinterested attachment to the principles of loyalty which they received from their fathers, and of old Scottish faith, hospitality, worth, and honour.”⁴⁴

Obviamente que os Escoceses viram que o lado sul da ilha e o império em afirmação lhes traria muitas oportunidades, e não há como ter conterrâneos em lugares de influência para singrar na vida:

The gradual influx of wealth and extension of commerce have since united to render the present people of Scotland a class of beings as different from their grandfathers as the existing English are from those of Queen Elizabeth’s time. The political and economical effects of these changes have been traced by Lord Selkirk with great precision and accuracy. (*Waverley*, 1814, “The Postscript that should have been a Preface”. 365-6)

O estado de graça entre estes dois países foi por vezes pontuado por posições extremadas entre militares ingleses e populares escoceses. Uma situação é relatada por Linda Colley (2009:119-20) com algum pormenor: em 1760, na fronteira entre East Lothian e Mid-Lothian, o guarda-cancela escocês é agredido por um Tenente Inglês e seus homens.⁴⁵ A resolução da situação, inteiramente deixada aos tribunais escoceses, demonstrou a confiança que George III manifestava perante a isenção, fiabilidade e

⁴⁴ In *Waverly*, 1814, Cap.XXIV, p. 366-7.[sublinhado meu]

⁴⁵ O sistema Legal Escocês é diferente do sistema Legal Inglês: enquanto este se debruça sobre o uso e costume e precedentes no passado de todas as disputas ocorridas, a “common law”, os Escoceses, para defender os seus direitos fundamentais, socorreram-se do Direito Civil Romano, estudaram o legado Romano no continente. Contextualizando um pouco: durante o período do Pré-Iluminismo Escocês, a comunidade de juristas e advogados, ao debaterem profundamente as questões legais de direito civil e de direito criminal, conseguiram organizar e sistematizar as Leis Escocesas, de forma clara, filosoficamente sólida e rigorosa, num código intitulado *Institutions* e publicado em 1681. Destacam-se dois eminentes homens de leis: Sir James Dalrymple (1616-95) e Sir George Mackenzie of Rosehaugh (1636-91). O Visconde Stair ficou responsável pela cadeira de direito civil, Mackenzie exercia direito criminal na barra dos tribunais. A Universidade de Edimburgo vê criadas duas novas disciplinas em 1707, Direito Público e Direito Natural e das Nações, em 1710, Direito Civil, em 1722, “Law of Scotts”. Alexander Broadie refere que o trabalho destes dois juristas terá sido responsável pela manutenção da separação da identidade legal entre a Escócia e a Inglaterra, “such rational exercises resulted in the body of natural law theory, which has great intellectual and moral strength, would in due course play a major role in the Scottish Enlightenment legal writings” (Broadie 1997: 12).

confiança que o sistema jurídico escocês agiria com imparcialidade e correção, com justiça e verdade.

A construção da identidade Britânica não surge *ex nihilo*. A imprensa da época foi reconhecida como uma mais-valia para a propaganda e manutenção no poder dos protestantes, daqueles que faziam parte do governo, quer fossem Whig ou Tory, ingleses ou escoceses. A cultura panfletária funciona como um instrumento de divulgação, mais ou menos objetiva, mais ou menos idónea, factual ou caricatural, essencial à formação da opinião pública. Na década de 1780 deu-se uma explosão da sátira política, e Londres tinha os meios e os meandros para o realizar livre de censura. “Grub-Street” era o local onde existia a marginalidade jornalística e literária, sem ofensa clara para grandes nomes que nela viveram ou sobreviveram na escrita e na vida, Milton, Dr. Samuel Johnson, entre outros. Na “*Introduction of Quentin Durward*” [1823], Scott, na pele do narrador/editor na 1ª pessoa do singular, chega a referir esta rua em tom de crítica, pela capacidade que “Grub-Street” tinha para inventar fosse o que fosse, mesmo em alturas que nada havia para comentar; à falta de escândalos, logo se inventava algum.

Londres dispunha de nove diários e cerca de 250 mil leitores, jornalistas [“pressmen”] e editores, e o poder e oposição disputavam a sua tiragem. O governo financiava certos jornais diretamente das contas públicas (*General Adviser*), o que fez com que a oposição encontrasse meios de se autofinanciar (*London Evening Post*, *St. James’ Chronicle*), segundo Hilton (2008:51); em 1784 o Tesouro Público ofereceu ao *Morning Post* compensações financeiras se apoiasse Pitt; mais, enquanto *Parliamentary Debates* era financiado pelo Tesouro Público, *Parliamentary Register* pertencia à oposição, e eram evidentes as diferenças na transcrição dos debates parlamentares (Hilton 2008:51); mas tudo chegava às mãos dos leitores.

Havia uma forte agitação popular em torno dos povos do norte, dos escoceses em geral, dos “highlanders” em particular. Falavam de maneira estranha e vestiam-se com uma indumentária primitiva. A imprensa poderia ajudar de duas maneiras perfeitamente opostas. Por um lado circulavam textos como “The True-born Englishman”, que aparentemente seria uma apologia do Inglês-tipo e afinal é ironicamente um retrato do inglês como fruto da miscigenação de povos antigos. Daniel Defoe interroga-se, no seu poema, quanto à futilidade em procurar a pureza da raça e da origem se esta é tudo menos pura. O tom crítico e irónico não pretende combater o

sentido patriótico dos Ingleses, mas antes o seu sentimento xenófobo relativamente aos outros, por exemplo aos escoceses:

Thus from a mixture of all kinds began,
That het'rogeneous thing, an Englishman:
In eager rapes, and furious lust begot
Betwixt a painted Britain and a Scot.
Whose gend'ring off-spring quickly learn'd to bow,
And yoke their heifers to the Roman plough:
From whence a mongrel half-bred race there came,
With neither name, nor nation, speech nor fame.
In whose hot veins new mixtures quickly ran,
Infus'd betwixt a Saxon and a Dane
While their rank daughters, to their parents just,
Receiv'd all nations with promiscuous lust.
This nauseous brood directly did contain
The well-extracted blood of Englishmen;⁴⁶

O tom sarcástico, por vezes o tom mordaz e cáustico, com que se escrevia acaba por ser um tipo de discurso frequentemente utilizado nos “panfletos” que eram consumidos avidamente pelos leitores. Defoe chegou a ser preso, condenado e multado pela rainha Anne, por incentivo à desordem. Por outro, na Escócia, reunia-se as memórias das revoltas e insurreições, como património cultural de um povo.

Em 1740, novamente num período de instabilidade, verifica-se um recrudescimento de movimentos anti jacobitas, surge um panfleto passado de mão em mão que alarmou a capital e que reavivou a memória patriótica de esmagamento da insurreição Jacobita:

Lord grant that Marshal Wade
Shall by thy mighty aid
Victory bring
May he sedition hush,
And like a torrent rush
Rebellious Scots to crush
God save the King.
Rule Britannia Dr Arne, 1740

Logo a seguir uma outra fonte de instigação surge numa publicação mais seleta, para leitores de outro estrato social: “God Save the King” de 1744, na revista *The*

⁴⁶ Defoe, in *A True Collection of the Writings of the author*, Part I, 1703. <www.books.google.com>

Gentleman's Magazine de 1745⁴⁷, na qual se lê ter havido várias representações teatrais de apoio a Jorge II, contra as investidas Jacobitas. Esta canção possui várias estrofes e veio a tornar-se no hino nacional, excluindo, claro, qualquer verso ofensivo para qualquer parte do Reino Unido. Estas manifestações circulavam livremente, sem que houvesse qualquer controlo: havia que encorajar o orgulho nacional, estimulando o sentimento anti jacobita e anti escocês⁴⁸.

2. Walter Scott começa a sua intervenção política

“Therefore I was born to fight my way into the world”, Walter Scott (Colley, 128)

Com quinze anos de idade, Walter Scott teve o seu primeiro e único contacto com Robert Burns (1786-7), num serão entre intelectuais, em casa do professor Adam Ferguson, “the philosopher and father of Walter’s close friend of that name”.⁴⁹ Segundo Sutherland (1997:34-5), a demonstração declamatória de Scott impressionou os convivas presentes, tão jovem e a lembrar-se de um poema narrativo meio esquecido de John Langhorne (1735-1779). Scott recitou um trecho intitulado “The Justice of the Peace”. A particularidade do poema, como afirma Sutherland, reside no facto de ser um poema “pro-Scottish”(1997: 35), bem como as baladas que leu em casa dos seus avós paternos em Sandy Knowe, “in the Borders”, ou recolhidas pela sua mãe, ao observar o interesse do filho em poesia escocesa, ou trazidos de Kelso, Liddesdale, Perth, Bath – onde quer que estivesse tempo suficiente para os recolher.⁵⁰

Scott pertence a estrato social da baixa aristocracia⁵¹, de pequena nobreza provincial urbanizada, intelectual e aburguesada. Com os proventos da sua escrita,

⁴⁷ Em 1745, *The Gentleman's Magazine* [Vol. XV, p. 552], publicou o poema musicado "God save our lord the king: A new song set for two voices", describing it "As sung at both Playhouses" (the Theatres Royal at Drury Lane and Covent Garden). . Em 1814 voltou a ser publicado [Vol. 84, part 2], a pedido dos seus leitores “as it is printed in the original text, in *The Gentleman's Magazine, for October 1745*, where it is called a song for two voices, sung at play houses (...)”, fazendo também referência a uma estrofe que, tendo ficado na memória de muitos sobre 1745, geralmente não é cantada: “and was thus the associate of those who heard it first sung” p.43; em nota de rodapé se refere que Sheridan cantou a estrofe supra transcrita a 15 de maio de 1800 no teatro e foi ovacionado e “encored”, <<http://books.google.com>>

⁴⁸ John Wilkes (1725-1797), um homem do povo conhecido pela irreverência, uma língua afiada que não poupava ninguém, nem o rei Jorge III, foi voz ativa contra qualquer intervenção escocesa na política inglesa. Vide Anexo 2.

⁴⁹ Vide Anexo 3.

⁵⁰ Foram vários os locais por onde o jovem Walter Scott recolheu textos e baladas entre os populares, e em adulto continuou esse “hobby” entre os habitantes e visitantes de Selkirk, onde foi “Sheriff Depute”.

⁵¹ Do lado materno, a avó de Scott descendia dos Swintons, ascendência aristocrática que lhe permitiu frequentar os “high society circles” de Edimburgo (“Family Background”, acedido a 24 de abril de 2011, <www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/origins.html>

compra em 1811 Cartley Hole Farm [apelidada de Clarty] e dá-lhe o nome de Abbotsford⁵². Em 1818 alcança o baronato, como reconhecimento do seu esforço e sucesso em procurar e encontrar os símbolos da soberania escocesa no castelo de Edimburgo -“ the lost regalia of the Scottish Monarchy: the Sword, Sceptre and Crown”. Reconhecido como par do reino, chega até a ser convidado para conselheiro do rei, pelo prestígio e estatuto que alcançou; como homem de leis, foi investido “Sheriff-Depute” (cargo de juiz) do condado de Selkirkshire (1799-1832), na cidade de Selkirk, com a ajuda do seu patrono, o “Duke of Buccleuch”.⁵³ Esta posição conferia-lhe influência, a nível local e à escala nacional. Neste período de grandes transformações sociais, a pequena nobreza procurava manter o seu estatuto cerrando fileiras em torno de determinadas leis, nomeadamente as leis relativas aos cereais e à caça. A título de exemplo, refira-se que apenas durante o reinado de George III (1760-1820) foram aprovadas trinta e duas leis sobre a caça, todas elas com o objetivo de reforçar os privilégios da nobreza rural (Briggs, 1997:181). No desempenho das suas funções, Scott velava pelo cumprimento da lei.

O meio intelectual, jurídico e cultural escocês estava longe de sentir complexos ou limitações de natureza política e Walter Scott desde jovem frequentou estes círculos. A existência de quatro universidades, prestigiadas internacionalmente, muito ativas e inovadoras na educação, sobretudo na área da educação científica, manifestavam uma grande receptividade quanto a ideias novas: Saint Andrew, em funcionamento desde 1411/12, Glasgow desde 1451, Aberdeen desde 1495, Edinburgh desde 1583. Nestas circularam, ao longo dos séculos XVII-XVIII, nomes como Descartes, Montesquieu, Newton, Voltaire, Rousseau, Kant e Benjamin Franklin, assim como Francis Hutcheson

⁵² A família vai habitar Abbotsford em 1812. As obras de transformação só se iniciam em 1816 e terminam por volta de 1822-3. O estudo arquitectónico estava a cargo do arquiteto londrino William Atkinson; se decomposermos a palavra temos Abbot's ford, quer dizer “baixio do rio onde o abade atravessa descalço”, soa muito romântico. Vide Anexo 4.

⁵³ Retirado de “Chronology” <<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/chronology.html>> acedido a 11 de Março de 2011; como “Sheriff-Depute” Scott desempenhava a função de juiz do condado de Selkirkshire de julho a novembro, auferindo 300 libras, permitindo-lhe exercer advocacia o resto do ano em Edimburgo, <<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/law.html>>, acedido a 24 abril, 2011

que, em conjunto com David Hume, Thomas Reid e Dugald Stewart⁵⁴, entre outros, foram eminentes filósofos do Iluminismo Escocês⁵⁵ – não esquecendo Adam Smith⁵⁶.

Todo este fervilhar académico se desenrola em condições pouco favoráveis: por um lado a corte e o mecenato real haviam-se deslocado para Londres desde 1603, com Jaime I; por outro lado, um século depois, após o Tratado de União (1707), continuava a haver o receio do recrudescimento jacobita. Em 1708 o Parlamento em Londres aboliu o “Scottish Privy Council” e o Parlamento cessou funções, privando os escoceses do meio de comunicação entre a Escócia e o governo em Londres. Em 1709 a Liturgia passou a usar a língua inglesa nas igrejas em Edimburgo, em paralelo com o livro “Common Prayer” da Liturgia Anglicana, usando as mesmas igrejas, terminando o monopólio da Kirk, i.e., a Igreja Presbiteriana⁵⁷. Não obstante estas condições, o dinamismo intelectual escocês continuou, mas a circulação de pessoas não se fazia preferencialmente com Londres, antes com Paris e os Países Baixos (nas áreas de Filosofia, Direito, Economia, Medicina):

Ambitious Scots [...] benefited from having more and better universities as training grounds. In the century after 1750, for example, Oxford and Cambridge produced only 500 medical doctors. Scotland, by contrast, educated 10.000. Many of these men naturally looked south of the border for employment. So did large numbers of Scottish engineers, like James Watt, who left Glasgow for Birmingham and collaboration with Matthew Boulton in 1774, and somewhat later the great road-builder Thomas Telford. And so did Scottish architects like Robert Adam and Sir William Chambers, both comfortably ensconced at the top of their profession as joint architects to George III and his queen.⁵⁸ (Colley, 2009, p.125)

De ambos os lados da fronteira se reconhece que a Escócia e a Inglaterra não são iguais (Colley, 2009:124), e que o Iluminismo Escocês foi uma realidade que produziu dos

⁵⁴ Dugald Stewart foi professor da cadeira de “Moral Philosophy” e “Universal History” frequentadas por Walter Scott em 1789-90, quando retomou os estudos de Direito, na Universidade de Edimburgo “School and University” da Biblioteca da Universidade de Edimburgo acedido a 12 de Março 2011 <<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/education.html>>.

⁵⁵ Vide Alexander Broadie, (ed.). *The Scottish Enlightenment: an Anthology*. Edinburgh: Canongate Classics, 1997, pp. 11-15. Vide também Arthur Herman, 2001, p. 73.

⁵⁶ Apesar de ser lembrado acima de tudo pela obra *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (1776), *Essays on Philosophical Subjects* (1795), foram publicados ensaios sobre “formation of languages”, notas sobre “lectures of rhetoric and belles lettres” em sobre “jurisprudence”, o seu trabalho filosófico mais importante foi *Theory of Moral Sentiments* publicado em 1759 e que teve seis reedições ainda durante a sua vida (Broadie, Alexander, “Scottish Philosophy in the 18th Century”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2009 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2009/entries/scottish-18th/>>, acedido a 21 julho de 2011. [sublinhado meu]

⁵⁷ Arthur Herman, 2001, p.53.

⁵⁸ Vide Linda Colley, *Britons: Forging the Nation: 1707-1837*. Yale University Press: Yale. 2009 (1992)

melhores empreendedores e intelectuais desta época⁵⁹. Ambiciosos, sim, e com sentido de privação de acesso a oportunidades ou a posições de chefia, pelo que, quando estas surgiam, estavam preparados:

Wilkite laments that the Scots were getting above themselves were fundamentally correct. Because Jacobitism was dead, because London was desperately eager to secure Scottish collaboration in warfare and empire building, and because Scotland itself was developing into a more prosperous country, equipped with impressive reserves of talent, men from the north were able to seize upon jobs and opportunities in the south to an unprecedented degree. (Colley, 125)

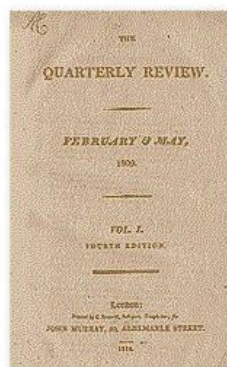
Em 1763 os escoceses passaram a ter alguém junto do rei que os escutasse e aceitasse petições: o Primeiro-ministro era um escocês de nome “John Stuart, 3rd Earl of Bute”, que o jornalismo da época não poupou, caricaturando e ridicularizando a situação (Colley, 2009:122)⁶⁰. Todos trabalhavam para uma nova causa igualmente nobre, mas patriótica, apesar de nem todos se valerem daquilo que o Império proporciona a nível do comércio, para alguns a integração nas milícias do exército, para outros “the path to glory was also one of the few available pathways to fortune. Securing British victories could be the means of ensuring their [the Scots’] own.” (Colley, 2009:128)

Walter Scott obteve um sucesso estrondoso e contratos principescos para continuar a escrever ou a compilar baladas: *Minstrelsy of the Scottish Border* (1805), *The Lay of the Last Minstrel* (1805), *Marnion* (1808), *The Lady of the Lake* (1810), *Rockeby* (1813). Scott inicia o jogo do anonimato com a imprensa da época, e os poemas que se seguem já não oferecem o mesmo desafio nem deleite em compô-los (Millgate, 1984:63). Walter Scott não abandonou a carreira de advogado e Sheriff de Selkirk, conseguindo ainda manter uma vida editorial muito ocupada. Assumiu publicamente o seu descontentamento relativamente à ideologia política e à política

⁵⁹ Não podemos ignorar que o avô materno de Sir Walter Scott era John Rutherford, Professor de Medicina na Universidade de Edimburgo 1726, formando os alunos em novos métodos clínicos, acedido a 11 Março de 2011 de <<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/origins.html>>; *Vide* também Arthur Herman (2001, p.66): se Edimburgo se encontrava muito sob a alçada da Kirk, com filosofia, história e religião, os reformadores puderam atuar mais rapidamente em Glasgow com mais experimentalismo, ciências naturais e engenharia.

⁶⁰ Por ironia do destino, quando John Wilkes foi julgado por incentivo a desacatos e tumultos, um dos juizes que o julgou foi também um escocês de nome “William Murray, 1st Earl of Mansfield”: “Here, the Wilkites claimed, was concrete proof that Englishness was being eroded from above” (Colley, 2009:110). Este tipo de nacionalismo custou caro a Wilkes.

editorial da revista *Edinburgh Review*. O processo de negociação e edição iniciou-se em 1808 e o primeiro número da revista saiu finalmente em março de 1809:⁶¹



Title page, *Quarterly Review*, Volume I, Number I, 1809

Durante cerca de um ano, Scott e um grupo de amigos prepararam a edição desta revista, uma publicação que fosse realmente ao encontro dos princípios mais conservadores que defendiam, que oferecesse aos leitores uma resposta conservadora às pressões culturais iniciadas pela Revolução Francesa, ao “Whiggism” da *Edinburgh Review*: “By helping to establish it, Walter Scott, the poet and soon-to-be novelist, sought to promote his Union politics—and avenged himself on [Archibald] Constable for some harsh reviews that had appeared in the *Edinburgh[Review]*”.⁶²

Apesar das críticas de radicais de pessoas como Hazlitt, de que a *Quarterly Review* era um mero porta-voz do governo, J. Cuttermore argumenta que

Gifford and his coadjutors demonstrably refused to be dictated to by the Prime Minister or other members of government. Nor was the journal by any measure merely an instrument of social control, for in its pages Southey, inspired by a Romantic Conservative philosophy of social reform (that he shared with Coleridge), published a distinguished body of work calling for sweeping social and moral adjustments.⁶³

⁶¹ John Cuttmore (ed.) *Quarterly Review Archive*, “Romantic Circles” is published by the University of Maryland. General Editors: Neil Fraistat, Steven E. Jones. Technical Editor: Laura Mandell <<http://www.rc.umd.edu/reference/qr/index.html>>, acessado a 15 de setembro de 2011; Veja-se também National Library of Scotland holdings [305 complete volumes (1809-1967) shelfmark: NJ.240-243] acessado a 30 de setembro de 2011 de <<http://digital.nls.uk/jma/topics/publishing/quarterly-review.html>>

⁶² Cuttmore, *Quarterly Review Archive*, in <<http://www.rc.umd.edu/reference/qr/founding/intro.html>>

⁶³ Jonathan Cuttmore (ed.) *Quarterly Review Archive: Founding of the Quarterly Review*, (1809-24). Cuttmore esclarece também que “Under a later editor, John Gibson Lockhart, the son-in-law of Sir Walter Scott, Murray’s journal did become the arm of the Ultra Tories and the Country Tory party. The *Quarterly*, however, as founded by George Canning, Walter Scott, and John Murray, was the literary organ of Canningite liberal conservatism”; acessado a 15 set. 2011 de <<http://www.rc.umd.edu/reference/qr/founding/intro.html>>.

Neste mesmo ano de 1808, Scott publica *Marmion*:⁶⁴ é um marco na obra de Scott e a introdução *Magnum* de 1828 fala por si própria do seu valor.

The present story turns upon the private adventures of a fictitious character; but is called a Tale of Flodden Field⁶⁵, because the hero's fate is connected with the memorable defeat, and the causes which led to it.(...) Any historical narrative, far more an attempt at Epic composition, exceeded his [the author's] plan of a Romantic Tale; ("Advertisement", Ashestiel, 1808)

Scott, ao escrever este poema narrativo em seis cantos, composição épica de tom heróico, parece, numa primeira análise, estar a realçar a derrota dos escoceses em favor dos ingleses. No contexto histórico do século XVI assim parece; no contexto do século XIX, a "Dedicatória" que precede este "Advertisement" destaca um homem que foi testemunha do acordo de paz firmado pelo Tratado de Londres [1518], que era católico, pelo que foi executado na Torre de Londres [1538-9], denunciado pelo próprio irmão: "To the Right Honourable Henry, Lord Montague, this romance is inscribed by the author".⁶⁶

A "Introduction to Marmion", escrita em Abbotsford em abril de 1830, fornece informação autobiográfica de Scott, esclarecendo muitas das críticas de cariz político e financeiro, de que foi alvo em 1808:

In the Introduction to the "Lay of the Last Minstrel", I have mentioned the circumstances, so far as my literary life is concerned which induced me to resign the active pursuit of an honourable profession, for the more precarious resources of literature. My appointment to the Sherifffdom of Selkirk called for a change of residence. (Introduction, p.1)

Scott deve esta posição a "Mr Pitt [who] had expressed a wish to my personal friend, the Right Honourable William Dundas, now Lord Clerk Register of Scotland, that some

Veja-se também o Anexo 5: "*Sir Walter Scott and His Literary Friends at Abbotsford*", by Thomas Faed, que tenta ilustrar o tipo de convívios intelectuais comuns em Abbotsford, à semelhança do que Scott experienciara em casa do seu professor Adam Ferguson [Anexo 3].

⁶⁴ A obra citada, *Marmion*, é da edição Cadell de 1835, com ilustrações.

⁶⁵ Flodden Battle, 9 de setembro de 1513, uma derrota esmagadora para os escoceses na sua investida sobre Inglaterra: "In the fighting at Flodden, the Scots lost around 10,000 men including James, nine earls, fourteen Lords of Parliament, and the Archbishop of St. Andrews. On the English side, Surrey lost around 1,500 men, most from Edmund Howard's division. The largest battle in terms of numbers fought between the two nations, it was also Scotland's worst ever military defeat." citado de Kennedy Hickman de < <http://militaryhistory.about.com/od/battleswars14011600/p/flodden.htm>>, acedido a 14 de outubro de 2011.

⁶⁶ Henry, Lord Montague, acedido a outubro de 2011 de <<http://freepages.genealogy.rootsweb.ancestry.com/~havens5/p4071.htm>>, e <[http://www.tudorplace.com.ar/Bios/HenryPole\(1BMontagu\).htm](http://www.tudorplace.com.ar/Bios/HenryPole(1BMontagu).htm)>.

fitting opportunity should be taken to be of service to me” (Introduction, p.2).⁶⁷ E explica como a necessidade de reformar o Sheriff-Depute da altura se devia apenas a incapacidade física e já com trinta anos de serviço. Por questões de emolumentos e de uma pensão a manter ao seu antecessor, Andrew Plummer, Scott quis assegurar, voluntariamente, que no caso de sua morte este tivesse direito à pensão acordada. Interrogo-me quanto à necessidade de Scott se justificar acerca deste pormenor, e a resposta é dada de imediato – ele não deve, nem pede favores para ele próprio, mas para os outros mais necessitados: Plummer, que era antiquário amador, que o ajudou na compilação das baladas para *Minstrelsy of the Scottish Border*, e que lhe deixou vago o lugar em Selkirkshire. Scott defende-se que nunca foi pedir favor a homem influente Whig: “I never saw Mr. Fox on this, or any other occasion, and never made any application to him, conceiving that in doing so I might have been supposed to express political opinions contrary to those which I had always professed. In his private capacity, there is no man to whom I would have been more proud to owe an obligation, had I been so distinguished” (“Introduction to *Marmion*” [ed. Cadell, 1835], p. 3). Na biografia do autor, de Sutherland (1997:29), Scott aprendeu com o pai que na sua profissão a obediência era fundamental, com um amigo Whig, Henry Cockburn, que não haveria futuro nem carreira “of law” até ao topo se opinasse politicamente a favor dos Whig, e que a obediência à lei se sobrepunha à justiça, para a manutenção da ordem como se verá em *The Hearth of Mid-Lothian*: a justiça poética ou literária é tudo o que resta a Scott: “tem uma mentalidade e espírito Whig aprisionado num corpo Tory, ou como refere Fleishman (1972:47): “he is a born Whig and a Tory by acclamation.”

Nesta introdução à edição Magnum, Scott explica como é alvo de críticas relativamente aos seus dividendos, Scott lamenta o cinismo dos que o acusavam de se aproveitar das suas amizades misturando arte com transações comerciais: “The publishers of *The Lay of the Last Minstrel*, emboldened by the success of that poem, willingly offered a thousand pounds for *Marmion*. The transaction being no secret, afforded Lord Byron, who was then at war with all who blacked paper, an apology for including me in his satire, entitled “English Bards and Scotch Reviewers” (Introduction, p. 5), e citando-o transcreve uma passagem do referido texto de 1809. O ponto da discórdia é o dinheiro auferido pelo prestígio alcançado. Scott ainda comenta críticas

⁶⁷ Sutherland refere que “Any tincture of Whiggism (let alone sansculotism) would be the death to Scott’s hopes of preferment in the regime of Dundas”, in *The Life of Walter Scott*, 1997, p.49.

recebidas por falta de rigor estético e literário, referidas por um amigo seu Dr. Leyden, que lhe teria escrito “a furious remonstrance on the subject” (Introduction, p.6). Scott conclui dizendo que, apesar de se ter aventurado num tipo de narrativa diferente, com imperfeições previsíveis, e ter aceitado a generosidade daqueles que nele confiaram, não ficou com a obrigação de compensar possíveis perdas, muito pelo contrário, “the return of the sales before me makes the copies amount to thirty-six thousand printed between 1808 and 1825, besides a considerable sale since that period” (Introduction, p. 7).

Este tom introspectivo e confessional da edição Magnum, não tem nada a ver com o tom dos prefácios das edições publicadas anteriormente. As introduções manifestam um forte desejo de justificar todos os assuntos relacionados com o Autor de Waverley, para não deixar espaço a rumores, enquanto arruma a sua obra, nesse extenso processo de revisão e alargamento que constituirá a sua Magnum Opus.

3. O País na viragem do Século

A fazer cem anos estava a “Glorious Revolution”, e o rei Jorge III estava doente. O Príncipe esperava ansioso para tomar o lugar do pai como rei.

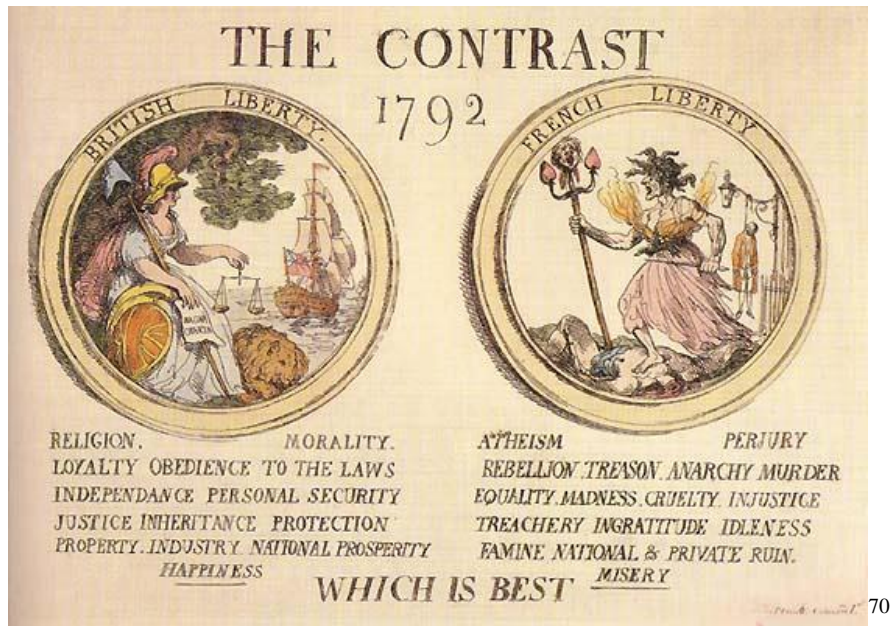
A catorze de julho de 1789 dá-se a Revolução Francesa, com a tomada da Bastilha, cujas consequências varreram toda a Europa, chegando às costas da Grã-Bretanha com um “tsunami” ameaçador. As elites receavam os princípios fundamentais da liberdade e direito à propriedade que a Grã-Bretanha imaginava nunca poderem ser vituperados no seu solo. Os nobres receavam saques e revoltas por parte da população, da “swinish multitude”⁶⁸ que, ao agir em massa, era facilmente liderada por vozes mais sonoras e mais radicais, onde imperasse a vingança e a irracionalidade.

⁶⁸ Edmund Burke (1729–1797) para além das *Reflections on the French Revolution*. The Harvard Classics.1909–14, Parágrafo 133, acedido em 1 de outubro, 2011 de <<http://www.bartleby.com/24/3/6.html>> Burke escreveu *A Philosophical Enquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful* (1757), *Reflections on the Revolution in France* (1790) entre muitas outras obras: de carácter filosófico, narrativo, crónicas e discursos políticos – “like Hume, Burke found that there was more money in narrative works and in practical affairs than in philosophy.” Por outro lado, muitas das ideias de Burke revelavam não apenas o seu conservadorismo, como também o sentido de progresso e melhoramento progressivo da sociedade, responsabilizando os estratos sociais mais elevados intelectualmente no seu papel de liderar essa mudança da sociedade: “Burke retained all his life a sense of the responsibility of the educated, rich and powerful to improve the lot of those whom they directed; a sense that existing arrangements were valuable insofar as they were the necessary preconditions for improvement; and a strong sense of the importance of educated people as agents for constructive change, change which he often contrasted with the use of force, whether as method or as result.” [sublinhado meu]

A atenção da sociedade concentrou-se nos eventos em França, fruto também do livro publicado por Edmund Burke, *Reflections on the French Revolution* (1790), que vendeu onze edições, num total de 32 000 cópias durante o ano da sua publicação (Hilton, 2008:58). A ideia que transmitia era de demonização das ações, de destruição da propriedade, em alvos que não eram exclusivamente da nobreza, mas todos os contextos que a paz proporcionara de crescimento e estabilidade económica e comercial, i.e., a burguesia seria também um alvo preferencial a abater. Burke ainda afirma que “kings will be tyrants from policy, when subjects are rebels from principle” (Burke, 1790: §131)⁶⁹. Hilton resume o *aviso* que Burke deixa, nas suas *Reflexões*, com a seguinte fórmula: “excess of liberty always leads to licence, licence to anarchy, and anarchy to military despotism” (2008:59). Impunha-se, do ponto de vista dos conservadores e dos críticos da Revolução Francesa, a defesa e respeito pela pessoa do rei e da constituição acessível para todos poderem assimilar e manter a justiça, a liberdade e o direito à propriedade, conservando os símbolos da nacionalidade e independência – a coroa e a pessoa do rei. As campanhas de sensibilização do povo começaram em força a nível da imprensa, dos panfletos, das folhas volantes, das caricaturas, a panóplia das imagens anti-invasão.

Harris, Ian, "Edmund Burke", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2011 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/burke/>>, acessido a 20 julho de 2011.

⁶⁹ Vide Anexo 6.



70



71

Thomas Paine foi um influente radical e republicano, apoiante enérgico da Revolução Francesa, que publicou *The Rights of Man* em 1791 e *Idade da Razão* em 1793-94, e foi protagonista, com Edmund Burke, de um importante debate sobre a Revolução Francesa e sobre formas de governo.

⁷⁰ “Thomas Rowlandson published this etching on behalf of the Association for the Preservation of Liberty and Property against Republicans and Levellers”, acedidod a 1 ouubro de 2011, <<http://www.historyhome.co.uk/c-eight/france/frevpitt.htm>>

⁷¹ Gillray’s “Blessings of Peace and The Curses of War,” 1795(1756-1815), acedido a 1.out.2011 <www.rc.umd.edu>



James Gillray (1793)

“In Fashion before Ease; —or,— A good Constitution sacrificed for a Fantastick Form”.

Imagem caricaturando Britannia a abraçar de um carvalho [árvore associada ao Reino Unido], enquanto Thomas Paine aperta os cordões do seu espartilho cingindo-o ao máximo, apoiando o seu pé sobre o posterior de Britannia. Do bolso do seu casaco sobressaem uma tesoura e uma faixa onde se lê: “Rights of Man”. Atrás de si, uma casa de telhado de colmo [muito inglesa], está patente uma placa informativa: Thomas Pain, de Thetford, fazedor de espartilhos. Modas Paris, “by express.” [Wikimedia Commons]

O povo poderia perguntar a quem estavam realmente a apertar o corpete, porque a máquina do estado alimentava o sistema de relações de dependência política e económica que beneficiaria sempre com a guerra e a atemorização popular (Colley 2009:152-5). Mantendo John Bull crédulo e receoso, decerto que combateria pela sua família e pela sua pátria. Surge uma nova ameaça de França: a ambição imperial de Napoleão Bonaparte. Foi uma guerra que se prolongou por muito tempo, terminando na vitória da Grã-Bretanha: a derrota final foi em 1815, na Batalha de Waterloo em que as várias forças conjuntas foram coordenados por dois líderes - o Duque de Wellington e Gebhard von Blücher.

A figura popular de John Bull, o equivalente ao nosso Zé Povinho, nas suas múltiplas representações caricaturadas da época⁷² apresenta-se sempre com uma

⁷² Vide o Anexo 7.

mensagem que salienta a injustiça, o medo, o compadrio, o total desrespeito dos políticos pelo povo. Sobretudo no período que se seguiu à Guerra, e apesar de medidas e legislação bastante repressivas, foi possível fazer a denúncia pública de escândalos políticos e económicos: era cada vez mais difícil continuar a amordaçar a opinião pública.



73

John Wade (1788-1875)⁷⁴, publica em 1819 *The Black Book: Corruption Unmasked*, no qual são revelados os rendimentos da aristocracia e do clero, documentos comprometedores da “Civil List” [lista de nomeados para remunerações vitalícias da qual, como vimos, Scott recusou fazer parte em 1830], da polícia e dos tribunais, bem como a denúncia da promiscuidade política entre o governo e a “East Indian Company”. Os interesses dos particulares sobrepunham-se ao interesse do povo, a rede de relações e favores era tentacular e servia para tudo controlar: eleições, votos, membros do parlamento, silêncios.

Este sistema político não serve já os interesses socioeconómicos da burguesia ou dos assalariados. O radicalismo, quer na sua feição utilitarista, quer em versões mais extremas, exigia a reforma do sistema político. Na sua forma mais tradicional, (Driver,

⁷³ [Universidade de Dublin: <www.tara.tcd.ie>]

⁷⁴ John Wade: acedido a 1 out. 2011, <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRwade.htm>>

2009)⁷⁵ o utilitarismo apontava para a utilidade de promover a felicidade do maior número possível, nessa medida constituindo uma ameaça aos privilégios e ao poder da aristocracia. Este debate foi liderado por duas figuras se destacam: Jeremy Bentham e John Stuart Mill, como forças progressistas de reforma social, política e económica.

Outra revolução estava em curso, associada à política, à agricultura e à indústria, com consequências evidentes na malha populacional e na inserção de migrantes na tecitura dos aglomerados urbanos. A revolução agrícola continuava a dar frutos, mas gerava dificuldades imprevistas que estavam a alterar a configuração da paisagem britânica. O desenraizamento social parece a mais violenta e é geradora de novos conflitos.

O crescimento da população estava relacionado com diversos fatores: aumento da produção agrícola, subida dos rendimentos, antecipação da idade de casamento, aumento da natalidade, maior número de trabalhadores disponíveis, incluindo crianças (Hilton, 2008:5). A distribuição e concentração das pessoas dependiam em grande parte da atividade agrícola por um lado, e por outro da prospeção de carvão (Hartwell, 1974:31-2)⁷⁶, verificando-se maior concentração de população junto de centros industriais, comerciais ou administrativos. A cidade de Londres em 1800 era uma das mais populosas das capitais europeias, com um milhão de habitantes, chegando a um milhão e quinhentos mil em 1830⁷⁷,

A produção agrícola extensiva era mais intensa que anteriormente, em grande parte devido ao emparcelamento das terras ao longo de século e meio, mas acelerado a partir de 1760, como refere Seaman (1981:349-50)⁷⁸:

By 1750, half England's arable was already enclosed. (...)Between 1760 and 1815, some seven million acres were enclosed by parliamentary action, three quarters of them during the twenty years before 1780 and between 1793 and 1815.

⁷⁵ Driver, Julia, "The History of Utilitarianism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2009 Edition)*, Edward N.Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2009/entries/utilitarianism-history/>>.

⁷⁶ Vide R.M. Hartwell, "Economic change in England and Europe", in Crawley, C.W.(ed.).*The New Cambridge Modern History: War and Peace in an Age of Upheaval 1793-1830*. Vol. IX. London:Cambridge University Press. 1974.

⁷⁷ Em 1783 havia treze milhões de habitantes chegando a vinte e seis milhões e setecentos mil em 1841. Londres em 1846 contava já com dois milhões e quinhentos mil habitantes (Hilton, 2008, 5-7).

⁷⁸ Seaman, L.C.B., "Challenge and response. Approximate dates: from before 1760 until after 1860". *A New History of England*. part 6. Macmillan: London, 1981. pp. 347-415.

A produção agrícola proporcionou a criação de excedentes, sobretudo das grandes e médias explorações, sujeitos às leis do mercado, da oferta e da procura. A malha social, económica e cultural começa a ganhar novos contornos, as relações entre o senhor e o servo, entre o nobre e o arrendatário, entre a deferência e o paternalismo.

Se o emparcelamento permitiu um melhor aproveitamento dos solos e dos recursos humanos com vista ao aumento da produtividade, mas sujeitos às flutuações das novas leis do mercado, da oferta e da procura, veio criar grandes desigualdades e precaridade no trabalho rural. As parcelas de terra eram atribuídas a quem provasse capacidade de exploração, renováveis anualmente (dependendo, portanto, de bons ou maus anos de colheita assim como do recurso das terras comuns ou dos baldios). Os agricultores muitas vezes eram compensados monetariamente para abdicar destas terras, originando agricultores sem terra. Por outro lado, nem sempre as parcelas possuíam tamanho que proporcionasse autonomia e autossuficiência: os baldios e terras comunitárias foram cercados, e os pequenos agricultores não tinham espaços para a pastorícia, para recolher lenha. A lei dos Cercados [1801] veio facilitar a incrementação das reformas agrícolas, e “coutar” era um dos melhoramentos, envolvia dinheiros públicos para construir cercas, caminhos e sistemas de drenagem, magistrados e inspetores (pagos), que tinham a função de verificarem o cumprimento da lei. Verificasse, assim, uma perda acentuada de direitos naturais adquiridos ao longo de gerações: a lei retirou-lhes terras, que lhes garantiam a independência e proporcionavam bens e capital (Briggs, 1994:182-3). A desumanização e a desagregação populacional ganham novos contornos: o êxodo para as cidades.

Se olharmos para o que se passava na Escócia, as “Highland Clearances”, o cálculo da percentagem de pessoas afetadas é condicionado por diversos fatores: a diáspora escocesa havia começado para a Irlanda, para o Canadá, para o comércio ultramarino, para o exército e defesa da Grã-Bretanha e do Império. Mas ao contrário do que se passava em Inglaterra, a terra era subdividida por razões ainda menos nobres:

Bounties rose dramatically in the later eighteenth century as the army underwent continued expansion. Official levels of Highland recruits were £3 in 1757 but had spiraled to £21-£30 in 1794. Landlords in the North of Scotland were able to exploit these rising values because rather than paying full bounty money they used land on their estates in return for supply of recruits. Tenants were expected to supply a family member or a ‘purchased man’ whose bounty was paid by the tenant himself. (...) The human harvest was simply more lucrative. (Devine, 2004, p.318)

As famílias trocavam filhos por um pedaço de terra, e se tudo corresse bem os filhos herdariam as terras. Quem não quisesse obedecer dando um filho, ou mais do que um, era posto fora das terras. Muitas foram as propriedades adquiridas com o sangue dos seus, mas quando o contrato não era cumprido (por morte) e o acordo quebrado, a confiança na honestidade do Senhor da terra desaparecia (Devine, 2004:318-19). A tensão entre os que tinham terra e os que a não tinham aumentava. Arthur Herman (2006:97) comenta que os homens seguem aqueles que se tornam um exemplo e se destacam:

Men are guided instead by custom, and the personal authority of those they trust – ‘elders of the tribe’ or a warrior nobility. The laws are strict, the punishments harsh.

As antigas tradições estavam proibidas desde 1745, e os deveres da interdependência em pirâmide cedem lugar à modernidade e à livre iniciativa individual. O dinheiro aumentava para alguns na fragmentação da terra em vez da sua unificação. As quebras de contrato tornam-se demasiado frequentes com o passar do tempo, a fome e a pobreza instalam-se, antes e depois de 1830 e durante todo o século XIX (Devine, 2004:342-345). A Escócia, as Terras Altas e as Terras Fronteiriças (Borders) estavam a perder gente a favor da região central (Central Lowlands), que em 1820 tinha absorvido mais de metade da população total escocesa. Segundo afirma Devine, a Escócia estava a configurar-se demograficamente como ainda hoje persiste (2004: 323).

4. *Ivanhoe*⁷⁹ e o reflexo de uma sociedade em mudança

Em 1814, quando Walter Scott começa a escrever “novels and romances”, os seus romances históricos - inicia também o seu longo período de “*incognito*” -, a Grã-Bretanha encontra-se no período de profundas mudanças sociais do fim das Guerras Napoleónicas. O contexto de vida dos seus leitores está permeado de radicalismos e descontentamento popular, por um lado, e de repressão política, por outro.

Scott, em *Ivanhoe* (1^a edição de 1819) e na persona de Templeton, está a conduzir-nos a um ponto essencial da sua metodologia. A sua escrita não pretende ser

⁷⁹ Serão utilizadas as seguintes edições de *Ivanhoe*: a “Dedicatory Epistle” e a “Introduction” e “Notes to volume XVI” será a edição de 1860, vol. XVI, digitalizada pela Googlebooks em <<http://books.google.com>>, acessido a 27 de Setembro de 2009; para as citações do romance *Ivanhoe*, será utilizada a edição da London: Penguin, 2000.

mimética⁸⁰, a liberdade é fundamental para o leitor usar da imaginação. Mais do que idealizar o passado medieval, Scott pretende torná-lo referencial, objeto de estudo de casos. Mais do que a realidade de uma época, ele pretende retratar a realidade/verdade que atravessa épocas e que subsiste no tempo, vestida com outras roupagens ou personificada por outros. Scott propõe que os leitores reconheçam, no seu futuro em construção, as tradições do passado e as forças em marcha do presente. Templeton buscou a linguagem comum a todas as nações, de todas as épocas, de todas as culturas, com as quais as pessoas se identificassem e sentissem suas:

(...) all those minute circumstances belonging to private life and domestic character⁸¹
 (...) the large proportion [...] of manners and sentiments which are common to us and to our ancestors, having been handed down unaltered from them to us, or which, arising out of principles of our common nature, must have existed alike in either state of society.⁸²

Ao longo do romance, são vários os momentos em que a voz do narrador parece mais o seu autor, historicamente localizado no século XIX, do que um narrador fictício e ficcional, heterodiegético e de focalização externa. Muitos assuntos são abordados ou pelas personagens – das quais se pode extrapolar e inferir críticas ao século XIX, ou em intervenções do narrador, tanto L. Templeton (em *Ivanhoe*) como o próprio Scott, quer em apartes ou em notas de rodapé. No romance e na voz do narrador, a figura do rei Ricardo é valorizada mais pelas características de personagem romântica, do que pela figura do rei governante, i.e. da História, daí a crítica enunciada:

In the lion-hearted King, the brilliant but useless character, of a knight of romance, was in great measure realized; and the personal glory which he acquired by his own deeds of arms, was far more dear to his excited imagination than that of which a course of policy and wisdom would have spread around his government. Accordingly, his reign was like the course of a brilliant and rapid meteor, which shoots along the face of heaven, shedding around an unnecessary and portentous light which is instantly swallowed up by universal darkness; his feasts of chivalry furnishing themes for bards and minstrels, but affording none of those solid benefits to his country on which history loves to pause, and hold up as an example to posterity⁸³. (cap. 41:365)

E num tom ainda mais crítico, o narrador não se priva de continuar a fazer comentários sobre a “Charter of the Forest” e as boas, mas inconsequentes, intenções do rei:

⁸⁰ Epistle, p.27, refere que não pretende representar ou reproduzir a realidade ou natureza tal como é.

⁸¹ Epistle, p.19.

⁸² Epistle, p.25.

⁸³ Sublinhado meu.

He once more extended his hand to Robin Hood, assured him of his full pardon and future favour, as well as his firm resolution to restrain the tyrannical exercise of the forest rights, and other oppressive laws, by which so many English yeomen were driven into a state of rebellion. (*Invanhoe*, cap. 41:367-8)⁸⁴

Scott recorda ao seu leitor o poder arbitrário e a jurisdição própria de cada nobre em julgar nas suas terras qualquer infrator: “the shattered tower, which now forms a vista from his window, once held a baron who would have hung him up at his own door without any form of trial (*Ivanhoe*, Epistle: 21)”. Ao expor esta situação, obriga indiretamente o leitor à reflexão, com uma referência irónica aos “direitos e liberdades” tão caras aos ingleses, nomeadamente a lei da caça⁸⁵, que foi alvo de grande debate e controvérsia nestas primeiras décadas do século; mais, recorda a manutenção de privilégios dos nobres, privilégios que, na Idade Média, incluíam a execução do transgressor, mesmo que este o tivesse feito para matar a fome da sua família e que estavam agora, no início do século XIX, a enfrentar o ataque dos radicais. Mais tarde, em 1825, na obra *Tales of the Crusaders, The Talisman*, as palavras do escocês Kenneth repetem esta crítica: “For the present I follow the banner of England, but I cannot remember that I have ever subjected myself to her forest-laws, nor have I such respect of them as would incline me to do so. When the trumpet sounds to arms, my foot is stirred up as soon as any (...) But for my hours of liberty or of idleness, King Richard has no title to bar my recreation.” (*The Talisman*, p. 179).

Os desacatos e a violência mencionados pelo narrador em *Ivanhoe*, como situações evitáveis podem ser lidos como notícias retiradas dos jornais, como relatos reais e atuais, uma chamada de atenção ao leitor para os eventos da atualidade política e social. Em 1819, um pouco por toda a parte, sucediam-se manifestações populares contra situações de precariedade, desemprego, exploração laboral, fome, privação de dignidade⁸⁶. Por outro lado, alguns julgamentos eram sumários e as condenações eram

⁸⁴ Sublinhado meu.

⁸⁵ Na realidade, as leis da caça e da floresta remontam ao tempo de Ricardo I. No romance *Ivanhoe* o cão chamado Fangs teve que ser incapacitado de perseguir caça grossa, procedimento cuja execução se chamava “lawing”. Cf. *Ivanhoe*, “Notes to Volume XVI”, 1860.

⁸⁶ Vide Asa Briggs, 1994, p.191: “Os princípios da autoridade e hierarquia eram frequentemente postos em causa, mas não como resultado de qualquer falha por parte do governo (...) A principal causa era o descontentamento político, religioso e económico. (numa tentativa de contrariar o crime rural e urbano, o Waltham Black Act, de 1724, definiu cerca de 50 novos crimes capitais, muitos deles relacionados com violações de propriedade. No entanto, e apesar de passarem a existir cerca de 100 crimes capitais no código penal, só eram enforcadas por ano cerca de 200 pessoas.” Na “provincia era na prática aceite uma «economia moral» que permitia a expressão do descontentamento através de comportamentos parcialmente ritualizados, incluindo alguma violência tolerada e circunscrita, (...) Nas cidades, porém, em Londres em particular, era cenário frequente de distúrbios incontroláveis, cujos piores exemplos foram os

públicas, e havia sempre um vasto público a assistir. Foram acontecimentos que se repetiram ao longo do século XIX, e que Scott não deixou de referir chamando a atenção para a atualidade do seu romance:

But the evident desire to look on blood and death, is not peculiar to these dark ages; [...] Even in our own days, when morals are better understood, an execution, a bruising match between two professors, a riot, or a meeting of radical reformers, collects a considerable hazard to themselves immense crowds of spectators, otherwise little interested, excepting to see how matters are to be conducted, and whether the heroes of the day are, in the heroic language of insurgent tailors, flints or dunghills. (*Ivanhoe*, cap 43, p. 382)⁸⁷

Uma outra situação passível de transposição do século XII para o século XVIII-XIX diz respeito a uma referência da parte de Cedric a uma batalha bem no coração da Escócia, em 1138, onde os Celtas-Escoceses foram derrotados por um exército constituído por Normandos e Saxões-Ingleses. Em *Ivanhoe* vemos o poder e os bens dos anglo-saxões a serem tomados pelos normandos, a lembrar os ingleses a injustiça que sentiram, e quase num ato de justiça histórica, do mesmo modo como os nobres escoceses foram despojados dos bens após as sublevações jacobitas. Não é sem ironia que Scott aqui nos deixa esta invasão dos Normandos em *Ivanhoe*:

And here we cannot but think it necessary to offer some better proof than the incidents of an idle tale, to vindicate the melancholy representation of manners which has been just laid before the reader. It is grievous to think that those valiant barons, to whose stand against the crown the liberties of England were indebted for their existence, should themselves have been such dreadful oppressors, and capable of excesses contrary not only to the laws of England, but to those of nature and humanity. But, alas! We have only to extract from the industrious Henry* one of those numerous passages which he has collected from contemporary historians, to prove that fiction itself can hardly reach the dark reality of the horrors of the period. (cap. 24, p. 192) [Sublinhado meu]

Nesta alusão à primeira grande ofensiva contra o abuso do poder real – os barões que forçaram João a assinar a Magna Carta, homens violentos e sem moral, segundo rezam as crónicas – Scott reforça as ironias da história. A ideia das ancestrais liberdades anglo-saxónicas sufocadas pelo absolutismo normando era frequentemente invocada pelos ideólogos Whig de setecentos:

tumultos Wilkes de 1763 e Gordon de 1780.” Seguiram-se outros, vários, e tão próximo da publicação de *Ivanhoe* destaco o Massacre de Peterloo em Manchester de 1819. [sublinhado meu]

⁸⁷ De acordo com as notas, os que não cedem aos patrões e os que cedem aos patrões, uma clara alusão à atualidade do século XIX, e não ao contexto do romance, acerca de condições laborais e salários.

The idea of the ancient constitution of Saxon liberty found in seventeenth-century Whig thought and the idea that England was emerging from under Norman Yoke of feudalism and monarchical power to regain its liberty (a process completed in 1688), lay at the core of the Whig ideology (... that kings had been elected), the idea of Saxon liberty was to be profoundly influential both in English radicalism and Scottish historiography.⁸⁸

Essa ironia é realçada por Scott nas referências longas a relatos de crueldades durante o reinado do rei Stephen, da violência dos normandos e senhores dos castelos, em perseguições políticas e atentados ao pudor:

The description given by the author of the Saxon Chronicle of the cruelties exercised in the reign of King Stephen by the great barons and lords of castles, who were all Normans, affords a strong proof of the excesses of which they are capable when their passions were inflamed.[...] But it would be cruel to put the reader to the pain of perusing the remainder of this description.*[*Henry's History. Edit.1805,vol vii.p.346] As another instance of these bitter fruits of conquest, and perhaps the strongest that can be quoted, we may mention, that the Empress Matilda, though a daughter of the King of Scotland, and afterwards both Queen of England and Empress of Germany, the daughter, the wife, and the mother of many monarchs, was obliged [...] to assume the veil of a nun, as the only means of escaping the licentious pursuit of the Norman nobles. (*Ivanhoe* - cap.24:p.192)⁸⁹

Muitos dos motivos e temas abordados nos seus romances históricos, em particular neste, manifestam valores, atitudes e comportamentos associados à aristocracia, no processo de reconto que Walter Scott empreende faz realçar os valores do passado e desperta os seus contemporâneos para essas evidências éticas ao trazê-los ao presente (Fleishman, 1972:52).

É aqui que Scott pretende chegar quando, na introdução da sua *Magnum Opus*, esclarece os leitores relativamente à sua preocupação de formar os jovens para os valores: abnegação, “self-sacrifice”, coragem e valentia, o ideal de cavalaria para domar os ímpetos de violência, para melhor formar o *gentleman* e a *lady* do seu tempo. Na última página da “Introduction” [Abbotsford, 1st September, 1830], em *Ivanhoe*, a moralidade e a virtude encontram-se frente a frente. Não se faz o bem para a recompensa, mas para a elevação. Na ótica de Scott, a gratificação das paixões não deve

⁸⁸ Vide Murray Pittock, “Historiography” in Brodie (ed.) 2010, p. 260-1.

⁸⁹ Na página seguinte Scott confirma tudo isto referindo-se a mais duas fontes: Eadmer (1055-1124), com a sua obra intitulada *Historia Novorum in Anglia* (ed. Martin Rule: London,1884), e o fictício Wardour Manuscript. Veja-se também o que Hilton menciona acerca da existência de uma “anglo-saxon democracy (p.347), politicamente os “knights”[leia-se representantes] eram eleitos por todos os homens livres, numa clara alusão à necessidade de mudar as leis eleitorais do século XIX.

pautar-se pela satisfação dos desejos, mas antes pela sua sublimação e sensação do dever cumprido, abnegação e magnanimidade:

But a glance on the picture of life will show, that the duties of self-denial, and the sacrifice of passion to principle, are seldom thus remunerated; and that the internal consciousness of their high minded discharge of duty, produces on their own reflections a more adequate recompense, in the form of that peace which the world cannot give or take away. (“Introduction”, p. 14-15)

Esta questão coloca-se relativamente ao desenlace que não oferece um fim feliz para a relação amorosa entre o herói (Ivanhoe, um cavaleiro saxão de origem nobre, rendido ao ideal de cavalaria normando) e a bela judia Rebecca, apátrida e renegada da sociedade: “The character of the fair Jewess found so much favour in the eyes of some fair readers, that the writer was censured, because when arranging the fates of the characters of the drama, he had not assigned the hand of Wilfred to Rebecca, rather than the less interesting Rowena.” A opção de Scott não deixa, no entanto, de demonstrar uma preocupação com a verosimilhança histórica, independentemente da defesa de valores morais como a abnegação, a renúncia ou o cumprimento do dever. A responsabilidade cívica está patente na obra *Ivanhoe* de Scott, numa temática localizada temporal e espacialmente, contudo sob princípios e atitudes cívicas intemporais: promovia-se a integridade da vida pública.

Na segunda metade do século XVIII, a influência de Jorge III no cultivo de virtudes públicas manifestou-se na promulgação e promoção de medidas que cultivassem a piedade e a caridade, as “boas maneiras” sociais, comportamentos cívicos de altruísmo e filantropia (Hilton, p.179):

George III had pontificated about the need for the integrity in public life, and had issued a Proclamation for the Encouragement of Piety and Virtue [...], now the moral majority appeared to be catching up with him. There was a proliferation of improving organizations, including the century-old and now revived Society for the Reformation of Manners (1690), the Society of Universal Good Will (1786), the Society for Carrying into Effect His Majesty’s Proclamation against Vice and Immorality (1788), the Society for the Suppression of Vice (1802), and the Friendly Female Society, for the Relief of Poor, Infirm, Aged Widows, and Single Women, of Good Character, Who Have Seen Better Days (1802). Much of this philanthropic activity was inspired by Wilberforce, who emerged as the conscience of the age like Lord Shaftesbury in the 1840s.

Toda esta atividade civicamente implicada era acompanhada pela proliferação de literatura didática, em compêndios, crestomatias, seletas, & C^a, “which was to inoculate

the poor against Paine-ism and keep them humble” (Hilton, p.179); tais publicações traziam prestígio, a quem as lesse, e a sua divulgação promovia comportamentos padronizados, traduzia e cultivava delicadeza e bom gosto entre a burguesia, revelava propósito e objetivos filantrópicos colaterais a aplicar em grupos e associações de solidariedade: “There is no denying the gradual permeation of the new Puritanism, even among the aristocracy”⁹⁰. Sendo a burguesia maioritária, a aristocracia aprendia também a tornar visíveis comportamentos agora civicamente sancionados.

A alta burguesia encontrava-se num momento privilegiado, afirmando-se intelectualmente, comportando-se como classe profundamente moralista⁹¹ e impondo-se hegemonicamente com bens culturais e económicos em franco crescimento, ocupando posições políticas e jurídicas transformadoras da sociedade. A ascensão a um título nobiliárquico fazia-se pela política de “bons casamentos”, a nobreza possuía os títulos ancestrais e a burguesia estava ávida de posição social, marcando o seu trajeto e valores de forma incisiva e clara:

[It was] only in the 1780s that such people [haute bourgeoisie or upper-middle class] began to identify themselves as like-minded, or presumed to formulate public opinion independently (and sometimes in defiance) of aristocratic norms; only then that they established professional and commercial associations with the aim of asserting a national as well as merely local importance: only then their voice – sonorous, knowing, oracular, collusive – began to prevail in the public consciousness, largely via new periodicals such as *The Quarterly*, *Edinburgh*, *London*, *Westminster*, and *British and Foreign*.⁹²

O papel crítico desta burguesia esclarecida vai ser preponderante na transformação da sociedade, o papel da literatura, da atividade de leitura e discussão, serão as chaves para o progresso e para a transformação social e intelectual do ser humano. Citando de John Stuart Mill, “Large subjects are discussed more, and longer, and by more minds. Discussion has penetrated deeper into society; and if no greater numbers than before have attained the higher degrees of intelligence, fewer grovel in that state of abject stupidity, which can only co-exist with utter apathy and sluggishness.”⁹³ Estava em

⁹⁰ Vide Hilton, 2008, pp. 178-9; também Hayden White refere que “Art and Literature have a domesticating effect when they project as possible subjectivities for their customers the figure of the ‘law-abiding citizen’”, in *The content of the Form*, 1990, p.87. [sublinhado meu]

⁹¹ Fleishman refere o seguinte: “we can trace the growth of cultural modes in modern Scotland: it has lost its governing religious absolutes, and needs to develop new sources of obligation to a secular social order.” (p.91)

⁹² Vide Hilton, 2008, p. 151.

⁹³ John Stuart Mill “THE SPIRIT OF THE AGE, I” (73), in *EXAMINER*, 9 JAN., 1831, pp. 20-1, acedido a 23 de outubro de 2009 de <<http://oll.libertyfund.org>>

curso uma revolução moral, à qual não escaparam nem “the mad, bad and dangerous people [who] woke up, as it were one morning, to find themselves respectable.” (Hilton, 2008:38)

Parte II. Jogos de Identidade

Cap I Paratextos: a relação do autor com o seu público

“[T]he public have been more attentive than the Author durst have hoped or expected.” (*Waverley*, “Preface to the third edition”, 1814, p.v)

Ciente da importância do sucesso editorial das suas criações, Walter Scott fez uso dos termos e estratégias editoriais e para contactar e cativar o seu público leitor: epígrafes, dedicatórias, advertências, preâmbulos (forewords), prefácios, introduções, epístolas introdutórias, apêndices, notas e notas sobre notas, com transcrição de documentos reais, fictícios ou ficcionais. Para além destas estratégias, temos técnicas editoriais que permitem publicar em fascículos na imprensa da época, publicar em tomos, em volumes, agrupar histórias por afinidade noutros volumes, desagrupar para continuar em séries diferentes, juntar tudo numa coleção - *Waverley Novels* -, ou separar individualmente cada obra para tomar parte num legado mais vasto e abrangente chamado *Magnum Opus*.⁹⁴

O mundo editorial da obra de Scott foi alvo de levantamento e compilação variados, dos quais destaco o de Joanne Shattock (1999)⁹⁵, que de modo exaustivo apresenta as obras, datas de publicação e diferentes edições, editores, no país e no estrangeiro, traduções, recensões críticas, referências em publicações da época e estudos académicos publicados sobre as obras, entre outros. Em Portugal, e apenas a título informativo, foi feito levantamento exaustivo das publicações em países europeus das traduções de Scott e em Portugal entre 1835 e 1842, por parte de Maria Alexandra Ambrósio Lopes (2010)⁹⁶.

⁹⁴ Vide Anexo 1 aludido na Introdução.

⁹⁵ *The Cambridge Bibliography of English Literature: Volume 4; Volumes 1800-1900*. Sobre Walter Scott são as páginas 991/992 – 1063/1064, na 1^a edição, in <<http://books.google.com>>, acedido a 14 de agosto de 2011. Vide Anexo 8

⁹⁶ *Poéticas da Imperfeição. Autores e Tradutores na primeira metade de oitocentos: Walter Scott e André Joaquim Ramalho de Sousa*. Tese de Doutoramento em Estudos de Tradução, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, policopiada, outubro de 2010. São também referidas edições que se mantiveram durante o Estado Novo, “bowdlerised” ou adaptadas aos valores da época.

Waverley foi o primeiro romance de Walter Scott, publicado anonimamente em três volumes em 1814. Na primeira e segunda edições não havia prefácio, mas na terceira edição⁹⁷ o prefácio surgiu para estabelecer diálogo com o leitor, respondendo a muitas questões levantadas acerca de alguma personagem que não conquistou o público, ou sobre as dúvidas que pairam sobre o autor da obra,

(...) it must remain uncertain, whether WAVERLEY be the work of a poet or a critic, a lawyer or a clergyman, or whether the writer, to use Mrs. Heidleberg's phrase, be 'like Cerberus – three gentlemen at once'. (1814:vi)

O jogo das possibilidades começa aqui, ele próprio limitando as hipóteses: [o autor] não se expõe por modéstia, ou por ocupar um lugar incompatível com a atividade literária, por não estar acostumado às luzes de ribalta, por querer manter a sua reputação longe do julgamento popular, por querer evitar ser apelidado de pedante ou superior, i.e., o leitor é levado a imaginar a causa da sua ocultação.

O capítulo I assume a função que os prefácios ou as epístolas introdutórias e as introduções vão assumir posteriormente: a obra serve para ilustrar “the moral lessons which I would willingly consider as the most important part of my plan (...) a task not quite easy in this critical generation as it was ‘Sixty Years since’” (*Waverley*, 1814: 11). Na primeira oportunidade que tem de estabelecer as regras do seu jogo, Walter Scott quebra-as, transformando o último capítulo do terceiro volume [Cap.XXIV] em “A Postscript, which should have been a Preface”; e explica as razões detalhadamente, acrescentando informação adicional ao contexto histórico retratado na obra, pormenores que agradam ao estilo literário romântico sem deixarem de ser factos verídicos e apenas romanceados, enfim, rematar a obra falando na necessidade de reposição da verdade relativamente à cultura escocesa e às suas gentes: “I wish that the task of tracing the evanescent manners of his own country had employed the pen of the only man in Scotland who could have done it justice” (*Waverley*, vol.3, p.370). Esse homem é Henry Mackenzie, escritor de origem escocesa, a quem Scott dedica esta obra referindo-se-lhe como “out Scottish Addison”⁹⁸. Então onde quer Scott chegar? Elogia a sua mestria literária em escrever com delicadeza e elevação os mais diversos assuntos, “perfectly

⁹⁷ A obra teve tanto sucesso que em cinco meses teve 4 edições (vide Anexo 8).

⁹⁸ As obras de Henry Mackenzie (1745-1831) estão reunidas em *Works of Henry Mackenzie*, vol. V (de VIII), “Papers in the Lounger” no.6, Saturday March 12, 1785”, Edinburgh: Cadell, 1808 (p. 128 – onde se faz referência ao Colonel Caustic e Umphraville).

blended with the finer traits of national character” (p.370), e ao elogiá-lo dedicando-lhe a obra, o autor metonimicamente inclui-se a si próprio no rol de pessoas distintas e famosas, por ser escocês, “should these sheets confer upon me that envied distinction”(p.370).

O autor [“I”] incorre, assim, na segunda violação da norma [editorial] que tão bem conhece, concluindo a obra com uma dedicatória: “To Our Scottish Addison, Henry Mackenzie, by an unknown admirer of his genius”. O que ressalta é a quebra das regras, assim como a indireta identificação da voz que fala ao leitor e que tem em comum a nacionalidade, através do possessivo “our”, reiterado pelo adjetivo de origem “Scottish”.

Sendo o primeiro romance de Scott, *Waverley* funciona como uma primeira experiência. Na primeira e segunda edições nem tinha prefácio, como vimos. A tentativa de comunicar com os leitores é claramente assumida no último capítulo, o “Postscript” cujo conteúdo e objetivo se encontra nos seus antípodas, visto que funciona como introdução e termina com uma dedicatória, envolvendo o leitor no sucesso e alcance da obra. Quanto à “Introduction” da edição Magnum, veremos mais à frente como se distinguem e se aproximam os paratextos, revelando o intuito comum de constituir um legado de uma obra em permanente aperfeiçoamento, sempre inacabada: cada edição começa sempre pelo paratexto mais recente, querendo traduzir a atualidade do pensamento do autor e só depois surgem os prefácios ou as epístolas introdutórias das primeiras edições (Genette 1997:178).

Nesta breve introdução ao jogo autoral de Scott, destaca-se o romance *Waverley* (1814), que, por ter sido o primeiro, quis que fosse o primeiro exemplo de análise dos recursos utilizados pelo autor. Outros paratextos identificados são a epígrafe inicial na folha de rosto, que identifica um verso de Shakespeare de uma peça histórica; finalmente, falta referir, na folha de rosto, a ausência de menção ao autor que será repetida por muitos anos, deixando Walter Scott confortavelmente incógnito.

A identidade do autor foi sempre um segredo de polichinelo, mais ou menos velado, que lhe trazia segurança e liberdade (criativa). Walter Scott não dá liberdade total às suas personae, como é o caso dos heterónimos pessoanos, não chega a escolher a pseudonímia, pois mais tarde poderia querer reclamar a autoria dos textos, mas não deixa as obras anónimas, pelo menos orfãs de referências: “under the rules of **onymity**, the name of the author is the name of whoever is putatively responsible for the work,

whatever his real role in producing it” (Genette, 1997, p.40). Nas próprias palavras de Scott,

I will vindicate my own fame with my own right-hand, without appealing to such halting assistants,

Whom I have used for sport, rather than need.

in Tales of the Crusaders, “Introduction: Minutes”, 1825, p.10

São diversas as vozes encontradas ao longo da obra e sobre as quais Scott evoca o “immortal Adam Smith, concerning the division of labour”⁹⁹ durante a “General meeting of the Share-holders designing to form a Joint-Stock Company, United for the purpose of writing and publishing the class of works called the *Waverley Novels*, held in the Waterloo Tavern, Regent’s Bridge. Edinburgh, 1st June, 1825” (*Tales of the Crusaders*, 1825: 5). Scott refere-se à divisão laboral, à especialização de cada um dos seus trabalhadores na sua “manufatura literária”, e que ele gere tão bem. As diversas vozes distribuem-se por toda a obra *Magnum*:

- Jedediah Cleishbotham (*The Black Dwarf*, *The Tale of Old Mortality*, *The Hearth of Midlothian*, *Count Robert of Paris*)
- Peter Pattieson (*The Bride of Lammermoor*, *A Legend of Montrose*)
- Laurence Templeton (*Ivanhoe*)
- Reverend Dr. Dryasdust (*Ivanhoe*, *The Fortunes of Nigel*, *Pevekil of the Peak*, *Redgauntlet*)
- Captain Clutterbuck (*The Monastery*, *The Abbot*, *The Fortunes of Nigel*, *Pevekil of the Peak*)
- «Author of Waverley» (*The Monastery*, *The Abbot*, *The Pirate*)
- autor não identificado («I») (*Quentin Durward*), (*Woodstock*)
- Chrystal Croftangry (*Chronicles of the Canongate*, série 1 e 2)
- Paul Pattieson (*Count Robert of Paris*)¹⁰⁰

Na reunião supra mencionada, duas personagens ficcionais participam também, o “Mr Dousterswivel”¹⁰¹, do romance *The Antiquary* [1816], e ainda o “Minister” of *Saint*

⁹⁹ *Tales of the Crusaders*, “Introduction: Minutes”, New-York, Vol.1, 1825, p.5

¹⁰⁰ Vide Maria Alexandra Lopes, 2010:257-8; esquema meu.

¹⁰¹ Vide Anexo 9: Documento que ilustra como Scott brinca com os nomes e o estatuto social das personagens.

Ronan's Well [1823]. O grau de sofisticação que Walter Scott atinge na manipulação ficcional dos paratextos está claramente patenteada nesta “General Meeting”, ainda antes da revelação de autoria e da redação das introduções especificamente feitas à sua *Magnum Opus*.¹⁰²

Walter Scott escolhe os seus prefácios (“prefatory” ou “introductory epistles”) e introduções para exercitar a ironia, verificando depois até que ponto os leitores estiveram atentos, com o duplo sentido que assiste às regras do jogo, dizendo verdade a mentir, ou descartando a responsabilidade que realmente tem. Como vimos, não lhe chega escrever epístolas, Walter Scott faz incursões no diálogo, na dramatização das ideias que pretende transmitir. Em 1820, ao publicar *The Monastery*, e logo a seguir *The Abbott*, não lhe basta escrever um prefácio ou uma epístola; Scott utiliza personagens ficcionais e fictícias em diálogo epistolar com o autor de *Waverley*, tornando-o outra *persona* de si próprio. O capitão Clutterbuck confirma, na epístola introdutória de *The Monastery* ao autor de *Waverley*, a quem se dirige, que terá “my history” (*The Monastery*, 1853:17).¹⁰³ Em *The Abbot* [ed.1838], a “Introductory Epistle” é escrita pelo autor de *Waverley* e dirigida ao capitão Clutterbuck. Apesar de “não se terem conhecido”, o capitão Clutterbuck propõe-se enviar os papéis coligidos para escrutínio do autor de *Waverley*. A resposta do Capitão também está incluída em *The Abbott*, como paratexto, e reforça a proximidade e familiaridade por parte do “autor de *Waverley*”:

The truth is, your origin and native country are better known to me than even yourself. You derive your respectable parentage, if I am not greatly mistaken, from a land which has afforded much pleasure, as well as profit, to those who have traded to it successfully, - I mean that part of the terra incognita which is called the province of Utopia. (*Monastery*, 1853, p.41)

Esta província da Utopia é, claro, o mesmo que lugar nenhum. (Este texto alude, aliás, também em tom irónico, quase sarcástico, a todos os que, maldizendo as obras publicadas, as leem avidamente no conforto da sua casa, longe dos olhares da opinião pública).¹⁰⁴ O autor de *Waverley* refere em seguida conhecer um conterrâneo do capitão, Jeddediah Cleishbotham (1820 [ed.1853:42]). A carta de resposta apresenta uma nota de rodapé adicionando informação sem esclarecer quem a fornece; noutra mais à frente

¹⁰² Vide Anexo 10: Presença de Walter Scott nas *Bibliographie de la France*, 1821.

¹⁰³ Na edição *Magnum* de *The Monastery*, a Introdução acrescenta treze páginas à obra; na edição *Magnum* de *The Abbott*, acrescenta quatro páginas e meia de Introdução, com 52 linhas em média por página

¹⁰⁴ Possivelmente estaria a referir-se a Lord Byron, seu acérrimo crítico, que se fez retratar vestido exoticamente de Albanês, daí talvez o comentário “their feet insinuated into their turkish slippers”.

refere-se a morte de Jedediah Cleishbotham e as complicações editoriais a que deu origem, com a publicação em Londres das “pseudo *Tales of My Landlord*”¹⁰⁵ (1820 [ed. 1853: 48]). As duas obras, *The Monastery* e *The Abbot*, estão ligadas, sucedendo uma à outra, como “sequel”. A correspondência epistolar ocupa uma extensa parte das obras: trinta e uma páginas (com 42 linhas em média por página) em *The Monastery* [ed.1853]. O leitor atento apercebe-se que as obras publicadas são interligadas ficcionalmente por nomes como “Author of *Waverley*”.¹⁰⁶ O Captain Clutterbuck e o Reverent Dr Dryasdust, entre outros, que se constituem como autores próximos, partilham segredos e experiências de visões e aparições do autor de *Waverley*, que são descritas ao pormenor, sob a forma de diálogo(s).

Uma outra manifestação do jogo autoral em que Walter Scott se envolve ocorre em *The Fortunes of Nigel* [1822], quando o autor aparece ao Capitão Clutterbuck “[in] a vaulted room dedicated to secrecy and silence”(p.ix) e revela-se, daí a expressão “Eidolon”, i.e., “aparição”, na “Introductory Epistle”. «*Salve, magne parens!*» é a saudação que o Capitão consegue verbalizar (p.ix), ao mesmo tempo que denuncia a origem da sua própria persona, relativamente ao autor de *Waverley*. Este encontro e o diálogo imaginário que se segue parece uma experiência surreal, de caráter fantástico¹⁰⁷. Outro diálogo de caráter “fantástico” é relatado por Rev. Dryasdust em *Peveiril of the Peak* [1823], na “Prefatory Letter”, onde as expressões “our great parent”, “our great progenitor”, “our worthy patriarch”, são usadas para identificar e aproximar o Capitão Clutterbuck e Rev. Dr. Dryasdust relativamente ao Autor de *Waverley*. A sua função é a de serem ambos autores putativos de Scott, ficcionalmente criados e responsáveis pela compilação e fornecimento de histórias ou relatos que interessem ao “*magne parens*”.

¹⁰⁵ *Tales of my Landlord* são narrativas históricas, que Scott agrupou; houve cinco livros e três séries.

Houve também uma edição pirata que o autor refere nesta carta.

¹⁰⁶ Importa referir que as duas obras, *The Fortunes of Nigel* e *Peveiril of the Peak*, parecem interligadas, uma sucedendo à outra, apesar de se tratar de edições diferentes. Convém destacar o facto de, em termos de extensão, o número de páginas que os paratextos ocupam é considerável e que são acrescentados na edição Magnum: em *The Fortunes of Nigel*, 1863, as epístolas ocupam entre 10 e 11 páginas de texto (com 46 linhas cada página em média), acrescentando depois 5 páginas (com 46 linhas em média por página) para a Introdução Magnum; em *The Peveiril of the Peak*, e usando a edição Cadell de 1831, a Prefatory Epistle ocupa 23 páginas de texto (com 27 linhas em cada página em média), às quais Scott acrescenta 62 páginas com a Introdução Magnum, com “Appendix no1”, com “Historical Notices & C^a”. A extensão material dos prefácios e das introduções varia consoante os métodos de impressão utilizados: por exemplo, muitas das edições nos Estados Unidos possuem duas colunas por página, com 61 linhas por coluna em média, como se de uma revista se tratasse (Boston, Nova Iorque, Filadélfia...)

¹⁰⁷ fantástico - fan.tás.ti.co - *adj* (*gr phantastikós*) **1** Que só existe na fantasia; imaginário. **2** Que apenas existe na imaginação. **3** Incrível. **4** Caprichoso. *sm* O que só existe na imaginação (*Dicionário Online Michaelis*).

Na “Introductory Epistle” [p.viii] de *The Fortunes of Nigel* [1822]¹⁰⁸, o Capitão Clutterbuck saúda o reverendo Dr Dryasdust com a expressão latina “*Quam bonum et quam jucundum!*”¹⁰⁹ We may indeed esteem ourselves as come of the same family¹¹⁰, or according to our country proverb, as being all one man’s bairns”[son or sons].” Durante o diálogo, o “Author” anuncia a morte de Jedediah Cleishbotham, um pouco à semelhança daquilo que Eça de Queirós faz à sua personagem predileta - Fradique Mendes-, que na ficção o ultrapassa na perfeição e que tem um fim sumário e definitivo; quanto aos heterónimos de Fernando Pessoa, apenas um lhe sobrevive, tão independente e exemplar que era.

O anúncio da morte de Jedediah Cleishbotham ganha maior expressão quando o Rev. Dr. Dryasdust responde ao Capitão Clutterbuck na obra seguinte, *Peeveril of the Peak* [1823], na “Prefatory Letter”. O jogo paratextual é evidente e os paratextos tornam-se textos autónomos e cativam os leitores a seguir a trama editorial que envolve todas estas figuras, bem como referência a outras figuras. Desta vez a aparição tem lugar “in the crypt” (p. lxxv), e o autor de *Waverley* é descrito como o Dr. Samuel Johnson, “a bulky and tall man, in a travelling great-coat, which covered a suit of snuff-brown, cut in the imitation of that worn by the great Rambler” (p.lxxi).

Em *The Fortunes of Nigel* o autor de *Waverley* tece considerações acerca da criação de romances, acerca de como se constrói uma história (com ironia) que se transforma e ganha vida por causa de “a demon who seats himself on the feather of my pen and leads it astray from its purpose”, transformando os seus propósitos sérios e equilibrados com personagens numa mansão normal em “Gothic anomaly”. O autor queixa-se de que quando tenta resistir a esse demónio, a sua prosa se torna “flat and dull” (p.xiii). Afirma que não tem jeito para a teatralidade, contudo sabemos que Walter Scott se aventurou no género dramático com a obra *Halidon Hill, Dramatic Sketch from Scottish History*, by Sir Walter Scott, Bart, 1822.¹¹¹

Uma outra temática abordada em diálogo de autores imaginados diz respeito à legitimação do lucro. O “autor” considera que ninguém pratica a arte pela arte, porque

¹⁰⁸ A edição utilizada é da *Magnum Opus*, de 1863.

¹⁰⁹ A citação completa é “*Quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum*”, trata-se do início do Salmo 133, em latim, “*Ecce Quam Bonum*”: Vede como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos.

¹¹⁰ Clutterbuck utiliza outra expressão no fim denunciando a mesma fonte - “another compartment of the same labyrinth” - numa alusão ao cérebro do seu criador, Scott, origem de todas estas personae (*The Fortunes of Nigel*, p.xviii).

¹¹¹ Foi feita apresentação e recensão crítica publicada por *The Gentleman’s Magazine: and Historical Chronicle*. From June to December, 1822, by Sylvanus Urban, Gent. (ed.), p. 49-50.

todo o labor deve ser remunerado na medida do trabalho envolvido e da dedicação e dos materiais empregues – manifestando uma noção clara das responsabilidades contabilísticas das editoras. Scott argumenta que na Atenas moderna, a sociedade escocesa – e apesar do que A. Smith defende – merece o reconhecimento social e económico enquanto contribuinte para a sociedade, para o bem-estar geral:

I do say it, in spite of Adam Smith and his followers, that a successful author is a productive labourer, and that his works constitute as effectual a part of the public wealth, as that which is created by any other manufacture.

I think our Modern Athens much obliged to me for having established such an extensive manufacture: and when universal suffrage comes to fashion, I intend to stand for a seat in the House of Interest of all unwashed artificers connected to literature. (*The Fortunes of Nigel*, p.xv)

Scott chama-lhe “gratification”, e ninguém no seu perfeito juízo recusaria o justo pagamento pelo seu tempo, nem um clérigo. A crítica surge agora endereçada a Oliver Goldsmith (1728-1774):

Author: «I do not affect the disinterestedness of that ingenious association of gentlemen mentioned by Goldsmith, who sold their magazine for sixpence a-piece, merely for their own amusement».

Captain: «I have but one thing more to hint. –The world will say you will run yourself out». (*The Fortunes of Nigel*, p.xvi)¹¹²

E o autor de *Waverley* muito ironicamente responde “When they dance no longer, I will no longer pipe” – o autor tira o leite enquanto a vaca deixar!

Outro assunto prende-se com a instrução das pessoas, especialmente jovens, na verdade, ou na busca da verdade, afirmando a diferença entre “the appearance of conveying information” e “truths severe in fairy fiction dressed”. A primeira serve apenas para ocupar a imaginação sem aplicação prática, a segunda trata das normas de conduta que a história pretende elucidar. Há um princípio moral, uma ética que norteia a produção literária:

I still consider hypocrisy and enthusiasm as fit food for ridicule and satire, yet I am sensible of the difficulty of holding fanaticism up to laughter or abhorrence, without using colouring which may give offence to the sincerely worthy and religious. Many things are lawful which we are taught are not convenient; and there are many tones of

¹¹² Vide Asa Briggs (1994, p.191: “Um dos muitos autores que objetaram contra «a conversão da escrita num comércio mecânico» e contra a transformação dos livreiros em «patronos e apoiantes dos homens de engenho», em vez dos «grandes», foi Goldsmith.”

feeling which are too respectable to be insulted, though we do not sympathize with them.(...) The devil take the men of this generation for putting the worst construction on their neighbour's conduct! (*Peveiril of the Peak*, 1831, p.lxxxvi)

“Honni soit qui mal y pense!”

Moto da Ordem de Jarreteira

Parte II

Cap 2 Romance Histórico ou História Romanceada? A Invenção da tradição

“I will write History... since history, you know is half fiction.”

Tales of the Crusaders [1825], p.10

A obra de Walter Scott, poética, narrativa e dramática, manifesta um carácter ficcional na sua génese, contudo mantém uma proximidade referencial com o real e com a história, independentemente dos anacronismos e imprecisões que possa conter. Os paratextos que acompanham a obra esclarecem o leitor acerca da representação desse mundo real, de antanho e atual, “aparentemente extra-textual” (A.Bebiano 2003:7), com repercussão no presente e sua eventual transformação.

A incursão histórico-ficcional de Scott passou por momentos diferentes, desde relatos históricos recriados ficcionalmente, passando por eventos ainda frescos na memória dos leitores, a situações plausíveis e verosímeis que os leitores tomaram como verdades históricas, mais vívidas e coloridas que os relatos lidos nos compêndios de História. Todos preferem uma boa história a uma Grande História, seca e dura sem gente dentro, só heróis e reis, dados cronológicos sobre dados cronológicos, sem sangue que lhe dê vida, como comenta o Autor, no diálogo que estabelece com Dr. Dryasdust na Prefatory Letter de *Peveiril of the Peak*, ao citar o “great Duke of Malborough [...] ‘Shakespeare Historical Plays, the only history I ever read in my life’”¹¹³. Pelo facto da linha divisória entre o facto e a ficção não estar claramente definida, Scott foi por vezes criticado pelos leitores e historiadores “for outrageous misrepresentation” (Rigney, 2001:48); por outro lado, Scott fazia valer-se das lacunas que a história deixou, em separar características particulares das genéricas, com o seu mérito estético que o

¹¹³ *Peveiril of the Peak* (1823), Rev. Dr. Dryasdust “Prefatory Epistle”, Cadell, 1831, p. lxxxiv, “And a hasty recollection will convince us how much better we are acquainted with those parts of English history which that immortal bard has dramatized, than with any other portion of British story.” [Sublinhado meu]. Veja-se também na mesma obra o jogo de dizer verdades a mentir que aguçam no leitor a curiosidade e a vontade de pesquisar os factos tal como aconteceram: “truths severe in fairy fiction dressed (...) the least spark will give fire when the train is properly prepared; and having been interested in fictitious adventures, ascribed to an historical period and characters, the reader begins next to be anxious to learn what facts really were, and how far the novelist has justly represented them.”(pp. lxxxiii-lxxxiv)[Sublinhado meu] Veja-se também Arthur Herman, 2006, em que refere “the historical novel became a distinct art form, a way of making the past come alive through an intriguing blend of imaginative fantasy and meticulous fidelity to historical truth.” p. 295.

distingue e faz de Scott um autor ainda procurado em assuntos de passado histórico na Escócia (Rigney, 2001:50-51). Scott foi particularmente engenhoso e habilidoso em “plugging the gap, by discovering the missing part of the causal story” (Broadie, 1997:30), sem preconceitos perante vencedores e vencidos, de que não reza a história oficial, numa tentativa de fazer justiça, ou de reviver o passado com final diferente, através do que Kerr (2006:4) caracteriza como “reemplotment”(utilizando o conceito de Hayden White¹¹⁴, autores críticos de Scott), com uma função terapêutica, eu diria: catártica. Esta verifica-se na medida em que tanto o “autor” como o leitor poderão acompanhar a história narrada, revivê-la assim recriada, e sentir-se realizados por se ter feito justiça, justiça ficcional, justiça literária, com a respetiva função de libertação de frustrações e de recalcamientos. O intuito do autor de *Waverley* era pedagógico e instrutivo: “him whose life has been devoted to instructing youth in virtue and in humane letters [...], nas palavras de Jedediah Cleishbotham” (*The Hearth of MidLothian*, na dedicatória de 1818); as situações retratadas procuravam estimular a reflexão sobre situações que, ironicamente, a história faz repetir, a quem tiver memória curta.¹¹⁵ Aliás, como comenta A. Bebianio, “a memória contém sempre esquecimento e é sempre parcialmente imaginada” (2003:5). A propósito de *The Heart of Mid-Lothian*, Avron Fleishman (1972) comenta a forma como Scott escreve sobre a História, e do modo como Scott a faz entrar no imaginário simbólico das comunidades humanas:

By taking up a true tale [...], further historicizing it by grafting it to a true tale of the Tolbooth [...], and then developing it through fictional episodes, Scott indicates the way merely factual material is made into symbolic history by fiction. (p. 82)

A história é, assim, instrumento de apreensão do presente e sua transformação, ainda que isso implique a recriação e idealização do passado, ou qualquer parte deste (ex.: Idade Média), enquanto mais-valia sociocultural e identitária, num século cheio de contradições e de rápidas transformações.

¹¹⁴ Hayden White, refere que a forma de representação é ambígua, tem a aparência de discurso histórico, ao mesmo tempo que o sistema de produção de sentidos [modes of emplotment] é partilhado com a literatura e a lenda, *The Content of the Form*. Baltimore& London: The John Hopkins University Press, 1990, p.44. A veracidade histórica, na ótica de Scott, assume uma ligação entre a palavra e o mundo real, entre a linguagem ficcional e a realidade histórica, todavia continua sendo “a fictive treatment of history” (Kerr, 2006:2).

¹¹⁵ O saber histórico de Scott era extenso e muito eclético um campo alargado de géneros, conhecimento de clássicos, contemporâneos, nacionais e estrangeiros (o seu fundo documental ascende a 9 mil volumes). Alguns dados foram recolhidos do site oficial de Abbotsford, recuperado em Julho de 2009, <<http://www.scottsassbotsford.co.uk/>>,e de “Catalogue of the Library at Abbotsford”, acedido a 17 de agosto de 2011, onde encontramos *Os Lusíadas* e o poema “Camoens” de Almeida Garrett (Paris, 1825).

Rui Bebiano (2000) defende uma atitude aberta à pluralidade das metodologias aplicáveis à prática historiográfica, da dimensão poética da produção e da escrita da história como modelo plausível, da articulação do rigor dos métodos de pesquisa e de crítica documental com todo o corpo de conhecimentos que são património historiográfico, da *História como Poética*. Assim, a história é tida como “saber próprio mas híbrido, que combina dados e imaginação, e o faz com rigor e arte, afastando-se da estéril presunção da certeza e oferecendo-se ao interesse das pessoas que, por prazer ou vontade de conhecer (...) por ela se interessam, para ela são conquistadas, de alguma maneira a integram nas suas vidas.”¹¹⁶ Para Scott, a história não é feita apenas de grandes personagens, de grandes heróis, de figuras excepcionais, ela é feita também com a mulher e o homem comuns que se revêm em contextos verosímeis, que aprendem e modelam a sua atuação pelo exemplo edificante de personagens, a partir de “passados que se tornam paradigmas do presente”, fiáveis e vívidos:

Scott’s imaginative empathy with the past made history enormously popular; he taught that ‘bygone ages ... were actually filled by living men, ... with colour in their cheeks, with passions in their stomach’ as Carlyle attested, ‘not by protocols, state-papers, controversies and abstractions’.¹¹⁷

O historiador tem tanto de escritor como de cientista, rigoroso e documentado, Walter Scott, enquanto poeta fez um levantamento exaustivo de baladas, com a preocupação de registar, por escrito, compilar textos de tradição oral. Algumas baladas foram recriação poética, outras foram criações inventadas pelo autor. Mas as baladas e o potencial que forneciam esgotava-se rapidamente. Na cena literária outras estrelas surgiam, como Lord Byron, e o firmamento poético brilhava mais com as novas estrelas do que com o sucesso de Scott, que apesar de ser famoso, era muito criticado pelos seus contemporâneos pelo seus dividendos pela sua atividade literária. Scott, com o seu sentido prático de homem de leis, aventurou-se na narrativa, “novels” que refletissem aspetos da vida humana, e que fossem fruto da sua investigação de “antiquarian” e cuidada, com a qual os leitores se identificassem e ao mesmo tempo, fosse apanágio de evolução e modernidade. A história fornecia dados suficientes para tornar a sua inspiração séria, verosímil e elevada. Do ponto de vista de Scott, o panorama literário

¹¹⁶ R.Bebiano “Sobre a História como Poética”, 2000, p.19, de <www. ruibebiano.net>, acessido a 25 janeiro 2010.

¹¹⁷ Lowenthal cita de um ensaio de Carlyle sobre Walter Scott, *in The Past is a Foreign Country*. Cambridge University Press, 1985, p.1.

era dominado por baladas, sátiras nos teatros, escândalos nas publicações diárias ou semanais, história de historiadores sérios e difíceis de compreender pelo povo. A sociedade estava em plena mudança, a burguesia ávida de bens culturais, e muita da produção literária era de cariz religioso-moralizante ou uma distração alienante. Este era o panorama e creio que em *Waverley*, seu primeiro romance, o autor deixou claro o seu propósito. Daquilo que lhe foi infundido na universidade pelos seus professores, a memória da história é o alicerce da sociedade civilizada, e como tal, a escolha de Scott é ideológica, manifestada na recolha de baladas, enquanto poeta e investigador, criando e recriando um passado. A vertente histórica do modo narrativo foi temática de uma das disciplinas estudadas por Scott na universidade, com os seus amigos intelectuais que conviveram com Scott, foram assunto de discussão e tertúlia. Encontrar coincidências entre as escolhas de Scott e textos teóricos e programáticos dos intelectuais que o formaram não pode ser ignorado: “[Adam] Smith sees the historian as a scientist, delivering up insights into human nature”.¹¹⁸ Apesar de extensa, a citação que se segue manifesta os princípios norteadores de toda uma geração de pensadores, os Iluministas Escoceses, bem como os intelectuais das gerações seguintes, por um período de mais de um século (princípios esses que ainda hoje se manifestam, de modo não tão evidente como no século XVIII e XIX¹¹⁹): a perenidade da natureza humana ao longo do tempo, pontuada por princípios universais que se veem na capacidade de observação e de reflexão do ser humano, que, em momentos de estabilidade, almeja ultrapassar-se e melhorar o mundo em que vive - aperfeiçoando-o - mundo esse que é o palco da sua performance e teste à sua capacidade de o fazer melhorar:

“Mankind are so much the same, in all times and places, that history informs us of nothing new or strange in this particular. Its chief use is only to discover the constant and universal principals of the human nature, by showing men in all varieties of circumstances and situations, and furnishing materials from which we may form our observations and become acquainted with the regular springs of human action and endeavour. These records of wars, intrigues, factions, and revolutions, are so many

¹¹⁸ Veja-se Broadie, *Anthology*, 1997, p.30, acerca de Adam Smith, “History of Historians”[1763], excerto 38, p. 663-8. Adam Smith influenciou Scott, e tudo o que escreveu circulava e era discutido nos meios académicos e nos círculos literários da “Edinburgh Literary Society”.

¹¹⁹ Durão Barroso "The Scottish enlightenment and the challenges for Europe in the 21st century; climate change and energy", Edinburgh University, 28 November 2006, acedido em 5 de fevereiro de 2011 de <<http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=SPEECH/06/756&format=HTML&aged=1&language=EN&guiLanguage=en>>

collections of experiments, by which the politician or moral philosopher fixes the principles of his science.” David Hume¹²⁰, *An Enquiry concerning Human Understanding*, section 8, “Of Liberty and Necessity”, part I, 1764, p.94-5.

Scott, na sua ficção, demonstrou a sua interpretação dos princípios iluministas na abordagem da história e da sociologia, “his view of society as a constantly evolving mechanism, and his faith in universal, trans-historical values”.¹²¹ Na criação literária de Scott existe história na ficção e vice versa (a lírica não fugiu a este princípio, ainda que anterior e de forma menos evidente – a recolha da tradição oral constitui-se em relato de factos históricos em processo de esquecimento), “his novels are fictions written to differ the effects of history, deceptively casual efforts to contain the forces of history by means of story, to alter the past he has evoked” (Kerr, 2006: 3).

Scott escreveu a sua primeira obra narrativa, *Waverley* (1814), como uma “novel” e posteriormente toda uma série de narrativas pertencendo à Coleção *Waverley Novels*, com um objetivo editorial e uma estratégia referencial muito bem definidos: identificar uma única origem para todas as suas produções literárias e criar hábitos nos leitores. Em 1819 publica *Ivanhoe, A Romance*, uma narrativa cuja ação se desenrola na Inglaterra do século XII, para a qual prepara o leitor numa longa e pormenorizada (e romanceada) “Dedicatory Epistle”. Esta epístola é assinada através da persona Laurence Templeton e endereçada à *persona*(gem) Rev. Dr. Dryasdust – esta conotada com uma sua outra obra, *The Antiquary*, de 1816, na qual, por sua vez, havia incluído a seguinte informação no “Advertisement”: “The present work completes a series “of fictitious narratives, intended to illustrate the manners of Scotland at three different periods” (1816, p.v) [sublinhado meu]. A imprensa da época também estava atenta a esta mudança:

¹²⁰ David Hume (1711-1776), acedido em Setembro de 2011 de <<http://books.google.com>>; Hume defende o papel das instituições, a herança de qualidades e atributos, bem como os contextos humanos, sociais e culturais ou intelectuais como forças modeladoras da história, o que serve os propósitos conservadores e cívicos da obra de Scott. [Sublinhado meu]

¹²¹ Através dos seus professores e amigos Dugald Stewart, Alexander Fraser Tytler e David Hume. Dugald Stewart foi professor da cadeira de “Moral Philosophy” e “Universal History” frequentadas por Walter Scott em 1789-90, quando retomou os estudos de Direito, na Universidade de Edimburgo, citado de “School and University” da Biblioteca da Universidade de Edimburgo acedido a 12 de março de 2011 de <<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/education.html>>.

Jedediah Cleishbotham of Gandercleugh has become “Laurence Templeton of Toppingwold, near Egremont, Cumberland;” and the mighty wizard of Abbotsford (for we have no doubt of the Scot) has transferred his spells to English Ground.¹²²

Enquanto os Bruces e os Wallaces eram mais recentes cronologicamente, daí próximos dos leitores, figuras como Robin Hood e Old England já estavam bastante distantes da memória, embora fossem igualmente importantes. Os críticos não poupam comentários positivos e negativos: “while we read, we seem to breath[e] the air of times long past, and (such is the spell) forget the civilization of our own experience, and yield up our own imagination to the fiction of this great necromancer.” (*The London Literary Gazette and Journal...* [supra citado], p.823). O termo utilizado é suficientemente sugestivo sobre o desenterrar do passado, e sobre a sua invenção ficcional em forma de romance, romance histórico, neste caso.

Apesar da confusão sobre terminologia dos gêneros literários que se verificou ao até primeiro quartel do século XIX, o termo “Novel” foi escolhido por “críticos, historiadores e até os próprios escritores” como designação de “uma nova maneira de contar histórias” que se divulgara no século XVIII (M. Kayman, 1991: 278).¹²³ Esta nova maneira pretendia distanciar-se de “fiction”, designação generalizada para “falsificação” do nível de verdade religiosa ou científica (L. Davis *apud* Duncan, 2007:123).¹²⁴

Por outro lado, a fronteira entre “novel writing” e “history writing” é partilhada através do modo narrativo, e como todas as fronteiras, serve para ser atravessada: a representação de “modos” e a vida do dia-a-dia, que é matéria de “novels” por excelência, criou nos historiadores do século XVIII uma grande preocupação, sobretudo nos escoceses segundo Ian Duncan, na medida em estes tiveram alargaram o âmbito da historiografia, de modo a incluir esta matéria, “enlarg[ing] the scope of their writing to account for a more complete range of human experience” (Duncan, 125)¹²⁵. Considerando as opções literárias feitas por Scott, a presença da história serve um

¹²² *The London Literary Gazette and Journal of Belles Lettres, Arts, Sciences, etc.*, no. 153, Saturday, December 25, 1819, p.817, acedido a 7 de setembro de 2011 de <http://books.google.com>; a atribuição de nomes às personagens e aos lugares também fictícios são de uma ironia evidente.

¹²³ M.A.Kayman, “O que é que o ‘Novel’ tem de novo? Apontamentos sobre a ficção em prosa na Inglaterra Setecentista”, in *Biblos*, vol. LXVII, 1991, pp. 275-299.

¹²⁴ Ian Duncan, *Scott’s Shadow. The Novel in Romantic Edinburgh*. chapt 5 “The Rise of Fiction”, Princeton and Oxford University Press, 2007

¹²⁵ A nível filosófico a gênese deste fenómeno literário ganha consistência e corpus de debate, Ian Duncan (2007) cita de David Wootton “Hume himself, when it came to writing narrative, turned to history and not to novel (...) as the legitimate discourse of common life, ‘the inclusive fiction that constitutes our social world and enables our understanding of it’” (p. 125)

propósito de certificação da verosimilhança e da pertinência da sua opção, “[h]istory makes familiar – it provides a shared referential framework for – the figures of romance: a process that does not, however, oblige readers to mistake romance for reality” (Duncan, 2007: 128), e a ficção mantém-se perceptível aos olhos do leitor.

Em *The Progress of Romance*, Clara Reeve apresenta uma interpretação que traduz a perceção destes conceitos no século XVIII:

Romance is an heroic fable, which treats of fabulous persons and things. – The Novel is a picture of real life and manners, and of the times in which it is written. The Romance in lofty and elevated language, describes what never happened nor is likely to happen. – The Novel gives a familiar relation to things, as pass every day before our eyes, such as happen to our friend, or to ourselves; and the perfection of it, is to represent every scene, in so easy and natural manner, and to make them appear so probable, as to deceive us into a persuasion (at least while we are reading) that all is real, until we are affected by joys and distresses, of the persons in the story, as if they were our own. (Clara Reeve, *apud* Kayman, p. 297)¹²⁶ [sublinhado meu]

Toda a forma de representação é ficção, segundo Hume, a *poesis*, pois toda a experiência é mediada pela imaginação, o que fornece uma fundamentação teórica à ficção, categoricamente oposta à realidade (Duncan, 2007: 133). Esta fundamentação legitima a prática ficcional (narrativa) de Scott, começou com *The Warveley Novels* (*Waverley*, *Guy Mannering* e *The Antiquary*), para depois surgirem “romances”, como *Rob Roy* e *Ivanhoe*, onde Scott consegue lidar com as incoerências históricas com desprendimento e justificá-las editorialmente [“received a parcel of papers” confessa o autor de *Waverley* em *Rob Roy*, in “Advertisement of the first edition”, 1st December 1817]. O “romance” parece ser uma forma alternativa com a qual Scott joga, impondo regras aos seus leitores, assegurando um público fiel através da desconstrução, segundo Ian Duncan (2007), “of the opposition between history and fiction and dialectical reconstruction of their difference in a suspension of empirical realism in the medium of romance” (p.133).

A distinção entre facto e ficção prende-se com a função de um e de outro e a sua génese clássica: *Delectare et docere* – de Cícero. A ficção deleita e o facto educa, mas nada é assim tão simples. Se os leitores ou os críticos levantavam dúvidas quanto à

¹²⁶ Clara Reeve (1728-1807) é a autora de *The Old English Baron* (1778) – do qual Scott possui um exemplar na sua Biblioteca em Abbotsford -, e de *The Progress of Romance* (1785), da qual foi feita a citação. Walter Scott, no seu volume “Biographical Memoirs”, tece uma descrição e análise da pessoa e da obra de Clara Reeve (*Miscellaneous Prose Works of Sir Walter Scott, Bart.*, Edinburgh: Cadell, 1827, pp.387-400). Neste volume estão também contemplados Henry Fielding, Tobias Smollet, Oliver Goldsmith, Samuel Johnson, Henry Mackenzie, Robert Walpole, entre outros.

veracidade dos factos narrados, Scott, na edição seguinte ou na edição *Magnum*, empenhava-se exaustivamente em anexar documentação: cartas, extratos de decisões cívicas, atas, relatos com autores idóneos ou verosímeis, notas sobre notas num palimpsesto gigante e tentacular. A ficção desdobra-se em “novel” e “romance”, e por tudo o que já foi exposto, Scott fez a escolha entre um e outro género consoante o material que tinha em mãos:¹²⁷

There can be but little amusement in winnowing out the few grains of truth which are contained in this mass of empty fiction. I may, however, before dismissing the subject, allude to the various localities which have been affixed to some scenery introduced in these Novels (“Introduction”, *Chronicles of the Canongate*, 1st series (1827) ed. de 1836 de Philadelphia, p. 9).¹²⁸

The real Allen, on the contrary, after traversing the romantic ravine called the Nameless Dean, (...) may be traced upwards into a more open country, where the banks retreat further from each other (...) It arrives, too, at a sort of termination, striking in itself, but totally irreconcilable with the narrative of the Romance. (“Introduction to *The Monastery*”, [Abbotsford 1st November, 1830], (1820) ed. de 1853 de *Waverley Novels*, p. 5-6).

Scott concede a necessidade de contextualização ou satisfação do gosto dos leitores, e considera que a descrição e a narração tinham que se adaptar a gostos da época, ao que os leitores procuravam, mas alerta para a sua falta de correspondência com o real, visto que não existem na natureza com a especificidade do gosto “Romântico”. A ficção não tem que obedecer à mimese aristotélica, mas suscitar uma resposta aos leitores (sentimentos, estados de alma, “sympathy” na aceção em que Adam Smith utiliza em *The Theory of Moral Sentiments* [1759]). Por outro lado, o que ele escreve não pode ser “empty fiction”, pois o resultado não seria o sucesso que conseguia alcançar, visto que só a narrativa com conteúdo pode prender a atenção das mentes inquietas, como a dele próprio. Veja-se a este propósito o diálogo que o autor de *Waverley* mantém com o capitão Clutterbuck, *The Fortunes of Nigel*, p. xi-xii):

Captain. (...) What the devil does the plot signify, except to bring in the things!

Author. Grant that I were so, and that I should write with sense and spirit a few scenes, unlaboured and loosely put together, but which had sufficient interest in them to amuse in one corner the pain of the body; in another, to relieve anxiety of mind; in a third place, to unwrinkle a brow bent with the furrows of daily toil; in another, to fill the place of bad thoughts, or to suggest better; yet in another, to induce an idler to study the history of his country; in all save where the perusal interrupted the discharge of serious

¹²⁷ Scott escrevia e editava relatos ou histórias que muitas das *personae* lhe faziam chegar às mãos e que constituía material para os seus livros, tudo isto no plano ficcional, bem entendido.

¹²⁸ Esta introdução já identifica o autor Walter Scott, porquanto foi nesse ano que se declarou publicamente como o autor de *Waverley*, a edição supra citada apresenta o artigo publicado que transcreve o jantar onde foi feita a declaração pelo próprio.

duties, to furnish harmless amusement (...) I do entreat you, my son, as Dr. Johnson would have said, “free your mind from cant”. For the critics, they have their business, and I mine;¹²⁹

Há uma crescente preocupação do autor Scott em manifestar a verosimilhança e honestidade da sua escrita, em elucidar o leitor sobre os seus objetivos, como se constata na “Introduction to *The Fortunes of Nigel*” [Abbotsford, 1st July, 1831], p.iii-iv:

(...) The strong contrast produced by the opposition of ancient manners to those which are gradually subduing them, affords the lights and shadows necessary to give effect to a fictitious narrative; and while such a period entitles the author to introduce incidents of a marvellous and improbable character (...) on the other hand, the characters and sentiments of many of the actors may, with the utmost probability, be described with great variety of shading and delineation, which belongs to the newer and more improved period, of which the world has but lately received the light. [sublinhado meu]

Em *Ivanhoe*, Templeton, *persona* de Scott, explicita o seu interesse em expressar comportamentos, sentimentos e paixões através da linguagem, em documentar a vida privada e o carácter doméstico das situações, a verosimilhança na narração dos eventos, a individualidade das personagens, na sociedade inglesa/saxónica de antanho – uma sociedade que se viu destituída de todos os detalhes que pessoas de carne e osso possuem e que as torna humanas por escrupulosos historiadores a quem só interessavam os grandes feitos ou personagens históricas que acabam como exemplo de teor moralizante (ed. de 1860, págs. 19 a 26). Scott cativou admiradores junto dos seus contemporâneos, como refere Fleishman, citando de Macaulay¹³⁰:

The perfect historian is he in whose work the character and the spirit of an age is exhibited in miniature ... by judicious selection, rejection and arrangement, he gives to the truth to those attractions which have been usurped by fiction. ... Sir Walter Scott, in

¹²⁹ Dr Samuel Johnson considerava inofensivos os romances ou as novelas, em que apesar dos crimes e relatos exagerados, não influenciavam a conduta de quem os lesse, mas mantinham-nos ocupados intelectualmente.

¹³⁰ Macaulay (1800-1859) foi um proeminente historiador e homem de letras, político liberal: “Macaulay’s political writings are famous for their ringing prose and for its confident, sometimes dogmatic, emphasis on a progressive model of British history, according to which the country threw off superstition, autocracy and confusion to create a balanced constitution and a forward-looking culture combined with freedom of belief and expression. This model of human progress has been called the Whig interpretation of history.” *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, Sept 2004; [online ed., Jan 2008] acedida a 4.out.2011.

the same manner, has used those fragments of truth which historians have scornfully thrown behind them in a manner which may well excite their envy.¹³¹

A “Dedicatory Epistle”, em *Ivanhoe*, proporciona um excelente estudo de caso, daí ser analisado com algum detalhe, na medida em que são apresentadas algumas das questões que se colocam ao escritor de romances históricos. Templeton refere que procura pontos de indeterminação que a história deixa em aberto, deixando também ao leitor a liberdade de imaginar o que não foi exaustivamente descrito ou narrado. A liberdade de escrever e de pensar, durante a leitura, está subjacente, as extrapolações possíveis ficam à responsabilidade de quem tiver a capacidade de ler. Mais do que idealizar o passado medieval, Scott pretende torná-lo referencial, objeto de estudo de casos. Em primeiro lugar, Scott aborda a crítica aos historiadores e “antiquarians”, que suprimem os detalhes mais pitorescos e reveladores do ser humano para encaixarem detalhes góticos e sombrios, cheios de lugares-comuns e clichés da moda, relíquias e ossos secos em vez de pessoas vivas e de carne e osso com emoções; antiquários, incapazes de distinguir a qualidade da quantidade, que procedem a uma simples inventariação, ou ainda, num tom mais jocoso, exageram no peso das encomendas a transportar pelo correio [malaposta], fruto desta febre “antiquarianist” de colecionismo e avaliação de relíquias que entupiam o serviço de distribuição do correio e dificultavam a vida a todos (ed. 1860, p.20 e 23, nota de rodapé escrita por Laurence Templeton, p.32).

Em segundo lugar, são comentadas as fontes históricas utilizadas por contemporâneos, nalguns casos de autores próximos do próprio Walter Scott, como Robert Henry, que escreveu *History of Great Britain on a New Plan* (1771-93), Joseph Strutt, um autor e “antiquarian” de renome, Sharon Turner (1799-1805), autor de *History of Anglo-Saxons*, ou George Ellis, autor *Specimens of Early English Metrical Romances* (1805), uma recolha comentada de narrativas romanescas do século XIV, inclusive “Richard Coeur de Lion”. Refere igualmente as fontes literárias medievais ao seu dispor como Chaucer, Shakespeare, Ingulphus, o Monk of Croydon com a *Historia Monasterii*, Geoffrey de Vinsauf, *Ars Poetica*, Froissart – que Scott descreve, em carta, como o mais pitoresco dos historiadores¹³² –, os manuscritos de Auchinleck do século XIV, com fragmentos da composição métrica de Richard Coeur de Lion, e o de

¹³¹ A. Fleishman cita Macaulay de *The works of Lord Macaulay*, (New York, London and Bombay [Edinburgh edition], 1897,v,1) p.57-58.

¹³² E que faz parte do acervo bibliográfico de Walter Scott em Abbotsford.

Bannatyne, com a colecção de poesia Escocesa antiga coligida por um comerciante de Edimburgo no século XVI; não podemos esquecer o mais importante de todos e que serviu de inspiração ao próprio autor para a redação de *Ivanhoe* – o fictício e inexistente *Wardour Manuscript*.

Finalmente encontram-se os exemplos dos modelos de escrita onde o signatário da epístola, [L.T.], foi formar-se para melhor servir e satisfazer a sede de qualidade dos leitores. Laurence Templeton explica pormenorizadamente como Galland adaptou e traduziu lendas Árabes, Indianas e Persas no século XVIII, mantendo o esplendor e exotismo da ficção oriental, mas misturando a emoção e a expressão, encurtando as narrativas intermináveis, comedindo as reflexões monótonas, rejeitando as repetições do original árabe. Onde é que ele queria chegar? A conclusão é partilhada por Templeton: Galland queria tornar as lendas inteligíveis e interessantes, melhor adaptadas ao gosto do mercado europeu, conseguindo público leitor sem paralelo. Templeton não pretendia criar falsos textos antigos, como outros forjaram (por exemplo Chatterton¹³³), nem usar linguagem obsoleta e costumes tão antigos que hoje não seriam nem legíveis nem reconhecíveis (como acontecia, segundo L.T., com Strutt).

Em cada oportunidade editorial, Scott explica o que pretende, de forma irónica, enumerando detalhadamente o que não quer, elucidando os leitores. Se as suas narrativas, enquanto “novels”, não eram suficientemente incisivas quanto à atualidade do passado recente, poderiam pelo menos tornar mais próximo o efeito de “histories”, e cumprir um propósito mais sério do que simples “romances” (Kerr, 2006:123). Colocando a questão nestes termos, se a história subverte o romance, então o romance altera a história, “not merely softening and blurring its harsh outlines, changing its colours slightly, but actually reinventing the past, making a new story out of history”. Kerr acentua a forma como, em certos romances, “knowing that romance distorts

¹³³ Scott, na persona de Templeton, não iria referir “The Ossian Poems” que James Macpherson publicou em *Fragments of Ancient Poetry* e depois *Temora: An Ancient Epic Poem* (1763); Scott chegou a fazer um trabalho académico sobre estes poemas; posteriormente vários intelectuais, os Literati, levantaram algumas suspeitas quanto à autenticidade dos textos devido à qualidade manifestada nos poemas em contradição com a época ancestral e “primitiva” que os originou: Horace Walpole, David Hume, Dr. Johnson, entre outros. Os estudos foram exaustivos e comparando fragmentos remanescentes da cultura Gaélica com os textos de Macpherson, concluiu-se que havia textos originais, mas muita invenção de “subplots”, e que era uma fraude. Só que acendeu o rastilho romântico por toda a Europa na descoberta de culturas e de hábitos ancestrais, como a poesia e a épica envolvendo as “Normas de Cavalaria” (Herman, 2006:280-283); a questão da autenticidade dos poemas de *Ossian*, segundo Ian Duncan (2007:277), expôs o imbróglio da coexistência da tradição na modernidade, “the first term conceptualized as a transmission of origins and the second as a radical break”, a tradição oral evanescente e o texto impresso, reproduzido e multiplicado da cultura moderna.

history, Scott exploits that power of distortion in drawing his pictures of the past” (2006: 17 e 123).

Esta preocupação metatextual e metaficcional de criar um contexto em que se cria um texto, para esclarecer o leitor acerca do romance ou da narrativa (“novel”), revela um autor metaficcional *avant la lettre* (P.Waugh, 2003). Irónico e com um apurado sentido de humor, jogando e apelando ao jogo segundo as suas próprias regras, controlando a atenção do leitor em todos os momentos, antecipando as críticas, indicando os aspectos passíveis de ser criticados, inundando as edições com paratextos dignos de novos “romances” e “novels”.

A invenção da tradição

Must kings neglect that private men enjoy!
And what have kings that privates have not too,
Save ceremony, save general ceremony?
And what art thou, thou idol ceremony?
What kind of god art thou, that suffer'st more
Of mortal griefs than do thy worshippers?
What are thy rents, what are that comings-in?
O ceremony, show me but thy worth!

Henry V, 4.1.234-241

Em épocas de rápidas transformações, em que a tecitura social é fortemente alterada, em que os padrões comportamentais são norteados por princípios cada vez mais utilitaristas e economicistas, surge a necessidade de preencher espaços afectivos e simbólicos ritualizados e adaptados ao tempo atual (Hobsbawm, 1993: 4-5). O processo de transformação de uma sociedade tradicional numa sociedade moderna, no caso das primeiras décadas do século XIX no Reino Unido, passa pela invenção da tradição,

Invented tradition is taken to mean a set of practices, normally governed by overtly or tacitly accepted rules and of a ritual or symbolic nature, which seek to inculcate certain values and norms of behaviour by repetition, which automatically implies continuity with the past [...] continuity with a suitable historic past. (1993, p.1),

passando pela conversão e adaptação de “old uses in new conditions and by using old models for new purposes”, alterando as suas funções em novos contextos (Hobsbawm, 1993:5).

Sir Walter Scott, enquanto escritor, retoma valores inerentes aos cavaleiros medievais adaptando-os, i.e., recriando e atualizando-os para melhor se adequarem à

sua escrita e aos gostos do seu tempo. Como se pode constatar na “Introduction to *Quentin Durward*” [Abbotsford, 1st December 1831]: “The spirit of chivalry ... if the world were deprived, it would be difficult to conceive the existence of virtue among the human race” (ed.1836, p. 3). Enquanto pessoa, com responsabilidade civil, cultivou os valores inerentes ao passado [“merry Old England”], reinventando-o quando necessário, fazendo uso da sua eloquência em todas as oportunidades para esclarecer a sua utilidade. Tal não o impede de lamentar o aproveitamento que as regras de cavalaria alcançaram nos anos 30, caricaturadas ou infantilizadas, na sociedade da altura: “something so overstrained and fantastic in its principles, [h]as rendered it peculiarly the object of ridicule ...like other old fashions” (*Ibidem*, ed.1836, p. 5). Se associarmos a esta citação a paranoia que o fenómeno da moda da cavalaria alcançou com a recriação de um torneio medieval em Eglinton, em 1832, podemos especular até que ponto Scott teria ficado desgostado com o sucesso de *Ivanhoe* a redundar num aparato carnavalesco, em vez da edificação do homem evoluído e civilizado. Tendo em consideração a extensão e alcance da sua obra, multiplicando por todas as recensões publicadas na imprensa, pode ter-se uma ideia aproximada da capacidade de penetração e influência que teve na sua época.¹³⁴

Na segunda metade do século XVIII, a percepção do rei, da sua imagem e função públicas, ganha novos contornos – “Ritual splendor, an appearance of domesticity, and ubiquity: this was the formula that George III taught and bequeathed to his royal successors” (Colley, 2009:241) – visitando os vários cantos dos seus domínios, criando hábitos de passeios e modas de verão, de inverno, de festivais, de rituais que congregam e cativam o público, as gentes. Um exemplo desse esplendor excepcional foi o cortejo e cerimónia de coroação de Jorge IV [19 de julho de 1820], e o périplo que se seguiu, com a visita à Irlanda e depois a visita à Escócia, a receção em Edimburgo, com pompa e circunstância, organizada ao pormenor por uma equipa orientada por Sir Walter Scott.

Fruto de sublevações jacobitas derrotadas, bem como de uma permanente política anti-Jacobita¹³⁵, tanto na imprensa inglesa como na escocesa, a Escócia

¹³⁴ Veja-se J.Shattock (ed.) “Sir Walter Scott”, *The Cambridge Bibliography of English Literature*, vol.4 1800-1900, 3rd ed. 1999.

¹³⁵ Scott utiliza uma epígrafe na página de rosto de *The Fortunes of Nigel* (1822), onde está patente a sua vinculação editorial à ideologia anti-Jacobita, e fá-lo antes da visita do rei Jorge IV a Edimburgo: “«Knifegrinder. Story? God bless you! I have none to tell, sir.» Poetry of the AntiJacobin” [ed.1863]. O leitor que comprasse o livro saberia qual a posição ideológica do autor.

encontrava-se depauperada do seu esplendor. Esta nação começou a dar os seus passos na reabilitação da cultura e identidade escocesas através de vozes alternativas, através do esforço de recolha de baladas populares, revelando os velhos hábitos, “an old way: through the lens of custom and reverence for the past” (Herman 2006:293). Figuras como James Hogg ou Robert Burns conseguiram renovar o respeito e lealdade antigas à casa Stuart. A sua produção literária aguçava a curiosidade e interesse por baladas sobre esse passado não tão distante cronologicamente, mas distante na memória da sociedade em geral. O resultado foi o que Herman classifica como “burgeoning neo-Jacobitism” (Herman 2006: 293), o aburguesamento de um neo-jacobitismo, abraçando a causa perdida tão ao gosto romântico. A modernidade não se compadecia com esse passado de derrotas e causas perdidas, contudo a sua ficcionalização literária, incrementado pelo “volksgeist” romântico, de raiz popular e que pretende traduzir a alma de um povo, veio insuflar vida a figuras apagadas da história oficial. Surge para Walter Scott a oportunidade de falar ao mundo sobre a sua Escócia, o seu valor, a sua virtude, a sua beleza, a ferocidade e a humanidade dos seus heróis e heroínas. Os leitores aderiram, a imprensa aderiu, *Waverley*, *Guy Mannering*, *Old Mortality* e *Rob Roy* deram início ao romance histórico, abrindo um mercado, e um público, a todos os que se seguiram (Herman 2006:295).

Na literatura, como na vida, as tensões são uma constante força motriz para Walter Scott ultrapassar limitações; são também uma força geradora de progresso na sociedade. Por um lado, é necessário distanciamento histórico para ter uma visão de águia sobre a história, por outro, uma capacidade de envolvimento discursivo que arrebatasse o leitor; por um lado, o poeta romântico, por outro, o “historical scholar”, o amante de natureza e o cientista aprendiz; o escritor romântico e o advogado racional; o Tory leal e o admirador do progresso.¹³⁶ A relação das personagens com o mundo que as rodeia, e com a sua própria identidade, não parece muito harmoniosa (*Waverley*, *Ivanhoe*, *Redgauntlet* – Herman 2006: 296), o clima de guerras e conflitos abunda, quer nas Terras Altas, na Inglaterra medieval ou na Palestina, quer envolvendo Sarraceno versus Franco (*The Talisman*), Judeu versus Cristão (*Ivanhoe*), Normando versus Saxão

¹³⁶ Scott foi a primeira pessoa em Edimburgo a instalar luz a gás na sua casa (Herman 2006: 296); também para Abbotsford, o seu castelo-residência, Scott foi inovador em querer o saneamento básico, água quente e fria canalizadas)

(*Ivanhoe*), Escocês versus Inglês, “Lowlander versus Highlander”, “Presbiteriano versus Episcopaliano”.¹³⁷

A afirmação da “scottishness” não foi feita apenas pela literatura, mas também pelos símbolos patrióticos que estão associados – “one place to start was to recover the lost regalia of the Scottish Monarchy: the Sword, Sceptre and Crown” (Herman, 2006: 297). Scott foi incumbido da tarefa de encontrar o tesouro da Escócia, como historiador – “antiquarian”, meticuloso e sistemático. Pelo sucesso alcançado, foi atribuído o baronato a Scott,¹³⁸ sinónimo de respeitabilidade e do reconhecimento do seu valor, enquanto escocês e enquanto cidadão britânico.

No contexto desta afirmação da identidade escocesa, ganha particular realce a visita de Jorge IV à Escócia em 1822, na qual Scott desempenhou um papel relevante. Herman chega a especular se esta visita de Jorge IV à Escócia em 1822 tenha sido arquitetada pelo próprio Scott; Sutherland (1997)¹³⁹, refere a equipa formada por Scott, Lorde Montagu (o jovem Duque de Buccleuch) e Melville, três “Tories”. Ao ser contactado pelo Lorde Provost de Edimburgo¹⁴⁰, começou a encenação teatral para o acolhimento do rei. Scott havia preparado muito bem a redação de *Kenilworth* (1821), no qual a pompa e cerimónia na recepção de Isabel I no Castelo de Kenilworth,¹⁴¹ residência de Lorde Leicester, foram exaustivamente pesquisadas, Scott também acompanhou com particular atenção a coroação de Jorge IV (Sutherland 1997: 257). A visita tinha de ser digna, grandiosa, teatral e vistosa, para isso tem dois elementos importantes como seus assessores: William Murray, “actor-manager of The Theatre Royal” e o “Colonel Stewart of Garth”, veterano das Guerras Peninsulares e grande referência para Scott relativamente aos “Highland Regiments” (Sutherland, 1997:257).¹⁴²

¹³⁷ Veja-se Herman, 2006, p.296; veja-se também do próprio Scott *Tales of a Grandfather. Being Stories Taken from Scottish History. Waverley Tales – Vol. 50 (1828-1831 – Second series)*, Boston: Parker’s Edition, 1834, p. 207.

¹³⁸ Aceitou o baronato em 1818.

¹³⁹ John Sutherland, *The Life of Walter Scott*, Blackwell: Oxford, 1997, p. 257 e segs.

¹⁴⁰ Lord Provost: “a high-rank university administrator”; era a pessoa de contacto com o rei, respeitada e a ocupar um lugar de prestígio, que proporcionou o banquete no Edifício do Parlamento, que não era utilizado.

¹⁴¹ Robert Dudley, Conde de Leicester, muito próximo de Isabel I, era casado, e esse era o seu grande defeito. O romance trata do “homicídio” da esposa, numas escadas do castelo, cujo mármore ainda conserva o sangue derramado da inocente; Robert Dudley foi depois condenado à morte. O Castelo situa-se em Warwickshire, a sul da região de Birmingham, entre Warwick e Southam.

¹⁴² Anexo 11

Estava tudo preparado: encenação e *tartan* em kilts. O rei, leitor entusiasta de *Waverley* e de *Rob Roy*, encontrou exatamente aquilo com que sonhara:

Highland attire display, with kilts, bonnets, tartans, bagpipes and Gaelic battle songs, so those were what Walter Scott and David Stewart decided to provide. Of course, the king had never seen actual Highland dress, except on soldiers in the Black Watch or other Scottish regiments. (...) So the king's visit made it [philabeg]¹⁴³ the new "authentic" Highland kilt. (Herman, 2006, p.298)

E assim se manteve até hoje, pois a visita de Jorge IV transformou a História da Escócia na História das Highlands, "with the Lowlanders and Borderers largely forgotten" (Herman 2006:298).

Durante quinze dias, para deleite de Sua Majestade, por todo o lado se via "a plaided panorama" (Devine 2004: 355). A reunião dos clans foi conseguida e o espírito de uma "Highland Gathering" envolvia os habitantes da cidade, que eram Mid-Lothians e nada tinham a ver com os "Highlanders". Nunca tinham visto ou sequer participado numa "gathering" de clãs, mas renderam-se à seriedade e solenidade com que o chefe foi recebido pelos outros chefes – ensaiado ou não, foi reconhecido como *primus inter pares* – e o rei Jorge IV foi escoltado pelo outrora fora-da-lei Clan Gregor. Quando durante o banquete o rei quis fazer um brinde a todos os "chieftains of Scotland", Sir Ewan MacGregor respondeu solenemente "To the Chief of Chiefs – the King".¹⁴⁴

The shift of cultural mood was all due to Sir Walter Scott. He was not the first to rescue Highland culture from the rubbish heap of history. But he was the first to make it high-minded and respectable, with an appealing romantic panache, which has made it an indelible part of the historical imagination ever since. It was part of his larger plan for the royal visit: a reconciliation of ancient enemies. Hanover with Stuart, England with Scotland, and the past with the present.¹⁴⁵

Os escoceses não voltariam a ser chamados "North Britons", como a imprensa inglesa sarcasticamente os designava, eram "British", em todo o sentido da palavra, pois a peculiaridade da sua "Scottishness" passou a ser parte integrante da "Britishness", difundida por todo o Império Britânico.

¹⁴³ Philabeg, ou versão menos extensa do kilt: o tecido que sobrava da cintura era apenas cerca de um metro, ou pouco mais, que se colocava ao ombro; a versão longa tinha cerca de 12 metros de comprimento, era mais rústica na confeção, presa à cintura com um cinto, e a parte que subia até ao ombro envolvia todo o tronco do "Highlander", para o proteger da chuva, da neve e para servir de cobertor sem ter de o desdobrar.

¹⁴⁴ H.R.Trevor-Roper, "The invention of tradition: the Highland Tradition of Scotland", in E.J. Hobsbawm & T.O. Ranger, eds., *The Invention of Tradition*, apud T.M. Devine, 2004, p.355

¹⁴⁵ Veja-se Herman, 2006, p. 302.

SIC ITUR AD ASTRA.¹⁴⁶

Motto of the Canongate Armt.

Trad: “Go on and increase in valour, O boy! This is the path to immortality”

¹⁴⁶ *Chronicles of the Canongate* (1828): “Facte nova virtute, puer; sic itur ad astra”, *The Aeneid IX*, 641 – “Immortality”, (Google classical quotes).

Parte III - Conclusão

“When they dance no longer, I will no longer pipe;”
The Fortunes of Nigel (1822)¹⁴⁷

O trecho transcrito em epígrafe antecipa, quase premonitoriamente, o que sucederá após a morte de Walter Scott: ficará sem sucessor. Depois de 1832, as mudanças políticas e sociais, acompanhadas de um dinamismo económico em larga escala, minam a infraestrutura literária e cultural de Edimburgo (Duncan, 2007:306). Ao mesmo tempo que a modernização dos transportes torna a capital mais acessível, e atrativa, a “indústria” editorial começava então a reerguer-se, depois do período de crise que atravessara desde 1826, para se ver instalada definitivamente num polo diferente: Londres. A capital do Reino Unido (re)conquista, assim, o lugar hegemónico de concentração, de transmissão e difusão cultural literária e social. Ian Duncan refere que “there would be no early-Victorian ‘Condition of Scotland’” (2007:306), usando o tropo de Carlyle¹⁴⁸ modificado, para ilustrar a deslocação de centro de interesse cultural e palco de ação social e política. Os leitores de Scott, maioritariamente burgueses, canalizam a sua imaginação e sensibilidade como espelho dos seus interesses e aspirações para a arte, o colecionismo, para a ostentação e exotismo, para a feira de vaidades - “[n]othing is more beautiful than habitual cheerfulness” ou “happy disposition” (Hume, *apud* Duncan 2007:120) -, continuando, contudo, a prática de utilizar a literatura como instrumento de literacia e de formação da identidade nacional, desprendendo-se do enfoque regional e vernáculo das “novels” de Scott.

O Iluminismo Escocês, que teve um papel preponderante na formação de Scott, determinou muitas das opções literárias e didáticas que este transmitiu aos leitores: o interesse pela ficção, segundo “Hume’s philosophical legitimation of the fictive as an ‘authentic’ representation of common life”, bem como, a partir dela alcançar a compreensão do mundo real.¹⁴⁹ Laurence Templeton, aliás Scott, está consciente disto mesmo quando refere as “minute circumstances” (*Ivanhoe*, p. 19) que não ficam documentados pela história, e a ficção é o melhor veículo de transmissão e ilustração

¹⁴⁷ *The Fortunes of Nigel*, “Introductory Epistle”, 1863, p.xvii.

¹⁴⁸ Thomas Carlyle (1795-1881), historiador escocês, ensaísta e professor na Universidade de Edimburgo durante a Era Vitoriana, cunhou a expressão “The Condition of England” (título da parte I da obra *Past and Present*, de 1843); surge como uma voz muito crítica contra Scott - símbolo do passadismo doentio -, combatendo e rejeitando veementemente “Edinburgh post-Enlightenment” através das suas obras *Sartor Resartus* e *The French Revolution* (Duncan, 2007:307).

¹⁴⁹ Ian Duncan, 2007, p.124 e segs.

desse “intersubjective space” representado e sancionado “by custom” (Duncan, 2007:125).

O discurso de Scott, nas introduções à edição *Magnum*, indicia um descontentamento progressivo face ao que havia proposto e desejado inicialmente. Quando escreveu o ensaio sobre “Chivalry”¹⁵⁰, onde o autor apresenta uma visão crítica do conceito, de que *Ivanhoe* é um exemplo paradigmático, a sua disposição firmava-se na educação para os valores e para a responsabilidade cívica, não para uma fantasia coletiva e alienante de recriação de uma realidade passadista de vassalagem feudal e de uma aristocracia decadente, nos antípodas da sociedade industrializada e em mudança: “By showing the shortcomings of historical figures in his novels, and political values, Scott was adumbrating a *paideia* for modern life, filling the same social function that the heroic tales and epics of antiquity had played for their times.”¹⁵¹

A obra de Walter Scott é publicada num período de transição e transformação de uma sociedade pré-industrial, dominada por valores aristocráticos e semifeudais, para uma sociedade industrial e urbana, crescentemente marcada por valores liberais burgueses, de dinamismo e progresso, que provoca o seguinte lamento em Burke: “The age of chivalry is gone. That of sophisters, economists, and calculators, has succeeded; and the glory of Europe is extinguished for ever. Never, never more shall we behold that generous loyalty to rank and sex, that proud submission, that dignified obedience, that subordination of the heart, which kept alive, even in servitude itself, the spirit of an exalted freedom.”¹⁵²

A literatura vê consolidado o género de romance, “novel”, em particular o género de romance histórico. Deste modo, à ficção encontra-se associada a história, que Hume classifica como “the legitimate discourse of common life, ‘the inclusive fiction that constitutes our social world and enables our understanding of it’” (Hume, *apud* Duncan, 2007: 125), e como tal com um papel determinante na perceção de um presente em mudança. A combinação que Scott faz da história e da ficção permite-lhe pôr em prática o distanciamento¹⁵³, histórico e epocal, debatido academicamente e, como foi

¹⁵⁰ Artigo escrito por Scott para a Enciclopédia Britânica, coligido depois.

¹⁵¹ Veja-se Fleishman, 1972,p.52 e segs. “the decline of aristocracy was a necessary good; chivalry had a civilizing social effect [...] are sounded by Scott in the course of telling his tales of chivalric aristocrats of the past, and in bringing the passing of the class and its values to the attention of his contemporaries”.

¹⁵² Edmund Burke (1729–1797), *Reflections on the French Revolution*. The Harvard Classics, 1909–14, Parágrafo 126, acedido em 1.out.2011 de < <http://www.bartleby.com/24/3/6.html>> .Encontra-se citado também por Crawley, C.W. (ed.). *The New Cambridge Modern History: War and Peace in an Age of Upheaval 1793-1830*. Vol. IX. London: Cambridge University Press, 1974. p. 101-2.

¹⁵³ Algo que Hume deixou a Scott: “a historiographic ethos of aesthetic detachment that allows the free play of sympathy and so predicts the liberal horizon of our reading” (Duncan,2007:137)

dito anteriormente,¹⁵⁴ com um intuito de mediação catártica e terapêutica, e coloca este gênero num lugar próprio e diferente de outros gêneros narrativos, como eram “memoirs” ou a historiografia (sem gente dentro), definindo o seu papel na sociedade moderna. Walter Scott viveu entre as forças dialéticas do seu tempo, definindo também o seu caráter: o distanciamento do observador permitiu-lhe jogar com o diálogo dessas forças motrizes, como pudemos constatar nalguns prefácios, bem como a capacidade de se “outrar”, de desdobrar-se em concílio. De igual modo o seu *ethos*,¹⁵⁵ o seu modo de ser e de estar na vida como na literatura, traduz uma permanente relação dialética entre o homem de leis e o escritor, entre o historiador e o criador. Lukács tenta explicar o paradoxo, a extraordinária inconsistência do seu caráter: entre “Scott’s ‘aristocratic’ personal culture (‘his habits, his demeanour, and his desires’) and the ‘spirit of what is termed *liberalism*’ in his fiction, (...) he was the *chronicler* of the people” (George Lukács, *apud* Duncan, 2007:303).

Como reflexo desta dualidade, o romance histórico (tal como o pratica Walter Scott) funciona como comentário político¹⁵⁶ e cultural, cujos paratextos dão expressão a uma intenção de contextualizar, inovar e provocar a reflexão no leitor – os que acompanham as primeiras edições das obras -, bem como intervir de modo mais ativo, no aqui e agora do contexto de final da década de 1820 – as introduções e apêndices, novas dedicatórias, anexos e notas, que acrescenta e faz aglutinar na sua *Magnum Opus*, o seu legado¹⁵⁷.

If I had valued my own reputation, as it is said I ought in prudence to have done, I might have now drawn a line, and remained for life, (or who knows?) perhaps for some years after death, the “ingenious author of Waverley.”
“Introduction of Peveeril of the Peak”, Abbotsford 1st July 1831

¹⁵⁴ [Cfr. Parte II Capítulo 2]

¹⁵⁵ Ethos – comportamento, credibilidade e autoridade; Pathos – apelar às emoções do leitor; Logos – persuadir por meio do raciocínio, adaptado de “Aristotle’s Appeals”, acedido em setembro de 2011, de <<http://courses.durhamtech.edu/perkins/aris.html>>;

¹⁵⁶ “If Sir Walter Scott has gone to the grave in the belief that he is a Tory Writer, no man was ever the dupe of so gross a self-delusion”- Christian Isobel Johnstone, “On the Political Tendency of Sir Walter Scott’s Writings”, *apud* Duncan, 2007, p. 297.

¹⁵⁷ “He desired to plant a lasting root, and dreamt not of present fame, but of long distant generations rejoicing in the name of Scott of Abbotsford.” Lockhart (genro e biógrafo de Sir Walter Scott), Sutherland, 1997, p.1.

Referências

Bibliografia Primária:

Scott, Sir Walter, <<http://books.google.com>>:

_____, *Chronicles of The Canongate. The Highland Widow and The Two Drovers.* (1827), (First Series; 2 Vols.). *Waverley Novels* – Vol. XXXIX. [“Appendix – Theatrical Fund Dinner”], Boston: Parker’s Edition, 1836.

_____, *Chronicles of The Canongate. Saint Valentine’s Day or, The Fair Maid of Perth.* (1828), [Second Series]. *Collection of Ancient and Modern British Novels and Romances* – Vol. XXXVII. Paris: Baudry’s Foreign Library, 1832.

_____, *Halidon Hill: Dramatic Sketch, from Scottish History.* Edinburgh & London, 1822.

_____, *Ivanhoe.* *Waverley Novels* - Vol. XVI, (1819) Edinburgh: Adam and Charles Black, 1860.

_____, *Kenilworth.* (1820), Paris: Baudry’s Foreign Library, 1832.

_____, *Kenilworth.* (Vol. 1 of 2) Philadelphia: Parker’s Edition, 1836.

_____, *Kenilworth.* (Vol. 2 of 2) Boston: Parker’s Edition, 1831.

_____, *La Prison d’Edimbourg: Nouveaux Contes de Mon Hôte.* (Tome premier), Paris: Nicolle, 1819.

_____, *Marmion: A Tale of Flodden Field.* (1808), Edinburgh: Cadell, 1835.

_____, *Peveril of the Peak.* *Waverley Novels* – Vol. XXVIII, (1823), Edinburgh: Cadell; London Whittaker & Co., 1831.

_____, *Peveril of the Peak.* *Waverley Novels* – Vol. XXVII, (2 Vols.), (1823), Boston: Parker Edition; Philadelphia: Desilver, Thomas & Co., 1836.

_____, *Quentin Duward.* (Vols. 1, 2 & 3), Edinburgh & London, 1823.

_____, *Quentin Duward.* (Vols. 1, 2 & 3), Paris: Galignani, 1823.

_____, *Quentin Duward*. (Vols. 1 & 2), Boston: Parker; Philadelphia: Desilver, Thomas and Co., 1836.

_____, *Tales of a Grandfather. Being Stories Taken from Scottish History. Waverley Tales* – Vol. 47-48 (1828-1831 - First series), Boston: Parker's Edition, 1834.

_____, *Tales of a Grandfather. Being Stories Taken from Scottish History. Waverley Tales: Library Edition* – Vol. XXV (1828-1831 - Second series), Boston: Parker and Mussey, 1853.

_____, *Tales of a Grandfather. Being Stories Taken from Scottish History. Waverley Tales* – Vol. 50 (1828-1831 – Second series), Boston: Parker's Edition, 1834.

_____, *Tales of The Crusaders. The Betrothed*. (Vols. 1& 2), New York: Dyuckinck, Collins, Hannay, Bliss, White and Gilley, 1825.

_____, *Tales of The Crusaders. The Talisman*. (Vols. 3 & 4), Edinburgh: Constable; London: Hurst, Robinson & Co., 1825.

_____, *Tales of The Crusaders. The Betrothed. & Chronicles of the Canongate. The Highland Widow. Waverley Novels* – Vol. XIX. (Double Volume), Edinburgh: Adam & Charles Black, 1853.

_____, *The Abbot, Being the Sequel to The Monastery*. (1820), Paris, Baudry's European Library, 1838.

_____, *The Antiquary*. (Vols. 1, 2 & 3), Edinburgh & London, 1816.

_____, *The Antiquary. Waverly Novels* - Vol. 5, Boston: Samuel Parker, 1832.

_____, *The Antiquary*. (Copyright Edition), Edinburgh: Adam and Charles Black, 1867.

_____, *The Fortunes of Nigel*. (Vols. 1, 2, & 3), Edinburgh: Archibald & Constable; London: Hurst, Robinson & Co., 1822.

_____, *The Fortunes of Nigel*. (1822), Edinburgh: Adam and Charles Black, 1863.

_____, *The Heart of Mid-Lothian. Tales of My Landlord (Second Series)* (1818), Paris: Baudry's Foreign Library, 1831

_____, *The Monastery: A Romance*. (Vols. 1, 2, & 3), Edinburgh & London, 1820.

_____, *The Monastery. Waverly Novels - Vol. X*, (1820), Edinburgh: Adam and Charles, 1853.

_____, *Waverley or 'Tis Sixty Years Since*. (Vols. 1, 2, & 3), Edinburgh: Ballantyne, Constable; London: Longman et alii, 1814.

Scott, Sir Walter, *Ivanhoe*. (Tulloch, Graham, ed.) London: Penguin, 2000.

Bibliografia Secundária:

Briggs, Asa. "A procura de riqueza, poder e prazer." *História Social de Inglaterra*. cap.VII. Editorial Presença: Lisboa, 1994.

Broadie, Alexander, (ed.). *The Scottish Enlightenment: an Anthology*. Edinburgh: Canongate Classics, 1997.

_____, "Scottish Philosophy in the 18th Century", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2009 Edition)*, Edward N. Zalta(ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2009/entries/scottish-18th/>>.

Barroso, Durão "The Scottish enlightenment and the challenges for Europe in the 21st century; climate change and energy", Edinburgh University, 28 November 2006, <<http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=SPEECH/06/756&format=HTML&aged=1&language=EN&guiLanguage=en>> acedido a 5 de fevereiro de 2011.

Bebiano, R. "Sobre a História como Poética", 2000, p.19, de <www.ruibebiano.net>, acedido a 25 janeiro 2010.

Burke, Edmund, *Reflections on the French Revolution*. The Harvard Classics.1909–14, Parágrafo 133, <<http://www.bartleby.com/24/3/6.html>> acedido a 1 de outubro 2011.

Byron, Lord [George Gordon] “English Bards and Scotch Reviewers: A Satire”,
 acessado em abril de 2011 de <<http://www.readytogoebbooks.com/LB-English.htm>>

Ceia, Carlos “Introdução e Prefácio”, “Mote” e “Epígrafe”, in *E-Dicionário de Termos Literários*,
 acessado a 26 de junho de 2011 de <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=444&Itemid=2>,

Colley, Linda, *Britons: Forging the Nation, 1707-1837*. Yale University Press, (1992) 2009.

Cuttmore, John (ed.) *Quarterly Review Archive*. General Editors: Neil Fraistat, Steven E. Jones. Technical Editor: Laura Mandell
 <<http://www.rc.umd.edu/reference/qr/index.html>>, acessado a 15 de setembro de 2011.

Cuttmore, John (ed.), “Founding *The Quarterly Review* from 1808 to 1809”, *Quarterly Review Archive*, in <<http://www.rc.umd.edu/reference/qr/founding/intro.html>>

Defoe, Daniel, “The True Born Englishman”, in *A True Collection of the Writings of the author*. Part I, London and Westminster, 1703, <<http://bokks.google.com>>

Devine, T. M., *Scotland’s Empire, 1600-1815*. London: Penguin Books, 2004.

Driver, Julia, “The History of Utilitarianism”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2009 Edition)*, Edward N.Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2009/entries/utilitarianism-history/>>

Duncan, Ian, *Scott’s Shadow. The Novel in Romantic Edinburgh*. Chapt 5 - “The Rise of Fiction”, Princeton and Oxford University Press, 2007

Fleishman, Avron, *The English Historical Novel: Walter Scott to Virginia Woolf*. Baltimore: The John Hopkins Press, 1972.

Genette, Gerard, *Paratexts: Thresholds of Interpretation (Literature, Culture, Theory)*. [foreword by Richard Macksey], Cambridge University Press, 1997.

_____, *Palimpsestes. La littérature au second degré*, Paris: Seuil, 1982.

Goldman, Alvin, “Social Epistemology”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2010 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL =

<<http://plato.stanford.edu/archives/sum2010/entries/epistemology-social/>>, acessido em outubro de 2011.

Harris, Ian, "Edmund Burke", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2011 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), acessido a 20 julho de 2011, URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/burke/>>.

Hartwell, R.M. "Economic change in England and Europe", in Crawley, C.W.(ed.).*The New Cambridge Modern History: War and Peace in an Age of Upheaval 1793-1830*. Vol. IX. London:Cambridge University Press. 1974.

Herman, Arthur, *The Scottish Enlightenment: The Scots' Invention of the Modern World*. Harper Perennial: London, (2001) 2006.

Hickman, Kennedy, "the Battle of Flodden", acessido a 14 de outubro de 2011 de <<http://militaryhistory.about.com/od/battleswars14011600/p/flodden.htm>>

Hilton, Boyd, *A Mad, Bad, and Dangerous people? England 1783-1846*. Oxford: Clarendon Press, 2008.

Hobsbawm, & T.O. Ranger, eds., *The Invention of Tradition*, Cambridge University Press, 1993.

Hume, David *An Enquiry concerning Human Understanding*, section 8, "Of Liberty and Necessity", part I, 1764, acessido em Setembro de 2011 de <<http://books.google.com>>.

Kerr, James, *Fiction Against History: Scott as a Storyteller*. Cambridge University Press, new edition, 2006.

Lopes, Maria Alexandra Ambrósio, *Poéticas da Imperfeição. Autores e Tradutores na primeira metade de oitocentos: Walter Scott e André Joaquim Ramalho de Sousa*. Tese de Doutoramento em Estudos de Tradução, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, policopiada, outubro de 2010. (2010)

Lowenthal *The Past is a Foreign Country*. Cambridge University Press, 1985,

Mackenzie, Henry, *Works of Henry Mackenzie*, vol. V (de VIII), "Papers in the Lounger" no.6, Saturday March 12, 1785". Edinburgh: Cadell, 1808, from <<http://books.google.com>>

Macpherson, James, *The Poems of Ossian*. 1773, acessado a 21 de setembro de 2011 de <http://www.sacred-texts.com/neu/ossian/>

Mill, John Stuart “The Spirit of The Age, I” (73), in *Examiner*, 9 Jan., 1831, acessado a 23 de outubro de 2009 de <<http://oll.libertyfund.org>>

Morris, William Edward, "David Hume", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2010 Edition)*. Edward N. Zalta (ed.), acessado a 25 de julho de 2011 de URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2010/entries/hume/>>.

Pittock, Murray, “Historiography”, in Broadie, Alexander (ed.), *The Cambridge Companion to the Scottish Enlightenment*. Cambridge University Press, 2010.

Pincus, Steve “The Glorious Revolution”, acessado a 9 de outubro de 2011 <http://www.blackwell-compass.com/subject/history/article_view?article_id=hico_articles_bsl003>

Reis, Carlos e Lopes, Ana C.M., *Dicionário de Narratologia*. Almedina, 1987.

Rigney, Ann, *Imperfect Histories: The Elusive Past and The Legacy of Romantic Historicism*. Cornell University Press, 2001.

Scott, Walter, “Clara Reeve”, *Miscellaneous Prose Works of Sir Walter Scott, Bart.* Edinburgh: Cadell, 1827.

Seaman, L.C.B., “Challenge and response. Approximate dates: from before 1760 until after 1860”. *A New History of England*. part 6. London: Macmillan, 1981.

Shakespeare, William, *Henry V, The Arden Shakespeare*. (T.W.Craik editor), London&New York: Routledge, 1995.

Shattock, Joanne, *The Cambridge Bibliography of English Literature*. Volume 4; Volumes 1800-1900. “Sir Walter Scott”, 1^a edição, 1999, in <<http://books.google.com>>, acessado a 14 de agosto de 2011

Sutherland, John, *The Life of Walter Scott: A Critical Biography*. Oxford: Blackwell, 1997.

Trevor-Roper, H.R., “The invention of tradition: the Highland Tradition of Scotland”, in E.J. Hobsbawm & T.O. Ranger, eds., *The Invention of Tradition*. Cambridge University Press, 1993.

Trevelyan, George Macaulay, “Scottish society”, *A shortened History of England*. (1943) London: Penguin Books, 1980.

Wade, John, *The Black Book: Corruption Unmasked*. (1823) acedido a 1 outubro 2011, <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRwade.htm>>

White, Hayden, *The Content of the Form*. Baltimore & London: The John Hopkins University Press, 1990

Zalta, Edward N. (ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/>>

Outros recursos referenciados:

Sobre Walter Scott

Abbotsford <<http://www.scottsabbotsford.co.uk/>>

Catalogue of the Library at Abbotsford <<http://www.scottsabbotsford.co.uk/>>

<<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/>>

<<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/works/index.html>>

<<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/works/poetry/apology/essay.html>>

<<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/homes.html>>

<<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/cc031.html>>

<<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/biography/education.html>>

<www.scottsabbotsford.co.uk>

National Library of Scotland [305 complete volumes (1809-1967)] de <<http://digital.nls.uk/jma/topics/publishing/quarterly-review.html>> acessido a 30 de setembro de 2011

Bibliographie de la France, 1821, <<http://books.google.com>>

The Edinburgh Literary Journal, or Weekly Register of Criticism and Belles Lettres, <<http://books.google.com>>

The London Literary Gazette and Journal of Belles Lettres, Arts, Sciences, etc., <<http://books.google.com>>

The Gentleman's Magazine: and Historical Chronicle. Sylvanus Urban, Gent. (ed.), <<http://books.google.com>>

Outros:

Dicionário Online Michaellis

Oxford Dictionary of National Biography, Oxford University Press, Sept 2004; [online ed., Jan 2008].

“The Kingdom of Heaven”, de Ridley Scott, de 2005

<<http://www.andrewgrahamdixon.com/archive/readArticle/849>>

<<http://www.books.google.com>>

<<http://digital.nls.uk/scientists/biographies/joseph-black/index.html>>

<<http://digital.nls.uk/scientists/biographies/james-hutton/index.html>>

<<http://digital.nls.uk/scotlandspages/timeline/18222.html>>

<http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=444&Itemid=2>

<<http://freepages.genealogy.rootsweb.ancestry.com/~havens5/p4071.htm>>

<<http://www.legislation.gov.uk/apgb/Geo2/20/43>>

<<http://www.rls.org.uk/database/record.php?usi=000-000-001-459-L>>.

<<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRwade.htm>>

<[http://www.tudorplace.com.ar/Bios/HenryPole\(1BMontagu\).htm](http://www.tudorplace.com.ar/Bios/HenryPole(1BMontagu).htm)>.

Imagens:

<<http://www.anselm.edu/academic/history/hdubrulle/ModernBritain/text/generalinfo/gallery02.htm>>

<www.frontporchrepublic.com>

<<http://www.historyhome.co.uk/c-eight/france/frevpitt.htm>>

<www.homepage.mac.com>

<www.rc.umd.edu>

<www.tate.org.uk>

<www.tara.tcd.ie>

<<http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/history/atoz/thinkingaloud/podcasts/parliament/dyoudknow/>>

<<http://www.WikimediaCommons.com>>

